

LUIZA HOOPER MORETTI

**A função da história nos escritos de James Wycliffe Headlam-Morley
(1891-1929)**

Brasília

2018

LUIZA HOOPER MORETTI

**A função da história nos escritos de James Wycliffe Headlam-Morley
(1891-1929)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: Sociedade, Cultura e Política

Linha de Pesquisa: Ideias, Historiografia e Teoria

Orientador: Arthur Alfaix Assis

Brasília

2018

Resumo

Este trabalho busca compreender a função atribuída à história pelo historiador e funcionário público inglês James Wycliffe Headlam, cuja produção acadêmica e intelectual se deu entre 1891 e 1929. Headlam transitou por diferentes temáticas e também por diferentes ambientes de trabalho e produção intelectual. Buscamos compreender se os contextos de construção desses textos influenciaram a definição da função da história no pensamento deste autor. Os escritos analisados apresentam três temas principais aos quais Headlam se dedicou, sendo eles a antiguidade clássica, com foco na democracia ateniense, a história no ambiente educacional inglês e a Primeira Guerra Mundial, com foco – mas não se restringindo – na diplomacia. A pesquisa se fez através da leitura e análise do conjunto da obra do autor, com foco na busca de referências aos temas da função da história e do papel do historiador na sociedade. A conclusão a que chegamos é a de que a função exemplar foi a finalidade predominante atribuída por Headlam ao conhecimento histórico, embora não tenha sido a única. A história recebe também grande importância na construção do senso crítico das pessoas e na consciência cívica inglesa. Ainda, o autor também deu ênfase a algumas características típicas da sociedade inglesa por vezes escrevendo sob vieses adaptados ao contexto em que se encontrava, como a discussão sobre a culpa da Primeira Guerra ou as tradições liberais na política inglesa.

Palavras-chave: Função da história; James Wycliffe Headlam; historiografia inglesa.

Abstract

This work seeks to comprehend the function attributed to History by the work of Historian and Public server of Englishman James Wycliffe Headlam, which academic and intellectual work happened between 1891 and 1929. Headlam transited through different topics and also through different work environment and intellectual production. We seek to understand if the context of these text constructions influenced the definition of the History job through this author's mind. The analyzed texts present three main themes which Headlam dedicated himself to, being the classic ancient, focused on the Athenian democracy, the History on the English education field and the World War I, focused – but not limited to – diplomacy. The research was done through the reading and analysis of his body of work, focused on the search of references to the themes of History function and his role on society. The conclusion we come across is that the exemplary function was predominantly attributed by Headlam to historic knowledge, although it wasn't the only one. History also receives great importance to the construction of people's critic senses and for English civic conscience. In addition, the author gave emphasis to some of the typical English society features by writing under adapted biases to the context in which it was found, such as the discussion of the guilt of the World War I and the England's liberal politics traditions.

Keywords: history purpose; James Wycliffe Headlam; British historiography.

LISTA DE SIGLAS

BoE – *Board of Education*

DIIB – *Department of Information's Intelligence Bureau*

FO – *Foreign Office*

HMI – *Her (His) Majesty's Inspectors*

LEA – *Local Education Authorities*

PID – *Political Intelligence Department*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1. ANTIGUIDADE E MODERNIDADE: A DEMOCRACIA GREGA COMO EXEMPLO HISTÓRICO	17
CAPÍTULO 2. CONSCIÊNCIA CÍVICA: AS METAS DO ENSINO DE HISTÓRIA	34
CAPÍTULO 3. A HISTÓRIA POLÍTICA MODERNA: ANTES, DURANTE E DEPOIS DA 1ª GUERRA MUNDIAL	56
CONCLUSÃO.....	76
REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa os textos de James Wycliffe Headlam, historiador e funcionário público inglês que transitou por diversas temáticas historiográficas durante seus anos de produção intelectual. O recorte temporal se inicia em 1891, ano da publicação do primeiro texto do autor a que obtivemos acesso, *Election by Lot at Athens*, e termina em 1928, um ano antes de seu falecimento, ano em que Headlam escreveu a “Historical Introduction” ao livro *German Diplomatic Documents, 1871-1914*, organizado por E. T. S. Dugdale para divulgar na Inglaterra os documentos diplomáticos de guerra da Alemanha, demanda de estudiosos de várias áreas desde o fim da guerra.¹

Headlam – que em 1918 assumiu o nome Morley e o título de nobreza a ele associado, passando a responder por Sir James W. Headlam-Morley – nasceu na Inglaterra em 1863, estudou e se tornou *King’s Scholar* na *Eton College*², uma das *Grammar Schools* mais prestigiadas da Inglaterra, só para garotos, onde se estudava grego e latim além de outras disciplinas literárias como história, geografia e literatura. A ideia era que o hábito de leitura e estudo dos clássicos dariam aos alunos novos conhecimentos lógicos e racionais e visão de mundo diferenciada. Fez seu ensino superior no *King’s College* da Universidade de Cambridge, formando-se com um *double major*³ no Tripos Clássico em 1887, curso de 3 a 4 anos com enfoque clássico consistindo no estudo de grego e latim (pelo menos intermediário), literatura clássica, história, arte e arqueologia clássicas, filosofia clássica e linguística. No final do curso, os alunos deveriam escolher uma área de ênfase para seus estudos e trabalho final. Esse curso era equivalente ao curso *Alíneas Humaniores* da Universidade de Oxford. Em 1890 se tornou bolsista pesquisador do *King’s College* (*fellowship* que manteve até 1896) e foi estudar na Alemanha para aprimorar seus conhecimentos tanto na língua quanto nos estudos históricos, tendo estudado com historiadores como Heinrich Treitschke e Hans Delbrück.⁴

¹ Este trabalho é fruto de pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília com auxílio mensal da FAP/DF.

² Alunos que entram por um exame de seleção da própria escola e passam a ser tratados com honorarias, uniformes diferenciados, bolsas de estudos, alimentação e residência especial. Vários nomes importantes da Inglaterra foram *King’s Scholar*, por exemplo: Aldoux Huxley, John M. Keynes, Simon P. Norton, John P. Morrison.

³ Algumas universidades no exterior, principalmente no Estados Unidos, possibilitam que os estudantes façam seus cursos em mais de uma parte, sendo cada parte com foco em uma área diferente – mas normalmente relacionadas. Pode acontecer também como uma dupla graduação, sendo os créditos de dois cursos cumpridos ao mesmo tempo para receber os dois diplomas no final da graduação.

⁴ GOLDSTEIN, E. Morley, Sir James Wycliffe Headlam- (1863–1929). *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004.

Entre 1894 e 1900 foi professor de História Antiga e de Grego no *Queen's College* de Londres, e participou, entre 1894-5, de uma comissão real voltada à educação secundária sob comando de James Bryce. Em 1902 passou a integrar o corpo de funcionários do *Board of Education* e em 1904 se tornou inspetor permanente das escolas secundárias. Trabalhando com educação no *Board of Education* e tendo uma forte ligação com a Alemanha, ele se interessou pelas reformas educacionais que aconteciam no país germânico, o que o levou a também se envolver com a história moderna e contemporânea desse país e suas relações com a Inglaterra.

Em 1914 Headlam foi convidado para fazer parte da *Wellington House*, o recentemente fundado Departamento de Propaganda de Guerra da Inglaterra. Em 1917 ele se une ao corpo de funcionários do *Department of Information's Intelligence Bureau* (DIIB) e depois passa ao *Political Intelligence Department* (PID) do *Foreign Office* (FO) britânico, onde se torna o especialista em temáticas relacionadas à Alemanha. Seu trabalho durante todo esse período estava voltado à história política contemporânea alemã e inglesa, e a assuntos específicos da guerra, como *The History of Twelve Days, July 24th to August 4th, 1914* (1915), no qual ele faz um panorama dos acontecimentos diplomáticos que precederam diretamente a guerra, e *The Starvation of Germany* (1917), no qual analisa uma situação específica que ocorre durante a guerra, comparando suas causas e consequências na Alemanha e Inglaterra. Ainda, o PID foi responsável por produzir diversos documentos em preparação para a Conferência de Paz realizada após a guerra.

Em 1919, Headlam participou da comissão do FO que foi para a Conferência de Paz de Paris, e durante a Conferência se envolveu na fundação do *Royal Institute of International Affairs*⁵, conhecido também por *Chatham House*, que tinha foco em pesquisa, análise e troca de conhecimento sobre temáticas da diplomacia e principalmente das Relações Internacionais. Em 1920 o PID foi extinto, porém Headlam foi reposicionado internamente no *Foreign Office* como *Historical Adviser*, um cargo criado especialmente para ele dentro do órgão e no qual trabalhou até se aposentar em 1928, “It was a position ideally suited to his talents and to his belief that the Office must become more open in its dealings with the intelligent and informed public.”⁶ e a ele eram pedidos pequenos resumos e comentários sobre alguns assuntos.

⁵ Inicialmente London Institute of International Affairs.

⁶ SHARP, A. James Headlam-Morley: Creating International History. **Diplomacy & Statecraft**, vol. 9, n. 3, 1998, pp. 275.

Nesse período, continuou produzindo sobre a guerra, incluindo livros como *Studies in Diplomatic History* (1930), editado por seus filhos e publicado postmortum, artigos de jornais locais principalmente sobre a guerra e suas repercussões, causas e consequências. Além dessa produção, ele foi responsável por um alto número de comentários sobre livros publicados no jornal *Times Literary Supplement*⁷ – a maior parte desses anonimamente, dada sua posição no FO. Além disso, Headlam escreveu alguns breves artigos sobre diferentes temáticas a pedido de Winston Churchill para auxiliá-lo na escrita de seu livro *The World Crisis* (1923) quando o assunto tratado não era de sua alçada, dentre essas temáticas estava a guerra Turco-Italiana entre 1911-1912 e a origem da Entente.

Headlam era considerado autoridade nos assuntos aos quais se dedicou, visto que seus trabalhos apresentavam ampla utilização das fontes disponíveis para tais temáticas. No que concerne o livro *Election by Lot at Athens*, por exemplo, o próprio autor observa em sua introdução que enquanto finalizava seu livro, a Politeia de Aristóteles foi descoberta, mas não foi possível analisá-la completamente e refazer todo seu texto com essas novas informações, porém ele faz um breve exame dela no apêndice do livro e conclui que a interpretação que estava dando para a constituição ateniense era corroborada pelas informações contidas nesse novo documento. Ainda que esse livro seja um dos mais comentados ou citados quando buscamos pelo nome do autor em motores de busca científica e acadêmica, é muito pouco explorado por essa bibliografia, sendo referenciado principalmente para informações e detalhes pontuais considerados inéditos em sua pesquisa, por exemplo a justificativa não religiosa para o sorteio ou algumas datas. Não foi possível, ademais, encontrar nenhuma bibliografia que discutisse especificamente as ideias deste autor, explorando este texto ou outro(s), com relação ao pensamento ou a função da história antiga, grega, latina ou das próprias línguas – o grego e o latim.

O livro *The History of Twelve Days* (1915), como escreveu Gooch, era a principal fonte para compreensão das mudanças ocorridas na Europa naquele momento e também das políticas britânicas naquelas circunstâncias⁸ até que as principais potências da Guerra abriram seus arquivos e novas informações foram liberadas para o público e pesquisadores. Assim, Headlam pretendia revisar e atualizar seus trabalhos, sendo essa,

⁷ Essas resenhas não eram assinadas, porém encontramos na coleção de Headlam no Churchill College Archives Centre dois livros com recortes de jornais de diversos artigos e dessas resenhas. Esses livros tinham na capa o nome de Headlam e no índice a relação dos recortes em ordem alfabética.

⁸ GOOCH, G. P. Sir James Headlam-Morley. **Journal of the Royal Institute of International Affairs**, vol. 8, n. 5, p. 410-412, 1929, pp. 411.

por exemplo, a sua tentativa ao publicar *The German Chancellor and the Outbreak of the War*, em 1917, um complemento ao livro anterior em face às novas fontes publicadas. O livro *Bismarck and the Foundation of the German Empire*, publicado pela série *The Heroes of the Nations*, possibilitou Headlam ser reconhecido como autoridade em assuntos relacionados à Alemanha e ser reconhecido nos meios intelectuais em que estava envolvido, tornando-o uma das referências nas pesquisas sobre esse país e as suas relações políticas com a Inglaterra, principalmente após a primeira guerra. Os textos produzidos pelo autor sobre esses assuntos são, conseqüentemente, os mais trabalhados pela bibliografia de apoio encontrada. A maior parte discute, a partir de memórias, cartas e falas de Headlam (e não de seus textos mais acadêmicos) a Conferência de Paris de 1919 e o Tratado de Paz de Versalhes, porém há também referências a ele sobre o início da guerra ou sobre o fortalecimento da história diplomática e das relações internacionais nesse período. Ainda assim, essas referências são parcas e não aprofundam no pensamento específico do autor, apenas pontuando algumas de suas ideias ou opiniões.

Nesta dissertação, buscamos compreender, no todo da obra desse autor, que função ou funções são atribuídas à história. Para tal, é necessário compreender as fases pelas quais o autor passa, tal como apresentadas acima, além do foco que ele deu para seus escritos em cada uma delas. Nessa linha, percebemos que o autor tem, pelo menos, três interesses principais em sua carreira, iniciando pela antiguidade, voltando-se para educação e depois, principalmente após 1914, centrando-se na história política contemporânea – relacionada à Primeira Guerra –, diplomática e das Relações Internacionais.

Porém, é importante esclarecer que essas fases não seguem uma divisão temporal absoluta, visto que textos de algumas épocas se referem a temáticas que aqui dizemos estar “antes” ou “depois” de outra. Por exemplo, há textos de 1901 e 1904 sobre história política moderna e contemporânea da Europa e da Inglaterra que não tratam de temas de educação, mesmo que neste período, em nossa breve cronologia de sua vida, ele fosse funcionário público do *Board of Education* e a maior parte de sua produção tenha sido sobre educação. Ao mesmo tempo, tanto em 1916 quanto em 1927, período que seu foco principal estava na construção de documentos voltados às temáticas da Primeira Guerra e à história diplomática, Headlam participou de comissões sobre diferentes políticas educacionais britânicas em seus domínios, por exemplo a viagem que fez à Palestina quando esta era mandato inglês sob a Liga das Nações que resultou no “Report on the Anglican Schools in Palestine”, 1927.

Partindo desse princípio, buscamos compreender se a função da história no pensamento de James W. Headlam se mantém estável ou sofre variações nas diferentes abordagens que marcam as diferentes fases de seus escritos, ou ainda, se há alterações que podem ser percebidas como relacionadas ao formato do texto, visto que o autor não publicou apenas trabalhos historiográficos em formato de livros completos, mas também panfletos de guerra, resenhas, *reports* de visitas técnicas e memorandos. Por fim, o contexto de escrita dos textos também pode influenciar na função que ele confere à história, principalmente quando se trata de assuntos tão contemporâneos quanto a guerra que ele viveu e em que atuou na prática. Buscamos, nesse caso, analisar a função da história nas especificidades do contexto e temática de escrita de cada fonte através da leitura e análise direta da produção intelectual do autor.

O referencial teórico da pesquisa foi sendo selecionado de acordo com a leitura e interpretação das fontes e a necessidade de compreendê-las dentro do quadro mais amplo de produção e de desenvolvimento das ideias contidas nelas. Assim, uma base necessária nos foi dada pelos trabalhos sobre a produção intelectual inglesa do século XIX e início do XX de autoria de George Peabody Gooch, Ernst Breisach e Michael Bentley.

O livro *Historiography: Ancient, Medieval & Modern* de Breisach, cuja primeira edição é de 1983, é um apanhado geral da história da historiografia ocidental e em alguns capítulos aborda o período aqui trabalhado e também, especificamente, a historiografia inglesa. A obra é que fornece um panorama da produção historiográfica na Inglaterra em comparação com França, Alemanha, e ainda com enfoque em pontos caros ao estudo da história, como a questão da busca pela verdade e a ideia de progresso. Dessa forma, podemos ter ideia do desenvolvimento da historiografia inglesa juntamente com essas outras duas historiografias ocidentais mais proeminentes do século XIX e início do XX.⁹

G. P. Gooch, em seu livro *History and Historians in the Nineteenth Century*, de 1913¹⁰, tenta dar um panorama geral dos principais autores e temáticas da historiografia ocidental, não apenas inglesa. O livro está dividido em capítulos por autores ou temas, porém no que concerne a historiografia inglesa especificamente, os autores discutidos são agrupados de acordo com as características que os ligam entre si, seguindo uma linha descritiva e quase cronológica da produção dos mesmos e da influência que exerceram

⁹ BREISACH, E. **Historiography: Ancient, Medieval & Modern**. 2nd edition. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

¹⁰ O livro foi publicado inicialmente em 1913, aqui utilizamos a terceira impressão, de 1920, que possui todos os prefácios das impressões anteriores indicando a existência algumas pequenas adições na escrita de acordo com novos trabalhos publicados sobre os temas abordados.

uns sobre outros. O autor apresenta Sharon Turner (1768-1847), Henry Hallam (1777-1859) e Thomas Babington Macaulay (1800-1859) como primeiros representantes da historiografia *whig* e também os primeiros a produzirem o conhecimento histórico na Inglaterra de forma sistemática. Em outro capítulo Gooch agrupa William Mitford (1744-1827), Connop Thirlwall (1797-1875) e George Grote (1794-1871) por serem representantes do estudo em história clássica na Inglaterra, principalmente sobre Grécia e democracia, que segundo Gooch era um interesse recorrente entre os historiadores dessa tradição na ilha. O livro também dedica um capítulo à Escola de Oxford, isto é, a William Stubbs (1825-1901), Edward Augustus Freeman (1823-1892) e outros que, nessa universidade, iniciaram e fortaleceram o estudo da história constitucional. A partir da leitura deste livro conseguimos ter uma visão geral das ideias e textos dos principais autores ingleses que influenciaram Headlam ou que eram seus contemporâneos.¹¹

Diferentemente dos dois autores anteriores, Michael Bentley, em seu livro *Modernizing England's Past: English Historiography in the Age of Modernism, 1870 – 1970*, de 2005, divide seus capítulos em dualidades temáticas que, segundo ele, aparecem entre os proeminentes historiadores ingleses do período abordado, entre elas estão ‘Constituição e nação’, ‘Igreja e Estado’, ‘Império e guerra’. Bentley pretende mostrar o modo de pensar desses historiadores a partir desses binômios, que possuem várias características e não eram um bloco único de pensamento, sofrendo influências de seus pares nacionais e internacionais e ainda proporcionando abordagens diferentes para linhas teóricas como a história política.¹²

Outra dualidade apresentada Bentley diz respeito à divisão entre os historiadores *whigs* e os historiadores que vieram depois dos *whigs*, por ele denominados de modernistas. Segundo ele, a historiografia *whig* – que não se confunde com os políticos *Whigs*¹³ – era criticada por se envolver emocionalmente com as fontes e a “verdade”, e por escrever, antes de tudo, uma narrativa histórica (story) em vez de história (history) propriamente dita. “For the most part we can follow our modernists in their sense of themselves as practical people doing a practical activity”,¹⁴ sendo que escrever história,

¹¹ GOOCH, G. P. **History and Historians in the Nineteenth Century**. 3rd impression. Londres: Longmans, Green and Co., 1920.

¹² BENTLEY, M. **Modernizing England's Past: English Historiography in the Age of Modernism, 1870 – 1970**. online ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2005.

¹³ Bentley diferencia os *whigs*, com letra inicial minúscula, como aqueles historiadores desta tendência, e os *Whigs*, com inicial maiúscula, como os políticos ingleses de tendência liberal. Isso porque nem todos os historiadores *whigs* eram liberais politicamente. Aqui utilizamos a mesma diferenciação, quando necessário.

¹⁴ BENTLEY, M. **Modernizing England's Past...** pp. 11.

para os modernistas, era uma investigação, uma pesquisa para compreensão dos fatos através da força das evidências e da verdade.

They wanted their arguments to compel acceptance through their sheer force of evidence and depth of footnotes, as though a modernized history had no need for rhetoric. They insisted that the new century wanted a history that was true, or as true as it could be made.¹⁵

Dentre os *whigs*, Bentley centra-se em um representante de uma versão que ele considera um pouco mais sofisticada, William Stubbs, que enfatiza muito uma historiografia de raízes germânicas e que não exclui o valor da análise das fontes, mas busca uma compreensão do passado a partir do presente, com utilização da retórica e imaginação quando necessária, com um pé na especulação. Ainda, segundo o próprio Bentley, é possível ver que, mesmo tendo perdido muito espaço para os modernistas, principalmente após a guerra, muito das preocupações *whigs* se mantiveram por um tempo e não foram totalmente superadas pelos modernistas e sua visão historiográfica e metodológica.

Nossa análise parte dessas percepções para tentar compreender o pensamento de Headlam e de quais funções ele reveste a história ao mesmo tempo que se liga a determinadas características destas perspectivas historiográficas que estavam em voga na Inglaterra de sua época. Não foi possível, porém, conectar o pensamento de Headlam a uma tendência política ou ideológica específica da historiografia ou política inglesa. Foi possível perceber que o autor evita defender pontos específicos característicos de uma ou outra visão, buscando adotar um posicionamento mais neutro.

Pudemos perceber que os interesses do autor se encaixam nas temáticas mais caras aos historiadores do período, como história política, fosse sobre a organização política da polis grega de Atenas ou sobre Bismarck, e relacionada à guerra, quando fez parte do *Foreign Office* e tinha o foco nas relações da Inglaterra com a Alemanha.

Este trabalho está estruturado de acordo com as três grandes linhas de interesse e trabalho de Headlam identificadas no decorrer da seleção e leitura das fontes – antiguidade, educação e história política e diplomática. Assim, o primeiro capítulo aborda a função da história nos escritos de Headlam sobre antiguidade clássica, com foco no livro *Election by Lot at Athens*, sua obra mais completa sobre essa temática. O segundo capítulo buscou compreender a função da história atribuída por Headlam no contexto dos estudos sobre educação e ensino de história ou de outras disciplinas como temática

¹⁵ BENTLEY, M. *Modernizing England's Past...* pp. 15.

principal. Por fim, o terceiro capítulo foca na função que Headlam atribui à história nos textos sobre história política e diplomática moderna e contemporânea. Salientamos que esta divisão não abarca a totalidade dos documentos do autor, por exemplo suas cartas pessoais, e foi definida de acordo com a leitura e seleção das fontes, não estando consolidada na bibliografia de apoio biográfico, visto que Headlam não é um autor cujo pensamento e obra fora extensamente explorado.

No que concerne as fontes analisadas em cada capítulo, é importante ressaltar que conseguimos acesso a elas de duas formas principais, a primeira foi por meio digital, através do site da editora *Forgotten Books*, especializada em restauração e publicação de livros e documentos antigos e raros, e do site *archive.org*¹⁶, uma biblioteca online livre multimídia e não-lucrativa. A segunda forma foi através de pesquisa feita na coleção de Headlam no *Churchill College Archives Centre* da Universidade de Cambridge, Reino Unido¹⁷. Esta coleção é composta por um grande número de documentos do autor e de sua filha, Agnes Headlam-Morley, que foram doados a este arquivo pela própria Agnes e pela nora de J. W. Headlam em diferentes ocasiões entre 1986 e 1997¹⁸. São 111 caixas no total, sendo que quase a sua totalidade é composta por documentos de James W. Headlam divididos de forma desordenada e sem muito tratamento e formado por tipos diferentes de documentos – cartas pessoais, artigos e documentos da Conferência de Versalhes, documentos de sua época de inspetor, incluindo atas e transcrições de reuniões, textos de seu trabalho como *Historical Adviser* e também de seu trabalho como *HMI*, além de documentos pessoais desde sua infância, cadernos de anotações de aulas, cartas pessoais trocadas com esposa e filhos e panfletos de atividades cotidianas diversas, como convites para cerimônias.

Os documentos estão misturados em cada caixa e é necessário passar por todas as caixas para compreender a extensão da documentação e também para analisar, reconhecer e precisar aquilo que é útil para a pesquisa ou não naquele momento. As caixas são apresentadas por temáticas, porém os documentos internamente não seguem ordem específica e por isso a pesquisa e levantamento de fontes demandam maior tempo. Nesse sentido, e devido ao tempo limitado que tínhamos no espaço físico do arquivo,

¹⁶ Por não ser uma editora como a *Forgotten Books*, os documentos encontrados no site *Archives.org* foram utilizados apenas quando as versões da editora apresentavam alguma limitação (páginas travadas, em branco ou faltando); esse site também apresenta, por vezes, várias versões dos documentos, e quando foi o caso, baixamos a versão que apresentava melhor legibilidade.

¹⁷ Através de visita técnica em julho de 2017 financiada pelo Edital 01/2017 da FAP/DF

¹⁸ Informações retiradas do site oficial do arquivo.

delimitamos a busca por fonte àquelas com características documentais não pessoais – eliminando correspondências, por exemplo – e de produção intelectual – artigos e livros – ou laboral – como relatórios, atas, memorandos. Também deixamos de fora textos publicados em jornais e revistas correntes que não eram acadêmicos, como o *Times Literary Supplement* ou o *Daily Chronicle*.

Nos deparamos com esta coleção a partir de pesquisas sobre a biografia e a produção intelectual do autor, bem como com coleções de Headlam ou familiares em outros arquivos do Reino Unido, como na *Ulster University*, em Coleraine, Irlanda do Norte, e no arquivo e biblioteca da *Durham University*, em Durham, Inglaterra. Não foi possível visitar estes dois outros arquivos, cuja documentação de Headlam é mais específica sobre o período da Primeira Guerra Mundial.

No primeiro capítulo analisamos o primeiro conjunto de fontes no qual o cerne da discussão do autor era história antiga, especificamente da Grécia Antiga. As fontes para essa análise são em menor quantidade, sendo *Election by Lot at Athens* a mais extensa delas, publicada em formato de livro em 1891; os outros textos sobre antiguidade escritos pelo autor a que obtivemos acesso são pequenos artigos de 4 a 5 páginas publicados na revista *The Classical Review* e um estudo sobre o código de Gortina publicado na revista *Journal of Hellenic Studies*.

A maior parte dos documentos do segundo capítulo são memorandos e relatórios escritos durante um período de reformulação da educação britânica no início do século XX, por exemplo “Report on the Instruction of Persons intending to become Teachers in Public Elementary Schools”, de 1906, e sobre ensino de latim e de história nas escolas. Dentre essas fontes não há nenhum livro completo ou estudo historiográfico desse tipo, e a maior parte delas foram produzidas dentro das finalidades do governo e não são apenas a simples e direta opinião do autor. Este contexto é importante pois visualizamos a função da história em situações de aplicação – ou pelo menos de indicação de como aplicar – prática desse conhecimento. Essa característica também pode ser vista a partir do contexto de produção de algumas das fontes analisadas no capítulo 3, durante seu trabalho no FO e no DIP em que muitos textos tinham objetivos específicos que buscavam atingir, como *Belgium and Greece* e *The Dead Lands of Europe*, ambos de 1917. Ainda neste capítulo analisamos outros textos em que Headlam foca em história política moderna e contemporânea e, assim, vamos além do período da guerra, pois o autor nunca deixou de se dedicar a estas temáticas, e voltamos um pouco no tempo, analisando o livro biográfico

Bismarck and the Foundation of the German Empire, que Headlam escreveu em 1899, e algumas palestras que deu na primeira década do século XX.

Em 1897 Headlam escreveu um artigo-obituário sobre Heinrich von Treitschke para a *English Historical Review* e, apesar de temporalmente ter sido escrito no período em que o autor mais se dedicava aos clássicos, seu foco era mais biográfico, teórico e político. Essa fonte se mostrou transversal à divisão aqui apresentada, cruzando as diferentes temáticas abordadas durante a nossa análise.

É importante pontuar que nos limitamos a examinar e apresentar aqui os textos que continham as ideias do autor sobre a função da história, não cabendo a exposição daqueles que não nos davam pistas sobre este ponto específico de investigação. Assim, é possível afirmar que não encerramos nesta pesquisa toda a extensão da produção bibliográfica de Headlam.

CAPÍTULO 1. ANTIGUIDADE E MODERNIDADE: A DEMOCRACIA GREGA COMO EXEMPLO HISTÓRICO

Neste capítulo buscamos analisar as obras de Headlam sobre temáticas de história antiga, a fim de compreender a função que ele atribui à história na perspectiva dos estudos clássicos. Headlam iniciou sua carreira de historiador e estudioso escrevendo sobre assuntos da antiguidade clássica, se dedicando a vários objetos de análise diferentes, se aprofundando mais em uns do que em outros. Empenhou-se, principalmente, nos estudos sobre a Grécia Antiga, sendo a história romana e de outras cidades e civilizações clássicas evocadas apenas como exemplos em alguns de seus escritos.

Nos primeiros anos de graduado, principalmente entre 1892 e 1893, publicou vários pequenos artigos na revista *The Classical Review*, que não ultrapassavam 5 páginas cada. Esses artigos têm a forma de breves comentários e abordam recortes temáticos bastante restritos, como “On the use of the Hiatus in the Politeia”¹⁹ e “Notes on Early Athenian History”²⁰. Alguns são, ainda, resenhas de livros sobre antiguidade. Essa característica dificultou nossa pesquisa, pois nessas poucas páginas Headlam não fala sobre a função dessas pesquisas ou assuntos históricos.

Porém, é no livro *Election by Lot at Athens*²¹ que as ideias de Headlam sobre antiguidade e seu estudo são mais elaboradas. Publicado em 1891, após ganhar em 1890 o prêmio *Prince Consort* de dissertações na Universidade de Cambridge, este foi seu primeiro texto publicado e seu enfoque era a democracia ateniense e as eleições por sorteio, que ele considerava como principal característica democrática do processo político desenvolvido naquela cidade. Outro ponto importante desse seu estudo é a comparação da democracia ateniense com a democracia moderna, colocando o sorteio como diferença crucial entre essas duas formas de governo. Esse livro será o nosso principal objeto de análise neste capítulo, sendo o objetivo compreender qual a função que Headlam atribui à história no seu estudo sobre a democracia ateniense.

¹⁹ HEADLAM, J. W. On the use of the Hiatus in the Politeia. **The Classical Review**, Vol. V, n. 6, 1891. pp. 270-272.

²⁰ HEADLAM, J. W. Notes on Early Athenian History. **The Classical Review**, Vol. VI, n. 6, 1892. pp. 249-253.

²¹ Em visita à coleção de Headlam no Churchill Archives Centre, no Churchill College, Cambridge University, no Reino Unido encontramos uma versão manuscrita deste livro, datada de 1889, cuja capa indicava ser uma versão finalizada, que ele enviou para outros acadêmicos darem seus pareceres. Esta versão do arquivo possuía apenas um breve texto introdutório datilografado, intitulado “Prefatory Note”, e que é diferente do prefácio do livro publicado em 1891, mas que não traz nenhuma informação extra que nos auxilie a compreender a função que ele atribui à história.

O autor inicia o livro de 1891 com um prefácio que apresenta o principal objetivo da obra, qual seja, compreender a eleição por sorteio que ocorria em Atenas. Segundo ele, nenhum estudo até então conseguira apresentar informações suficientemente completas sobre o que era esse modelo de eleição, como era utilizado e quais eram seus efeitos políticos. Ainda, ele completa dizendo que se se deseja compreender de verdade a democracia ateniense, é necessária uma compreensão melhor desse processo eleitoral, coisa que os estudiosos do período deixavam passar.²²

Nesse ponto ele passa a falar dos autores que ele usou como base para seu estudo, fazendo elogios e críticas a suas obras. Headlam passa a comparar estudiosos modernos com estudiosos mais velhos, como August Boeckh (1785-1867) e Georg F. Schömann (1793-1879)²³, sustentando que, enquanto os modernos preferem criticar e corrigir os autores gregos, os mais velhos estão dispostos a aprender com autores como Platão e Aristóteles. Para ele isso é importante pois os autores antecessores não caem no erro de empregar a experiência política moderna no estudo da antiguidade e assim dão uma dimensão mais completa da sociedade grega, suas características e constituição.²⁴

Essa mesma linha interpretativa é defendida pelo o autor em uma resenha do livro *The City-State of the Greeks and Romans*, de William W. Fowler, escrita em 1893²⁵ e na qual enaltece que esse livro é muito bom para um conhecimento introdutório em história pois explica a especificidade da estrutura política das sociedades antigas e suas peculiaridades. Para ele, é necessário explicar e conhecer essas características mais básicas das sociedades antigas, para que o conhecimento histórico faça sentido.

As an introduction to ancient history it will be most useful, it puts in a clear and interesting form the general characteristics of ancient political life, and gives just that explanation of the peculiarities of ancient constitutions, the absence of which often makes history meaningless.²⁶

Para Headlam essa abordagem é importante pois o autor busca na Atenas antiga e em seu sistema político um exemplo para a sociedade em que ele vive. Nesse sentido, podemos perceber como algo recorrente em seu livro a abordagem do tema sob a perspectiva da função exemplar da história. Para ele a democracia não é uma forma de

²² HEADLAM, J. W. **Election by Lot at Athens**. Cambridge: Cambridge University Press, 1891, pp. IX-X.

²³ Ele não cita exemplos de autores que ele chama de “modern writers”, mas os coloca no oposto de estudiosos do início do século XIX, como Boeckh e Schömann.

²⁴ HEADLAM, J. W. **Election by Lot at Athens**... pp. XIII.

²⁵ HEADLAM, J. W. Fowler’s City-State of the Greeks and Romans. **The Classical Review**. Vol. VII, n. 7, 1893. pp. 325-326.

²⁶ HEADLAM, J. W. Fowler’s City-State..., pp. 325.

governo única e, para compreender o que se costuma chamar de democracia e o que a caracteriza é essencial que se compreenda o modo de vida que deu origem a isso.

the scientific value of the experiment is great: it was the first democracy: the word Democracy was invented as a name for it: all other democracies in Greece were a more or less successful imitation of it, and if we want to know what a complete democracy is we can do nothing better than analyse it.²⁷

Assim, Headlam defende o estudo de uma sociedade que existiu pelo menos 2300 anos antes dele na tentativa de compreender a sociedade contemporânea e especificamente um elemento dela, a democracia, comparando suas características atuais com aquelas antigas, que ele considera mais puras e completas. Percebemos que Headlam está preocupado com a origem de um sistema que para ele é comum – essa própria democracia – e que possuía características específicas, como o sorteio, que não são vistas na sua adaptação moderna e que é precisamente uma das peculiaridades que a fazem ser mais puro e melhor que o moderno, tornando pertinente que suas características sejam, o máximo possível, espelhadas.

Voltando à introdução no livro, Headlam diz que pretende explicar porque os atenienses escolheram utilizar um método “tão estranho”²⁸ – o sorteio – e como ele afetou o sistema político do qual ele fazia parte – a democracia. Sem isso, segundo ele, é muito difícil compreender a democracia ateniense. Afirma que, para os gregos, o sorteio era necessário à essa organização, sendo difícil compreender algumas características e tendências do sistema democrático sem compreender esse aspecto da história política eleitoral ateniense:

and I hope the enquiry, even if it is of no other use, will help to draw attention to some peculiarities of the administrative system and will thereby throw light on certain tendencies which seem to be essential to democratic government.²⁹

Headlam afirma que o sorteio era a instituição mais democrática possível e que os gregos perceberam isso. Segundo o autor, era preciso assimilar como o sorteio funcionava para compreender o sistema democrático mais puro, entendendo que com essa instituição todos os cidadãos gregos podiam e deveriam cumprir o seu papel na comunidade e participar da política, evitando a tomada do poder por uns poucos que buscavam apenas poder ou que poderiam deturpar a política a seu favor. E era importante também para

²⁷ HEADLAM, J. W. **Election by Lot at Athens...** pp. 179.

²⁸ *So strange*, palavras do autor.

²⁹ HEADLAM, J. W. **Election by Lot at Athens...** pp. 04.

tentar aproximar ao máximo as democracias modernas ao modelo da democracia ateniense.

Nessa perspectiva, os textos de Headlam podem ser analisados dentro de um contexto mais amplo de procura por origens que remontam à sociedade clássica como berço da sociedade europeia moderna. Um contexto que é, ainda, de compreensão das novas instituições modernas empregadas nessas sociedades – como a república, a democracia, as novas monarquias, o senado, entre outras – e, dessa forma, a partir de uma visão da antiguidade clássica como início da humanidade e um exemplo para a sociedade moderna – mais precisamente, da e para a sociedade ocidental europeia. Como aponta Payen, considerando o caso da Prússia no início do século XIX, um ponto fundamental para compreender essa valorização do estudo dos clássicos está no fato de que ele tinha um desígnio já engendrado: auxiliar na recuperação do Estado-nação como um instrumento de compreensão dos desafios políticos que se apresentavam e que podemos ver paralelos com a realidade de Headlam na Inglaterra no fim do século XIX. Payen discute em seu texto a influência dos historiadores da antiguidade, indiretamente, na constituição da história como ciência, principalmente na Alemanha do século XIX, onde esse movimento foi pioneiro e acabou por influenciar outros locais como a própria Inglaterra. Outro ponto importante ressaltado pelo autor é que o historiador antigo era visto como aquele que escrevia sobre aquilo que era mais importante: a sua pátria, a história política que estava diretamente relacionada com a sua polis. Nesse sentido, a história escrita pelos antigos levantava questões que estavam em congruência com as questões dos historiadores do presente. Assim, as preocupações dos historiadores do presente eram pensadas “através dos problemas encontrados pelos Antigos, antes de regressarem ao passado, para propor uma interpretação renovada dele.”³⁰

Gooch, ao fazer um apanhado geral dos principais historiadores ingleses da antiguidade do século XIX, em finais da primeira década do século XX, demonstra algumas características-chave entre eles. Dentre elas está a valorização da produção de conhecimento acadêmico sobre antiguidade advinda da Alemanha, criticando inclusive aqueles que não liam alemão e por isso não tinham base nas referências dos grandes nomes como Droysen, Böckh ou Müller, colocando, assim, como essencial nos estudos ingleses essa tradição alemã que Payen discute.

³⁰ PAYEN, P. A Constituição da História como Ciência no Século XIX e seus Modelos Antigos: Fim de uma Ilusão ou Futuro de uma Herança? **História da Historiografia**, n. 6, 2011, pp. 115.

Assis, em seu livro sobre Droysen, explica que o século XIX na Alemanha viu uma onda de desenvolvimento do pensamento em busca não apenas das origens políticas da sociedade mas também, especificamente, das origens da liberdade, e os estudos sobre autores clássicos estavam compreendidos nesta perspectiva, pois muitos viam essas origens na civilização Grega clássica. A forma que os gregos organizavam sua vida social e política colocava a liberdade como ponto central, principalmente em Atenas, com o desenvolvimento da democracia, sendo predecessora da liberdade moderna.³¹

A busca ou defesa da democracia em si não era, entretanto, uma tendência geral na historiografia do período. A historiografia alemã, proeminente na Europa no século XIX e na qual a historiografia inglesa se baseou, tinha como preocupações principais as questões de método e de conceitualização do processo histórico dentro de um movimento de busca por cientifização da história que a afastasse das premissas idealistas e especulativas da filosofia. No que concernia os conteúdos trabalhados, o que mais tinha relevância era a história política e seu uso prático para fins políticos, visto que as preocupações desses historiadores não eram puramente teóricas mas sempre conectadas com a realidade que viviam. Essa aplicação do conhecimento histórico era criticada pelos novos grupos que buscavam uma historiografia mais racional e científica, que não obedecesse aos desejos ou necessidades práticas do historiador nem a amarras políticas ou religiosas do passado, porém era esse uso prático que estava em alta na comunidade acadêmica e também entre leigos, pois se buscava no passado respostas e embasamento para as questões do dia a dia.³² Nesse sentido, uma outra característica dos historiadores da antiguidade clássica ingleses que Gooch revela diz respeito à relação entre a visão que tinham da democracia grega e seus posicionamentos políticos na vida prática – aqueles que eram *Tories*³³, como Mitford, defendiam uma visão negativa do sistema democrático grego, já os *Whigs*, como Grote, tinham uma visão mais positiva.³⁴

Os *whigs* eram o grupo que estava em voga na historiografia inglesa desse mesmo período *whig*, tinham tendência liberal em suas pesquisas e se tornaram aqueles que pavimentaram o caminho da compreensão sobre a história da Inglaterra, tanto no sentido de que história era essa, mas de como ela era feita, “as an account of an evolving national

³¹ ASSIS, A. A. **What is history for?** Johann Gustav Droysen and the Functions of Historiography. Estados Unidos da America: Berghahn, 2014, pp. 104-105.

³² MACLEAN, M. History in a Two-Cultures World: The Case of the German Historians. **Journal of the History of Ideas**, Vol. 49, No. 3, 1988, pp. 486-488.

³³ Expressão usada normalmente para se referir a políticos e pessoas com tendências e ideias conservadoras.

³⁴ GOOCH, G. P. **History and Historians in the Nineteenth Century**... pp. 308-322.

disposition.”³⁵ Tinham como ponto principal de análise a história nacional, olhando para o passado cada vez mais remoto em busca de origens e elementos que engrandecessem a Inglaterra – seu povo, sua nação – e a colocassem em um espaço de superioridade cultural que a levou quase naturalmente ao estado presente. A história política do parlamento inglês e também a história imperial eram as principais linhas de pesquisas que explicavam o desenvolvimento da nação segundo os *whigs*, sendo a liberdade como um conceito essencial nessa trajetória. Historiadores como Henry Hallam e Thomas Babington Macaulay celebravam, por exemplo, a Revolução Gloriosa, considerando-a um marco de liberdade do povo inglês contra o absolutismo, despotismo e amarras da Igreja católica, gerando um período de estabilidade e progresso na sociedade inglesa. Nessa mesma linha, a democracia não era um foco desses autores; pelo contrário, a estabilidade criada pela subida ao trono de Guilherme III dos Países Baixos era símbolo também de contenção daqueles com ideais democráticos ou revolucionários.³⁶ Muitos defensores da liberdade e da constituição, cujos posicionamentos políticos além dos escritos historiográficos tendiam ao liberalismo eram, ao mesmo tempo, defensores de modelos de governo que não significassem rupturas muito graves com a sociedade em que viviam.³⁷

A historiografia *whig* foi perdendo força na Inglaterra em finais do século XIX e início do XX, devido a uma nova geração de historiadores críticos aos métodos e preocupações dos *whigs*. Porém eles não sumiram totalmente. Dentre a própria escola historiográfica *whig* havia divisões, com aqueles mais conservadores de um lado, representados pela obra de Thomas Babington Macaulay (1800-1859)³⁸ e que valorizavam mais a narrativa do que o rigor da pesquisa científica, e os que estavam no outro extremo da visão historiográfica *whig*, que buscavam unir as preocupações típicas da historiografia *whig* com a cientificidade da história que passava a ser cada vez mais valorizada no fim do século XIX. No início do século XX os *whigs* começaram a perder espaço; o tratamento científico da história não combinava com o modelo de história que

³⁵ BENTLEY, M. **Modernizing England's Past...**, pp. 20.

³⁶ BENTLEY, M. **Modernizing England's Past...**, pp. 5-6.

³⁷ Breisach aponta em seu texto que a grande diferença entre Inglaterra e França está precisamente na tendência a mudanças graduais e sem grandes rupturas da historiografia inglesa, enquanto os franceses estavam acostumados às mudanças bruscas oportunizadas pelas condições políticas francesas como a Revolução em 1789. Arthur Assis demonstra que essa visão sem rupturas era também o caso de Droysen, que defendia uma unificação alemã sob o governo monarquista prussiano. ASSIS, A. A. **What is history for?...**

³⁸ Historiador *whig* da geração mais conservadora. Autor de *History of England* (5 vols., 1849–1861)

preconizavam pois era mais crítico, cético e menos exaltante da história nacional e cujo principal nome era Frederic William Maitland (1850-1906)³⁹.

Headlam tornou-se historiador no meio deste movimento de mudanças teórico-metodológicas da historiografia inglesa, tendo estudado sob os preceitos dos historiadores *whigs* no momento em que esses preceitos já decaíam e demonstravam sinais de mudanças, mas ele ainda os valorizava. Em um obituário escrito em 1897 em homenagem a Heinrich von Treitschke, ele valoriza a escrita cativante do autor alemão e o compara a Edward Augustus Freeman (1824-1892)⁴⁰, que era da segunda vertente de historiadores *whigs*. Para ele, ambos eram semelhantes tanto em seus posicionamentos políticos e históricos, quanto em suas formas de escrever e em seus ideais nacionalistas.⁴¹ Outro elemento abordado por Headlam no texto é a continuidade evolutiva de fatos que, como apresentado alguns parágrafos acima, os *whigs* viam na história inglesa e Headlam parece se encaixar nessa linha de pensamento ao dizer que dentre as principais nações europeias a Inglaterra era a única que manteve uma consistência nas suas preocupações políticas:

The policy of Prussia before 1866, of France before 1870, of Piedmont before 1860, is separated by a broad gulf from all questions of modern statesmanship; the questions which were discussed then are not the same as those which occupy the minds of the present government, and men can look back on them with a certain aloofness. In England, on the other hand, the discussions of a generation ago often directly govern present action.⁴²

Por fim, outra temática que Headlam apresenta nesse texto é o papel do liberalismo na trajetória de Treitschke. De acordo com o inglês, havia duas grandes tendências liberais na Europa, na Inglaterra era o liberalismo constitucional e na França, o republicano – e a Alemanha possuía as duas tradições em conflito. Porém, para ele, os dois “tipos” de liberalismo tinham características essenciais pois falavam de direitos que eram fundamentais da humanidade: eram individualistas, buscavam restringir os poderes do Estado e, assim, as amarras da sociedade, tinham como objetivo a liberdade e equidade na sociedade.⁴³

Segundo Bobbio, em seu livro *Liberalismo e Democracia*, o Estado liberal começou tanto na teoria quanto na prática na Inglaterra no século XVII, uma época de

³⁹ Crítico da historiografia *whig*. Autor de *The Constitutional History of England* (1908) e *Domesday Book and Beyond: Three Essays in the Early History of England* (1897).

⁴⁰ Historiador *whig* da geração posterior a Macaulay. Autor de *History of the Norman Conquest* (6 vols., 1867–1879).

⁴¹ HEADLAM, J. W. Heinrich von Treitschke. **English Historical Review**, vol XII, 1897, pp. 745-746.

⁴² HEADLAM, J. W. Heinrich von Treitschke... pp. 730.

⁴³ HEADLAM, J. W. Heinrich von Treitschke... pp. 741-742

revoltas e reformas que abriu caminho para ideia de liberdades religiosas, individuais, de opinião, de imprensa etc. Também nessa época os princípios da democracia foram evocados.

Se por democracia se entende como fazemos aqui, a extensão dos direitos políticos a todos os cidadãos maiores, então o ideal democrático teve a sua primeira afirmação forte nos anos da *great rebellion* ⁴⁴

Para os intelectuais liberais ingleses liberdade, responsabilidade e democracia eram preceitos fundamentais, porém não era tão fácil defendê-los quando se unia o modelo historiográfico que seguiam, adotando além do constitucionalismo, também o imperialismo. Para os historiadores *whigs*, o desenvolvimento da sociedade britânica era evolutivamente linear e nessa perspectiva não apenas o direito e a história constitucional explicavam essa trajetória, mas também o império. Para eles, estudar o império era estudar o desenvolvimento constitucional inglês, mesmo na perspectiva da busca por liberdade pois esta deveria ser levada à outras partes do mundo por esta sociedade que era tão elevada.⁴⁵ Porém, o modelo de imperialismo praticado pela Inglaterra nesse período colocava em cheque aqueles preceitos, pois dar às colônias privilégios liberais como o direito de administrar questões nativas, ao mesmo tempo, enfraquecia o poder britânico sob essas mesmas colônias – fonte da força e esplendor imperialista. Mesmo que a maior parte dos *whigs* defendessem esses elementos, alguns desses historiadores liberais, dentre eles James Anthony Froude (1818-1894)⁴⁶, se colocavam contra a democracia, vendo-a não como salvação, mas como problema.⁴⁷

A ideia de democracia era, ainda, evocada por diferentes vertentes políticas e, com o tempo, formaram-se “grupos”, como liberalismo democrático, a democracia liberal, e os que são conservadores e, assim, não se misturam. De acordo com Bobbio, existem dois significados para democracia, o governo do povo e o governo para o povo e é o primeiro que se liga à formação do Estado liberal.⁴⁸ Ainda, a democracia e o Estado liberal têm ligação principalmente na ideia de soberania popular, ou seja, da máxima participação direta ou indireta da população na tomada de decisões (que também é o melhor remédio contra eventuais abusos de poder).⁴⁹

⁴⁴ BOBBIO, N. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000, pp. 50.

⁴⁵ BENTLEY, M. **Modernizing England's Past...** pp. 72-74.

⁴⁶ Historiador *whig* da mesma geração de Freeman. Autor de *History of England from the Fall of Wolsey to the Death of Elizabeth* (12 vol., 1856-1870) e *Oceana* (1886).

⁴⁷ BENTLEY, M. **Modernizing England's Past...** p. 75-76. GOOCH, G. P. **History and Historians in the Nineteenth Century...** pp. 332-339.

⁴⁸ BOBBIO, N. **Liberalismo e Democracia...** pp. 38.

⁴⁹ BOBBIO, N. **Liberalismo e Democracia...** pp. 43.

O livro de Headlam sobre a democracia ateniense se encaixa nessa concepção de defesa de participação política igualitária para todos os cidadãos. Todo o seu caminho é percorrido na defesa de um sistema em que todos têm e devem ter a possibilidade de participar e dedicar parte de seu tempo à política. Um sistema que possui, em sua origem, uma instituição decisória que envolve todos, exime a sociedade da corrupção e que é modelo para os sistemas aplicados ou desenvolvidos na contemporaneidade.

Headlam especifica como funcionava a democracia ateniense em um quase passo a passo, em que num primeiro momento, apresenta a democracia como *self-government*, que podemos traduzir por autogoverno ou, na concepção acima apresentada, governo do povo, além de exaltar a participação extensiva da população nos cargos públicos, comitês e outros momentos decisórios:

Democracy meant self-government in the fullest sense of the word: each man had his share in the general deliberations, he had his turn for a seat in the council, which was the central office of the whole, and he had also to take his part in different offices. Besides these city offices, each man belonged also to the smaller corporations of the tribe, the deme and the phratria, each of which made large demands on his time: he had to attend meetings of the whole corporation, and had moreover from time to time to fill one of the numerous offices connected with it, or serve on some committee appointed by it.⁵⁰

Muitas críticas foram feitas a esse sistema democrático ateniense, principalmente, alega Headlam, com relação ao fato de que neste modelo de sistema político pessoas com e sem habilidades (políticas) acabavam em um mesmo nível de poder. Para Headlam, porém, essa é exatamente a característica que faz do sistema o mais equilibrado, pois possibilita que, partindo do princípio de igualdade entre todos, cada pessoa demonstre suas habilidades e consiga ser reconhecida. É a partir da participação de todos e desse reconhecimento das habilidades individuais de alguns que se consegue, então, encontrar aquelas pessoas que demonstram melhores habilidades para governar e assumir o poder. Podemos ver aqui um paralelo com os ideais liberais modernos de individualismo, concorrência e competição. Bobbio discute, no livro já citado, que não existe liberalismo sem individualismo e que a concorrência, competição entre grupos ou indivíduos é positiva tanto no âmbito econômico quanto no debate de ideias e “na luta política para a seleção dos melhores governantes”⁵¹. E é sob essa mesma perspectiva que Headlam defende a eleição por sorteio na democracia ateniense:

But if free competition is the best way of finding ability, Athens honestly tried to find it. (...) Power belonged to that man who in

⁵⁰ HEADLAM, J. W. *Election by Lot at Athens...* pp. 172.

⁵¹ BOBBIO, N. *Liberalismo e Democracia...* pp. 28.

perfectly free and open competition could win and keep for himself the most influence.⁵²

Seguindo essa ideia, Headlam concorda com alguns críticos com o fato de que alguns governantes atenienses não foram bons e realmente uma das principais críticas feitas aos atenienses era o fato dos governantes serem desonestos e corruptos, o que fazia com que, automaticamente, a crítica se voltasse ao governo democrático e, especificamente, ao sistema do sorteio dos governantes. Headlam bate nessa tecla, insistindo na ideia de que o sistema ateniense não era corrupto pois existiam muitos oficiais na cidade-Estado, e nenhum mantinha seu cargo por muito tempo nem podia ficar no mesmo cargo por vários mandatos seguidos, não sendo possível a criação de um sistema de manutenção de poder por um mesmo grupo que afetasse negativamente a sociedade. A política, assim, não se transformava em espaço de conservação do poder de uns poucos sobre uma maioria desinteressada ou desinformada, algo que era, segundo o autor, comum nas democracias modernas por causa do sistema eleitoral em contraposto ao sistema de sorteio.

Whenever a certain class of people hold office and others are positively excluded, it is easy for the officials to exact overdue sums, and appropriate the surplus. (...) Fraud arises when any individual holds the same office for too long, or is often re-elected (...) at Athens in the democratic state this was not the case.⁵³

Essa crítica que Headlam faz àqueles que ocupam o cargo por muito tempo, inclusive excluindo da participação política os que não tem ou não conseguem formar conluíus políticos é também uma crítica à forma da democracia então atual, representativa. Isso porque, quando pessoas conseguem concorrer várias vezes ao mesmo cargo, ou colocar para concorrer outra pessoa de seu grupo quando ela própria já não pode mais, a política não se diferencia e abre espaço para fraudes e corrupção, acumulando poder nas mãos de uns poucos. Para ele, as democracias modernas se aproximam mais de uma democracia real quando elementos eleitorais por sorteio ou que se assemelham a ele são introduzidos no processo de decisão para cargos nessas sociedades.

It would hardly be an exaggeration to say that a state begins to be democratic when the objects for which election by lot was introduced first become a conscious object of desire.⁵⁴

E ainda, para ele, é possível ver exemplos em várias nações diferentes de elementos políticos decisório diretos em substituição ao modelo representativo, pois a

⁵² HEADLAM, J. W. *Election by Lot at Athens...* pp. 173.

⁵³ HEADLAM, J. W. *Election by Lot at Athens...* pp. 176.

⁵⁴ HEADLAM, J. W. *Election by Lot at Athens...* pp. 179.

população desses países buscava cada vez mais participar diretamente da política e, dessa forma, os poderes do Estado e daqueles que estão no controle são restringidos. Segundo Headlam, países como Estados Unidos da América, Suíça e a própria Inglaterra estavam seguindo esse caminho, e a melhor forma de concretizar isso era se voltando para os conhecimentos e ensinamentos advindos da Grécia Antiga e especificamente de Atenas.⁵⁵

Podemos perceber, então, que a democracia ateniense e o modo de organização política dos gregos eram considerados pelo autor aqui analisado exemplos a serem seguidos pelas democracias modernas, sendo modelos que, em seu cerne, eram mais puros e com menos deturpações e dificuldades do que as adaptações modernas. E, apesar de o foco do livro e da discussão de Headlam ser na eleição por sorteio, o autor ainda salienta outras características fundamentais da organização política de Atenas, por exemplo o fato de que o povo governava coletivamente e todos os cidadãos atenienses tinham, além da participação coletiva nesse governo, obrigações individuais para auxílio ao Estado. Além disso, a democracia ateniense era um exemplo também na burocracia estatal, que mesmo nos países modernos nos quais o processo decisório se assemelha mais à pureza da democracia grega, como a Suíça, a estrutura burocrática do Estado não se alterava, estando ainda longe do modelo ideal clássico.⁵⁶

No estudo “The Procedure of the Gortynian Inscription”, de 1892-1893, Headlam valoriza o direito de outra cidade grega antiga, Gortina, que se situava na região sul da ilha de Creta. Apesar de não dar muitas referências sobre a função da história, ele diz que é impossível compreender a política grega sem compreender seu direito. O estudo do código de Gortina é importante por ser o único código legal completo escrito que sobreviveu da Grécia antiga, e é preciso entender as regras do direito para entender sua política, mesmo que eles não tenham sido melhores juristas do que os romanos, por exemplo.⁵⁷

Um motivo que faz o estudo do direito grego ser tão importante é o fato das cidades gregas terem uma estrutura legal que não teve influência externa, o que faz com que Headlam considere o direito grego “certainly a purely indigenous growth”⁵⁸ e neste ponto podemos ver uma referência à ideia de *origem*, de elementos que estão no início de algo importante e que ajudam a explicá-lo, sendo essenciais para torná-lo modelo e

⁵⁵ HEADLAM, J. W. **Election by Lot at Athens...** pp. 179-180.

⁵⁶ HEADLAM, J. W. **Election by Lot at Athens...** pp. 180-181.

⁵⁷ HEADLAM, J. W. The Procedure of the Gortynian Inscription. **Journal of Hellenic Studies**, Vol. XIII, 1892-1893, pp. 48.

⁵⁸ HEADLAM, James W. The Procedure of the Gortynian Inscription... pp. 48.

exemplo para o que vier depois. O direito e, por conseguinte, a política gregos não eram influenciada por outras cidades, sociedades ou culturas, como algumas tribos germânicas, por exemplo, foram influenciadas pelo cristianismo e suas leis diretamente influenciadas pelos romanos, inclusive com seus códigos escritos em latim, e mesmo os romanos foram influenciados pelos próprios gregos. Já a cultura política grega se desenvolveu das sociedades primitivas que originaram todo o resto da sociedade grega, iniciando-se nas tradições orais.

Roman law – at least in the period at which our contemporary authorities begin – shows largely the influence of Greek thought and philosophy. In Greece alone no external influence is possible. Cretan, Spartan and Athenian law must have been the natural development from autochthonous custom.⁵⁹

Segundo Kevin Robb, o texto original do código de Gortina não podia ser completamente compreendido pois ele não seguia uma linha lógica de escrita, possuindo vácuos que só podiam ser compreendidos quando o que estava escrito fosse pensado em conjunto com a tradição oral. Para Robb, Headlam não tinha ainda todas as ferramentas existentes hoje em estudos históricos e de oralidade para discutir essa temática, porém ele conseguiu reconhecer que o uso da escrita era recente em Creta nesse período e também a força e a importância da oralidade nessa sociedade e, assim, que as leis ainda se baseavam mais nos costumes antigos, orais.⁶⁰

Nesse sentido, um paralelo é possível entre a importância do direito escrito e as tradições orais na Inglaterra, e isso é refletido nos interesses de Headlam ao escolher seus temas de análise. Assim como a democracia como forma de governo se mostra interessante em um contexto de crescimento dos ideais liberais, o estudo do direito constitucional também apresenta questões importantes para a compreensão do desenvolvimento da sociedade moderna. E ambas as temáticas tem referências na antiguidade grega. Referência essa que Headlam salienta em mais de um momento, principalmente ao defender o estudo do direito não só como forma de compreender a organização política, mas também como forma de compreender outras sociedades a partir da comparação entre diferentes modelos organizativos e legais.

Como visto, a história constitucional era uma das principais inclinações temáticas dos historiadores *whigs* do século XIX que buscavam, também, origens antigas para o sistema jurídico da Inglaterra que explicassem a constituição da nação. Essa busca por

⁵⁹ HEADLAM, James W. *The Procedure of the Gortynian Inscription...* pp. 49.

⁶⁰ ROBB, K. *The Witness in Heraclitus and in Early Greek Law.* **The Monist**, Vol. 74, No. 4, 1991, pp. 642.

origens tinha em William Stubbs (1825-1901)⁶¹ um dos principais expoentes e em seus trabalhos ele valorizava a origem comum alemã e britânica nos Volks e nas tribos germânicas, dividindo língua e caráter. Valorizava, também, o que ele considerava um contínuo desenvolvimento de instituições representativas⁶² Stubbs era um historiador da linha de Freeman e seguidor de Leopold von Ranke, sendo que a Alemanha não era apenas parte do conteúdo que estudava, mas também espaço de construção de uma mentalidade teórico-metodológica em que baseava sua análise historiográfica. Os críticos de Stubbs apontavam, principalmente, onde o autor havia centrado o foco da origem do parlamento, e desacreditavam toda sua análise a partir dali; a partir de Maitland, os pesquisadores de história constitucional mudaram seu foco para momentos diferentes do passado inglês para explicar a origem das instituições políticas em vigor na Inglaterra até então, fossem enfocando o período medieval e a dinastia Tudor, fossem colocando o foco já no século XVI.⁶³

Nesse contexto de valorização da história do direito e da história constitucional inaugurada pelos historiadores ingleses de Oxford, o principal foco temático era, como visto, a sociedade ocidental medieval ou mesmo de tempos cada vez mais recentes. Nesse sentido, Headlam critica que para alguns povos tem-se muitas evidências e estudos, para outros não, e era importante vê-los de forma conjunta. Para esse estudo, Headlam defende uma metodologia comparativa que possibilita que se compreenda melhor a sociedade antiga e também a sociedade moderna, principalmente na área do direito, pois o conhecimento sobre o direito dos povos europeus mais antigos era ainda muito pequeno e era a partir do estudo comparativo que se tinha possibilidade de compreender mais profundamente a história do direito.

Para o autor, essas sociedades não estão isoladas, elas mantêm relações umas com as outras, e “It is however for its relation to the laws of other nations that Greek law deserves chiefly to be studied”⁶⁴. Alguns pontos, ainda, do direito grego, poderiam ser comparados com os primeiros registros do direito germânico também. Assim, para compreender a sociedade e a política grega seria necessário compreender o direito grego,

⁶¹ Stubbs era um historiador *whig*, porém enquanto político se identificava com o partido conservador dos Tory. Autor de *The Constitutional History of England in its Origin and Development* (3 vols., 1873–1878).

⁶² BENTLEY, M. **Modernizing England's Past**... pp. 26-28.

⁶³ BENTLEY, M. **Modernizing England's Past**... pp. 32-38.

⁶⁴ HEADLAM, J. W. *The Procedure of the Gortynian Inscription*... pp. 48.

seguindo os parâmetros de comparação apresentados que possibilitam uma compreensão mais completa das civilizações antigas europeias.

The history of Greek law is little known; knowledge of it is most valuable for the light it throws on the social and political life of Greece, and especially because it supplies a most important element in the comparative study of law.⁶⁵

O método comparativo aparece no texto de Gortina como uma forma de Headlam trazer para a sociedade moderna os exemplos do passado não com a função de aplica-los às situações presentes, mas a fim de que ajudem a compreender como o direito chegou às características que possui na atualidade. Essa ideia está expressa no decorrer de sua introdução, ao pontuar mais de uma vez a importância do direito grego para a formação política da sociedade grega e para as grandes civilizações que vieram posteriormente. Porém é um método que aparece também em outros momentos dos escritos de Headlam e com outras características. Segundo o autor, é muito difícil comparar sociedades tão diferentes quanto a ateniense e a moderna, por exemplo, mesmo ambas sendo democráticas – quando o são – e nesses casos o método comparativo deve ser utilizado com cuidado. Ele lembra que a ideia de democracia moderna é diferente da democracia antiga e que o grande perigo de se estudar esse assunto é não conseguir separar as duas e acabar ignorando ou misturando elementos de uma na outra. É o que ele diz que autores modernos muitas vezes acabam fazendo e por isso acabam criticando os autores gregos ao invés de aprender com eles.

A comparação deve ser nas características, mas não deve ser uma transposição de elementos de um tempo histórico para outro, ou seja, não se deveria tentar copiar o que tinha no passado para o presente, mas trazer para o presente as referências a fim de comparar igualdades e diferenças entre as sociedades. Segundo Headlam, muitas vezes essa transposição é feita pois os primeiros contatos que as pessoas tem com o pensamento político sistematizado advém de autores gregos, ao mesmo tempo relacionando-os com a sociedade moderna. Nesse contexto, se perde a clareza para compreender as especificidades da vida da Grécia Antiga e seus conceitos próprios.

Our first acquaintance with political thought comes through Thucydides and Aristotle, and we try to fit the wisdom we have learnt from them to the facts of modern life. By so doing we not only lose the freedom of thought necessary to comprehend new facts, but we unconsciously spoil our apprehensions of Greek life. By trusting too much to the fancied

⁶⁵ HEADLAM, J. W. The Procedure of the Gortynian Inscription... pp. 48.

analogies of modern times we lose in the vividness and niceness of our conceptions of ancient politics.⁶⁶

Assim como o primeiro contato que as pessoas têm com a política é através de pensadores e filósofos gregos, as obras de escritores antigos também têm grande influência na educação, pois “not only do we use Greek words when we speak of modern politics, but also our method of education tempts us to think of modern events under Greek forms”⁶⁷. Isso aglutina dois pontos fundamentais que fortalecem o valor do estudo de história antiga: o fato de muita coisa dos gregos ser utilizada na contemporaneidade e o fato de que, mesmo se utilizando, elas perdem cada vez mais o seu sentido original, sendo assim duplamente necessária a busca pela origem ou pela referência de onde ela veio. E apesar da reserva que faz com relação a comparar para não cair em erros que se assemelham ao que hoje chamamos de anacronismo, nas últimas páginas do livro Headlam compara as duas formas de democracia em alguns breves momentos, por exemplo:

it will be sufficient to answer that at any rate the work at Athens was well done. So far as we can see the administration of the state was more regular, more honest, more successful in every way than that of any other city in the ancient world, and (though where the work is so different, the comparison is hardly fair) than that of most states in modern times.⁶⁸

Outro momento em que compara a democracia ateniense com a democracia moderna, ele chama atenção para o fato de que a democracia ateniense era aristocrática e necessitava da escravidão como mão de obra e força de trabalho, e que na modernidade isso não é possível nem desejável; que novos modelos devem aparecer e a sociedade se desenvolver a um ponto que todos os cidadãos tenham possibilidade de dedicar parte de seu tempo à política.⁶⁹

Para o autor, a democracia ateniense foi constituída através de muito trabalho e do dispêndio de muita energia por todos os cidadãos, mas não se tratou de um trabalho manual, e sim um trabalho intelectual, de pessoas que se dedicavam ao ócio, ao lazer e cuja obrigação principal – e única – era a política. É um modelo de governo em que os governantes são pensadores e prudentes, sendo “difficult to conceive of a state in which political equality could be more completely attained.”⁷⁰. Dessa forma, Atenas tinha

⁶⁶ HEADLAM, J. W. *Election by Lot at Athens...*, pp. 18.

⁶⁷ HEADLAM, J. W. *Election by Lot at Athens...* pp. 18.

⁶⁸ HEADLAM, J. W. *Election by Lot at Athens...* pp. 173.

⁶⁹ HEADLAM, J. W. *Election by Lot at Athens...* pp. 181.

⁷⁰ HEADLAM, J. W. *Election by Lot at Athens...* pp. 178.

capacidade de atingir de forma mais completa possível uma igualdade política entre seus cidadãos, algo que as democracias modernas estão longe de alcançar. E podemos ver nessa passagem a valorização do ideal de igualdade, que, segundo Bobbio (2000), é básico para a democracia, cuja finalidade é o desenvolvimento de toda a comunidade e que, para Headlam, está longe de se concretizar.⁷¹

The Athenian democracy is as a work of art unsurpassed: it has the great characteristic of all good work, in every detail we find laborious endeavour to express a clear and definite idea: and the result is so simple and so harmonious that it is only after a somewhat minute examination that we discover the labour expended on it.⁷²

Na antiguidade se formaram algumas das instituições políticas existentes na modernidade. A partir da investigação e compreensão dessas sociedades antigas, suas instituições e cultura, poder-se-ia entender a existência de certas instituições e características nas sociedades modernas também. Essa linha segue Headlam, que acredita no estudo do processo democrático grego como forma de se conhecer o modelo mais completo de democracia, comparando-a com muito cuidado com a democracia moderna.

Podemos perceber ainda que o foco do autor incidiu, na maior parte, sobre o processo eleitoral ateniense, que fortalecia a democracia naquela cidade, sendo seu cerne. Não é à toa que toda sua defesa da democracia ateniense como um modelo perfeito do processo democrático é feita em um livro cujo título é *Eleição por sorteio em Atenas*⁷³, já deixando claro qual o foco da análise. Conjugando esses fatores, pudemos perceber que a defesa da democracia estava diretamente ligada à existência de uma forma de escolha de pessoas para cargos políticos diferente das existentes hoje, e precisamente por isso era um modelo melhor, onde todos os cidadãos participavam da vida pública em algum momento da vida, se responsabilizavam pelo andamento da sociedade e pela vida do conjunto.

E se o sistema democrático é mais puro e melhor, é natural que se queira imita-lo em outros tempos, extraindo do passado a forma e o conteúdo a serem reproduzidos na modernidade para que fossem o mais positivo possível. É possível vermos na tradição historiográfica inglesa a emergência da história científica apenas no fim do século XIX e início do XX. Até então, a visão da história dos *whigs* se aproximava mais das historiografias comuns aos séculos anteriores, mais humanista e antiquária que, apesar de ter sua parte de análise crítica, não conseguira definir o status da história, se narrativa e

⁷¹ BOBBIO, N. **Liberalismo e Democracia...** pp. 39.

⁷² HEADLAM, J. W. **Election by Lot at Athens...** pp. 178.

⁷³ Tradução nossa livre.

literária ou se científica e enriquecedora do espírito crítico e da razão.⁷⁴ Podemos ver, ainda, traços da *historia magistra vitae*, também característica dos humanistas, para a qual o passado tem o valor de exemplo moral, político e cultural para o presente e com o qual a sociedade moderna aprenderia com a sociedade antiga como e o que fazer.⁷⁵

Headlam parece transitar entre algumas das várias tradições da historiografia inglesa do fim do século XIX sem, entretanto, se encaixar direta ou completamente em qualquer delas. Ele aprecia autores como Boeckh e também Freeman, enaltece Treitschke pela sua forma de escrita e a força do nacionalismo em seu pensamento, mas ao mesmo tempo se aproxima de uma tendência mais liberal, valoriza a análise de fontes primárias, dá enfoque maior às origens culturais e políticas da sociedade europeia ocidental e de um desenvolvimento mais crítico da sociedade, não necessariamente evolutivo, ao mesmo tempo com foco na história política e constitucional como essencial para a compreensão da sociedade antiga.. Acreditamos aqui que uma opinião de Headlam sobre Treitschke pode ser aplicada também a ele próprio:

he belongs to no philosophical school, and it is to this that he owes so much of his greatness as an historian.⁷⁶

⁷⁴ PAYEN, P. A Constituição da História como Ciência no Século XIX... pp. 109-110.

⁷⁵ PAYEN, P. A Constituição da História como Ciência no Século XIX... pp. 105-107. ASSIS, A. A. Porque se escrevia História? Sobre a justificação da historiografia no mundo ocidental pré-moderno. In: SALOMON, Marlon. (org.). **Historia, verdade e tempo**. Chapecó: Argos, 2011.

⁷⁶ HEADLAM, J. W. Heinrich von Treitschke... pp. 743.

CAPÍTULO 2. CONSCIÊNCIA CÍVICA: AS METAS DO ENSINO DE HISTÓRIA

Neste capítulo vamos analisar os documentos escritos por Headlam centrados em temáticas educacionais, buscando apresentar como a função que Headlam atribui à história especificamente no contexto educacional se diferencia da que ele atribui à história quando se dedica a outras temáticas, como aos estudos clássicos. Também procuraremos ver se ela se mostra diferente quanto ao papel da história quando está tratando especificamente de ensino de história como, por exemplo, nos memorandos “On Teaching and Organisation in Secondary Schools – History”, de 1908, ou em análises da situação de escolas específicas e a história não é um ponto central, como em “Report on the Anglican Schools in Palestine”, de 1927.

A maior parte dos documentos a serem aqui analisados foram preparados em modelo de *memorandums* ou *reports*, sendo de caráter técnico, voltados à apresentação do estado momentâneo daquela escola ou o assunto ao qual se refere, e indicando ações a serem tomadas para um determinado fim, normalmente, dentro dos objetivos políticos do Estado. As principais referências nestes documentos são aos currículos das disciplinas (tempo dedicado a elas, conteúdos a serem ensinados, materiais utilizados), à organização escolar (quais tipos de escolas existem, quais matérias são ensinadas em cada uma delas, a que público ela está direcionada) e conseqüentemente à função dessas escolas para a sociedade inglesa, para a classe à qual ela se destina e para o mercado. Em alguns poucos casos o autor se refere à história como uma entidade com uma função própria ou específica.

A seguir, decidimos apresentar as ideias contidas nos documentos analisados em grupos a partir do encontro ou não de referências ao nosso tema central, que é a função da história. Nossa primeira ideia era apresentar os documentos em ordem cronológica, a fim de verificarmos se teria havido, também, alguma mudança no pensamento do autor no decorrer dos anos, ao escrever sobre educação em diferentes contextos, porém essa análise se mostrou infrutífera, visto que Headlam pouco fala sobre história, e menos sobre sua função, quando o texto não é especificamente sobre este tema, como veremos. Em vez disso, optamos por expor as ideias principais do autor comparando textos de diferentes épocas, quando possível, apresentando, dessa forma, possíveis mudanças ou continuidades em seu pensamento no decorrer do tempo.

Alguns dos documentos sobre educação de autoria de Headlam por nós analisados foram escritos com base na experiência do autor como inspetor nas escolas britânicas. O cargo de inspetor, que eram chamados de *Her (His) Majesty's Inspectors*⁷⁷ - HMIs, foi criado em 1839 durante o reinado da Rainha Victoria e consistia numa forma de governo que fiscalizavam várias áreas como sistema prisional, policial fabril, além de educacional. As inspeções escolares tinham como função visitar diversas escolas pelo país a fim de conhecer e relatar o trabalho feito nelas, seja em face das regras escolares vigentes ou em busca de um panorama geral do estado da educação básica, primária ou secundária, normalmente para embasar mudanças e reformas que estavam ocorrendo ou para ocorrer no sistema educacional inglês.⁷⁸

Esses inspetores analisavam toda a estrutura de ensino nas escolas por onde passavam, principalmente métodos de ensino, passando pela qualidade dos profissionais que estavam nas salas de aula e dos prédios das escolas, do qual preparado(a) estava o diretor entre várias outras características. As inspeções eram seguidas por reuniões com os diretores, sugestões de mudanças e aconselhamentos, *reports* e até mesmo criação de documentos ou comissões locais voltadas para mudanças com base nos apontamentos feitos pelos inspetores. Os problemas curriculares ou organizacionais que as escolas passavam se beneficiavam do aconselhamento dos inspetores, visto que eles possuíam boa experiência acumulada ao verem e analisarem diferentes realidades.⁷⁹

Em 1899 foi criado o *Board of Education* (BOE), responsável pela centralização da organização educacional (primária, secundária, superior e técnica) e cuja criação significou também mudanças nas políticas educacionais inglesas, como o *Balfour Act* de 1902. A partir de então, o papel dos HMIs se tornou ainda mais importante e valioso para o desenvolvimento e sistematização da educação inglesa do período. Além disso, eram muitas vezes a principal ou única ligação entre escolas e os políticos e as autoridades.⁸⁰

⁷⁷ Até 1901 era a Rainha Vitória a monarca inglesa, e então se utilizava *Her*, porém a partir de 1901 até 1910 assumiu o trono o rei Eduardo VII, filho da Rainha Vitória, e passou-se a utilizar o pronome *His*. São esses os dois monarcas que interessam aqui para nosso recorte temporal.

⁷⁸ CLARKE, J; OZGA, J. *Governing by Inspection? Comparing School Inspection in Scotland and England. Social Policy Association conference*, University of Lincoln, 2011.

⁷⁹ EDMONDS, E. L. *Inspection of Schools. The Vocational Aspect of Education*, vol. 8, n.16, 1956.

⁸⁰ CANNADINE, D.; KEATING, J; SHELDON, N. *The Right Kind of History: Teaching the past in Twentieth-Century England*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011; CLARKE, J; OZGA, J. *Governing by Inspection?...*; ROBINSON, W. *Historiographical Reflections on the 1902 Education Act. Oxford Review of Education*, Vol. 28, No. 2/3, 2002.

Headlam exerceu cargo de HMI entre 1902 e 1914, sendo que apenas nos primeiros anos trabalhou visitando escolas e nos anos seguintes trabalhou na produção de relatórios e participação de reuniões sobre diversos assuntos referentes à educação secundária. Em um documento de 1906 intitulado “Report on the Instruction of Persons intending to become Teachers in Public Elementary Schools”⁸¹, o autor enfocou as especificidades do ensino voltado para a formação de professores, analisando e comentando o documento “Regulations for the Instruction and Training of Pupil Teachers”, aprovado no ano anterior e que colocava que os alunos que saíam do ensino básico com 16 anos poderiam então seguir os estudos para se tornarem professores. Headlam apresenta, nesse documento, exemplos das dificuldades pelas quais passavam as escolas que ofereciam esse tipo de treinamento, problemas educacionais e administrativos que deveriam ser avaliados e sanados, além de sugestões sobre como implementar tais mudanças. Segundo Wendy Robinson⁸², o *Balfour Act* de 1902 modificou os *Pupil-Teacher Centres* – que antes eram espaços de profissionalização, construção de identidade profissional e quebra de barreiras sociais –, incorporando-os às escolas secundárias, elevando a idade de entrada dos alunos nesses centros, fazendo os alunos que buscavam esse tipo de instrução terem maior tempo de educação formal, assim estudando junto daqueles que não iriam seguir essa profissão, sendo marginalizados e não recebendo educação específica como deveriam. Com isso, muitos centros que eram especializados na formação e instrução de novos professores foram fechados ou perderam reconhecimento. A partir de 1907, um tipo de teste passou a ser aplicado aos alunos que buscavam um futuro como professores, que então não tinham mais nenhum tipo de treinamento prático para exercer a profissão.

Nas mais de 190 páginas de seu relatório, Headlam pouco fala sobre história ou sobre o ensino desta disciplina especificamente, ela é apresentada em exemplos de disciplinas ensinadas nas escolas e também em alguns poucos exemplos de conteúdos a serem ensinados (como história da Inglaterra sendo uma das coisas específicas que os alunos deveriam saber dentro do conhecimento escolar), porém nada que nos auxilie na compreensão da função da história e sua importância na vida escolar ou cotidiana das pessoas.

⁸¹ HEADLAM, J. W. **Report on the Instruction of Persons intending to become Teachers in Public Elementary Schools**. [s.l.: s.n.], 1906.

⁸² ROBINSON, W. *Historiographical Reflections...*

A mesma linha é seguida em “The Position of Latin in Modern Education”⁸³, escrito também em meados de 1906, no qual Headlam critica o modelo de ensino de história por se restringir a um conjunto de fatos e datas. Nesse documento o autor enquadra a história em uma área mais ampla, a das ciências das coisas dos homens (as humanidades):

There are in the main two great departments - man and nature. (...) [humanities is] that which has to do with the world of man. There we have the observation of what men do, especially all the observations which are summed up under the headings of history, and political economy; but in particular what we have to do is to train our boys to understand the workings, of the human intellect, and especially to train intellects⁸⁴

Para ele, as humanidades são imperativas no treinamento dos estudantes para que compreendam como funciona a mente humana e a melhor forma de estudar e apreender o conhecimento. Para isso, o conhecimento histórico é fundamental, pois unifica sob seu domínio as várias ações e observações do que o homem já fez e pode fazer. É importante esclarecer aqui que essas humanidades englobam os estudos clássicos (línguas, história e literaturas antigas), bem como o estudo das línguas modernas. Ademais, Headlam conecta a história à economia política, ligando o conhecimento do passado às questões práticas da humanidade e da atualidade, pois a escola vai equipar o aluno para a vida e para isso, também, ele precisa da linguagem, para conseguir se expressar, pensar e analisar. Para ele, o estudo das humanidades e de outras línguas deve ser balanceado com o estudo das ciências e matemática, pois, segundo ele, “everything depends upon those two great branches of human thought – upon mathematics and upon Latin”.⁸⁵

Headlam ainda pontua o que é a história no decorrer desse documento, mas não se aprofunda muito, não dando muitos subsídios para compreendermos qual a sua função. Deixa claro, em todo caso, que defende a ideia de uma história que vá além da tradicional coleção de nomes e datas comumente ensinada nas escolas, e que não é possível ensinar toda a história na escola, o que deve ser ensinado é apenas a base do conhecimento, a essência que possibilitará os alunos obterem um conhecimento mais completo no futuro. Para ele, para compreender a história deve-se voltar realmente para o passado.

The great invention of the nineteenth century was History: but what do we mean by History? Not a knowledge of facts and dates done into a small space by the ingenious writers we study in schools. We cannot

⁸³ HEADLAM, J. W. **The Position of Latin in Modern Education**. Dublin: Friends’ Guild of Teachers, 1906.

⁸⁴ HEADLAM, J. W. **The Position of Latin in Modern Education**... pp. 03.

⁸⁵ HEADLAM, J. W. **The Position of Latin in Modern Education**... pp. 10.

teach boys history in schools properly but we can give them a substratum of knowledge which will enable them to understand it afterwards. The roots of the truth of history are in the past.⁸⁶

Ainda, segundo o autor, o Latim está diretamente conectado com esta situação, pois ele é a base do conhecimento humano, nas línguas, na política, nas instituições e até mesmo nos estudos e discussões teológicas e na própria religião cristã reformada ou não. As principais culturas modernas – e é importante pontuar aqui que ele se refere às culturas ocidentais europeias, por exemplo a inglesa, a francesa, a alemã e a italiana – tinham suas bases na Roma Antiga, além de que muitos estudos que mudaram a forma como o mundo é compreendido foram escritos nessa língua. Estudar história sem compreensão de Latim é não compreender o que se estuda, pois a sociedade ocidental pertence, pelo menos em parte, à Roma clássica, mais do que à Grécia – que para ele é parte oriental.⁸⁷ A escola, bem como o Latim e as humanidades, são, para Headlam, ferramentas para compreender o mundo e viver nele.

É interessante perceber aqui uma contradição entre essas afirmações e o que pode ser percebido no capítulo anterior, com toda a valorização da cultura e da política da Grécia Clássica. Podemos analisar essa aparente mudança de opinião do autor como uma provável adaptação de seu pensamento de valorização da sociedade antiga à temática e objetivo do documento em questão, que tinha maior enfoque no Latim. Outra possível interpretação que não é antagônica à possibilidade anterior é a visão do Latim como uma ferramenta mais didática do que o Grego, sendo mais comumente vista em expressões do cotidiano, da literatura e do direito, por exemplo, e por isso seria mais facilmente ver a relação da sociedade moderna com a sociedade romana do que com os gregos. Não foi possível chegar a uma conclusão sobre essa questão, sendo possível apenas levantar hipóteses, pois o conjunto da obra de Headlam analisado neste trabalho não nos deu maiores pistas ou novos dados sobre a antiguidade clássica além do que foi trabalhado e exposto nestes capítulos.

Outro documento escrito por Headlam a partir de suas experiências como HMI foi o memorando “Committee on the Teaching of Modern Language in Great Britain”⁸⁸, de 1916, onde o foco é o ensino de línguas modernas, como francês e espanhol, e a utilidade destas disciplinas para o mercado de trabalho e a vida prática dos alunos fora da escola.

⁸⁶ HEADLAM, J. W. *The Position of Latin in Modern Education...* pp. 09.

⁸⁷ HEADLAM, J. W. *The Position of Latin in Modern Education...* pp. 09.

⁸⁸ HEADLAM, J. W. *Committee on the Teaching of Modern Language in Great Britain.* [s.l.: s.n.], 1916.

Nesse sentido, o autor insiste que se pense a organização escolar e os objetivos do ensino em função do grupo a quem esse ensino se dirigia e onde poderia ser aplicado posteriormente. Nessa discussão, a história entra como disciplina auxiliar, também enquadrada nas humanidades como um todo. Ao falar sobre o ensino das humanidades, então, o autor coloca como uma das funções atingir ou estar em consonância com finalidades comerciais que possam ser exigidas, às quais a educação básica, geral (em contrapartida à educação das classes mais abastadas), está voltada. Novamente o estudo de línguas está relacionado com a ida prática, com o pensar e analisar melhor e, assim, ter ferramentas para viver no mundo contemporâneo.

the more general educational requirements which can only be satisfied by developing a thoroughly well organised course in the schools, not only in modern language, but as is suggested in the terms of reference and in the Chairman's memorandum, in modern humanistic studies treated as a whole. It will, however, I expect, be found that the greatest impediment to this is the uncertainty in which the schools are as to the practical requirement for business purposes of working knowledge of foreign language.⁸⁹

Aqui, o maior problema não está estritamente no estudo ou ensino das humanidades, mas na própria estrutura das escolas que, muitas vezes, não estavam concatenadas com as exigências externas da sociedade – para a qual estão preparando os alunos – ou do próprio governo, principalmente no que diz respeito ao uso pós-escolar das línguas clássicas ou modernas. Essa crítica de Headlam faz alusão, indiretamente, às críticas feitas por alguns setores da sociedade inglesa à reforma educacional de 1902, chamada de *Balfour Act*, que substituiu os *School Boards* pelas *Local Educational Authorities* (LEAs) no que concernia a autoridade local de educação na Inglaterra. Isso porque os *School Boards* eram mecanismos de organização local com participação direta da sociedade na administração escolar, considerados por muitos como grande símbolo da democracia no âmbito educacional, enquanto as LEAs passavam a ser administrações locais apontadas pelo BOE.⁹⁰

Além disso, o *Balfour Act* também modificou o caráter das escolas primárias e secundárias, principalmente aquelas que haviam sido criadas e eram mantidas pelos *School Boards* e que eram, em sua maioria, voltadas às classes trabalhadoras. Essas escolas variavam em tipo (*Higher Tops*, *Evening Continuation Schools*, *Pupil-Teacher Centres*), podendo ser mais ou menos científicas ou com finalidades específicas, mas

⁸⁹ HEADLAM, J. W. *Committee on the Teaching of Modern Language...* pp. 07.

⁹⁰ EAGLESHAM, E. Implementing the Education Act of 1902. *British Journal of Educational Studies*, Vol. 10, No. 2, 1962.

tinham algumas características em comum: tinham sido criadas organicamente, a partir das necessidades da comunidade à qual serviam, focavam na continuação do ensino e instrução das classes menos abastadas, e em uma formação voltada para o comércio, a indústria e a vida prática não-acadêmica ou intelectual.⁹¹ E aqui a crítica de Headlam faz mais sentido, pois as novas escolas secundárias aprovadas pelo *Board of Education* a partir de 1902, sob a justificativa de uniformizar e reorganizar o ensino, utilizavam o modelo das tradicionais *Grammar Schools*, as escolas secundárias pagas das elites inglesas, voltadas às artes e à intelectualidade – mundo do qual Headlam fez parte, sendo pupilo de uma das mais renomadas, o *Eton College*⁹².

A reforma educacional de 1902 recebeu o nome de *Balfour Act* a partir do Primeiro Ministro inglês Arthur James Balfour, do partido conservador, que apresentou sua proposta escrita junto com Sir Robert Morant, primeiro secretário do BOE a partir de 1903. Como já dito, a ideia principal dessa reorganização era centralizar a administração escolar para que o sistema educacional inglês não ficasse mais caótico. A escola secundária deveria ser separada da primária de tal forma que fossem independentes. Além disso, houve uma tendência a mudar o foco das escolas de técnicas e científicas para mais literárias e um currículo mais balanceado e menos especializado a partir de 1904.

As escolas inglesas eram divididas em tipo A, com foco em ciências e matemática, e tipo B, cujo tempo destinado às ciências e matemática não poderia ultrapassar um terço do período escolar. As escolas de tipo A, até 1904, recebiam mais recursos que as de tipo B, e isso não agradava principalmente Morant, que valorizava um ensino menos especializado e científico e mais clássico – que, nesse período, era também mais tradicional e elitista.⁹³

Segundo Eric Eaglesham⁹⁴, apesar do protagonismo de Balfour e Morant na construção e aplicação da nova lei, outros dois nomes podem ser considerados fundamentais na validação e consolidação dessas novas ideias, e um deles é o de James Wycliffe Headlam. Isso porque, segundo Eaglesham, Headlam escreveu um relatório em

⁹¹ ROBINSON, W. *Historiographical Reflections...*

⁹² A *Eton College* era uma das *Grammar Schools* mais prestigiadas, só para garotos, onde se estudava grego e latim além de outras disciplinas literárias como história, geografia e literatura. A ideia era que o hábito de leitura e estudo dos clássicos daria aos alunos novos conhecimentos lógicos e racionais e visão de mundo diferenciada.

⁹³ KEATING, J. *Government Policy towards Secondary Schools and History Teaching 1900-1910. History in Education Project*, 2009; EAGLESHAM, E. *Implementing the Education Act of 1902...*

⁹⁴ EAGLESHAM, E. *Implementing the Education Act of 1902...*

1903⁹⁵, durante seu trabalho como HMI, sobre cerca de 90 escolas que visitou, todas do Tipo A – algumas que já existiam antes do *Balfour Act*, outras que foram criadas após a lei. Nesse *report*, Headlam critica a educação literária ministrada nesses locais, tanto clássica – Grego e Latim – quanto as disciplinas literárias inglesas – a saber, história, geografia, literatura e gramática.⁹⁶

Esse documento redigido por Headlam foi decisivo para as mudanças feitas posteriormente com relação as diferenças entre escolas tipo A e B, porém, como aponta Eaglesham, é difícil acreditar que a escolha de um inspetor que foi fellow do Eton College, que fez o chamado triplo clássico na Universidade de Cambridge⁹⁷ para escolas cujo enfoque era em ciências e matemática tenha sido acidental ou fortuna do destino. Já era sabido e esperado que o *report* escrito por Headlam viesse repleto de críticas e indicações de mudanças inclinadas aos estudos humanísticos, visando a diminuição do caráter especializado e técnico dessas escolas. Assim, como o próprio Morant revelou anos depois, eles escolheram especificamente o *report* de Headlam para justificar mudanças que desejavam fazer e que fariam de qualquer modo.⁹⁸ Porém, não há provas de que Headlam tenha feito esse *report* a priori para apoiar tais mudanças, ou que já sabia das intenções de seus superiores.

Em 1906 o partido liberal ganhou as eleições e acredita-se que tenha sido por causa do grande descontentamento causado pelo *Balfour Act*. Headlam continuou como HMI, não mais visitando escolas, mas participando de comitês e reuniões para mudanças curriculares e outras promovidas pelo *Board of Education*.

Sobre a função da história especificamente, à parte das humanidades, o primeiro documento que analisamos foi o “Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools – History”⁹⁹, referido também como “Circular 599”, publicado em 1908 pelo *Board of Education* e redigido por Headlam com base na sua formação em

⁹⁵ Este documento de Headlam foi publicado na coletânea “General Reports on Higher Education” for 1902, porém não conseguimos acesso a ele por não estar, até o momento da escrita final deste trabalho, publicado online.

⁹⁶ EAGLESHAM, E. Implementing the Education Act of 1902... pp. 155

⁹⁷ O Tripos Clássico da Universidade de Cambridge era um curso de graduação de 3 a 4 anos em estudos clássicos, consistindo no estudo de grego e latim (pelo menos intermediário), literatura clássica, história, arte e arqueologia clássicas, filosofia clássica e linguística. No final do curso, os alunos deveriam escolher uma área de ênfase para seus estudos e trabalho final. Esse curso era equivalente ao curso Alíneas Humaniores da Universidade de Oxford.

⁹⁸ EAGLESHAM, E. Implementing the Education Act of 1902... pp. 155.

⁹⁹ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools: History**, Board of Education, 1908.

história e na sua experiência como HMI em anos anteriores. Essa circular fez parte do processo de reformulação do currículo escolar do ensino secundário na Inglaterra iniciado em 1902, e foi assinada por W. N. Bruce, o *Principal Assistant Secretary* para ensino secundário no BOE, porém seu rascunho foi escrito por Headlam, revisado e aprovado por comissões e por Morant antes de sua versão final.¹⁰⁰ Tal processo seria reforçado pelo documento “Curricula of Secondary Schools”, de 1910, que faz indicações gerais sobre a nova organização dessa etapa escolar e indica, ao final, uma lista de documentos específicos de cada disciplina a serem seguidos como base, entre eles a “Circular 599” para história.

Nesta circular Headlam desenvolve duas frentes maiores para o ensino de história – indicações de conteúdo e indicações de métodos de ensino – não se atendo muito à função do ensino desta disciplina para além da sala de aula. Apesar de este não ser seu foco, Headlam dá pistas, diretas e indiretas, da sua concepção da função da história como disciplina escolar.

Ao falar do ensino de história para a educação básica nos anos iniciais, temática que toma apenas as primeiras páginas do documento, Headlam diz que “the stories from history afford excellent material for training the imagination”¹⁰¹ Aqui ele usa o verbo treinar, que também havia sido utilizado no documento sobre o latim, em vez de alternativas como, por exemplo, “desenvolver”, o que nos remete a atividades de repetição. Para ele a imaginação é importante para auxiliar a criança a compreender os elementos básicos dos assuntos mais relevantes a partir de estórias¹⁰², e para despertar um interesse no aluno que dificilmente será estimulado novamente em outra idade escolar.

Em seguida, o autor passa a falar do ensino secundário, voltando a falar de imaginação quando diz que

The study of the earlier periods is most helpful in stimulating the imagination of the pupils, and making them realise conditions of life and motives of action of which their personal experience can give them no knowledge.¹⁰³

¹⁰⁰ KEATING, J. *Government Policy...*; CANNADINE, D.; KEATING, J; SHELDON, N. **The Right Kind of History...**

¹⁰¹ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools: History...** pp. 04.

¹⁰² Aqui optamos por utilizar o termo estórias, já aposentado do português, para diferenciar na tradução como o autor faz no texto original, ao diferenciar com dois termos duas concepções também diferentes. Assim história é utilizada como uma tradução mais fiel para history e estória para story, que o autor utiliza quando se refere, especificamente, a narrativas mais simples como contos, crônicas ou fábulas.

¹⁰³ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools: History...** pp. 18.

Porém aqui, diferente da imaginação aliada às histórias, a imaginação vai auxiliar a visualizar e compreender realidades sobre as quais a experiência presente daqueles alunos não apresentaria a eles. Assim, o estudo do passado estaria aliado à imaginação na compreensão do mundo, das condições de vida de outros tempos e dos motivos para ações e situações pretéritas. A partir disso, o estudo da história serviria para encontrar no passado as origens e explicações para o presente no que diz respeito à política e suas instituições, como visto no capítulo anterior.

From the beginning boys should be trained to search in the past for the origin and explanations of the institutions and political life of the present.¹⁰⁴

O memorando de 1908 está dividido em diferentes partes, como *english history*, *local history*, *text-books* e *written work*. Na maior parte, foca, como já dito, em métodos e conteúdos, porém a parte em que defende o uso de livros didáticos é bastante pertinente para nossa análise. O autor defende que se use livros em sala de aula mas pontua que é importante tomar cuidado com quais livros escolher para usar, pois eles são peças chave no estudo da história, desenvolvendo vocabulário, e competências como compreensão, análise e crítica. Além disso, é importante que o professor não fique restrito a apenas um livro, pois existem muitas informações importantes que podem ser extraídas do cruzamento de leituras e ideias, e muito conteúdo pode ficar faltando no recorte de um único livro.

Moreover, one of the chief values of the study of history is that it affords valuable practice in the use of books. The increase in the vocabulary, the study of the precise meaning, and, as the pupils become older and use larger books, the analysis and criticism of a well-written book, are essential parts of their historical education.¹⁰⁵

Jenny Keating¹⁰⁶, analisando o mesmo *report* que Eaglesham, escrito por Headlam em 1902 e que já citamos anteriormente, no qual ele escreve sobre o ensino das disciplinas literárias em escolas secundárias, mostra que Headlam critica o uso de alguns livros didáticos pois são as únicas fontes de conhecimento dos professores, seus conteúdos não sendo bem utilizados e, assim, o ensino de história ficando fraco e incompleto. Ainda, ele também fala do treinamento da imaginação e sua importância para a compreensão da história ligando-a ao uso de livros no estudo histórico.

¹⁰⁴ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools: History...** pp. 21.

¹⁰⁵ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools: History...** pp. 11.

¹⁰⁶ KEATING, J. **Government Policy...**

[the boys] are not taught how to use books so as to extract information from them. The training of the imagination and sympathies, which is the chief use of History, is absent¹⁰⁷

No documento “Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools - Modern History”¹⁰⁸, de 1914, complementar (ou suplementar) ao memorando de 1908 mas com foco no ensino de história moderna Headlam diz que:

In accordance with the general principles of historical teaching the object should be to give a general outline of the political history and also a vivid presentation of the outstanding events, episodes and personalities in which this period is so rich¹⁰⁹

Nesse sentido, o autor defende que se de uma atenção especial à história política e dos acontecimentos do último século, pois o foco do ensino de história seria o uso da disciplina para apresentar o passado como um espaço onde eventos do presente encontram respaldo, visto que são esses eventos atuais que estão gerando maior interesse no momento e não podem ser negligenciados. Assim, a história serviria “to place the events of the present in their proper perspective”¹¹⁰. Nesse sentido, podemos visualizar uma perspectiva de análise histórica que parte do presente para o passado.

Ainda, segundo o próprio autor, esse documento foi escrito por causa dos novos eventos e da crise pela qual a Europa e a Inglaterra estavam passando, sobre os quais se fazia necessário um curso mais completo de história mais recente destas regiões “to serve national purposes”¹¹¹ e complementa que é preciso ter cuidado para não gerar ou aumentar animosidades entre nações ao lidar com essa matéria. Seria papel dos professores e responsáveis pela disciplina encontrar uma forma de transformá-la em útil para a sociedade e para a nação, corroborando ideia expressa em seu documento sobre latim de 1906, já mencionado aqui, onde diz que “Every subject must justify its claims on the grounds of usefulness, educational or otherwise.”¹¹².

Isso parece contraditório pois no memorando de 1908 o autor defendeu que existiam diferentes esquemas para se ensinar história, e um deles inicia com a atualidade e vai voltando para o passado, como um caminho “ao contrário” que inicia no que já é

¹⁰⁷ HEADLAM apud KEATING, J. *Government Policy...* pp. 19.

¹⁰⁸ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools:** Modern European History. Board of Education, 1914.

¹⁰⁹ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools:** Modern European History... pp. 03.

¹¹⁰ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools:** Modern European History... pp. 04

¹¹¹ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools:** Modern European History... pp. 01

¹¹² HEADLAM, J. W. **The Position of Latin in Modern Education...** pp. 01.

conhecido e vai para o desconhecido. Sobre isso, o autor afirmou que o objetivo dos professores de história deve ser apresentar uma narrativa que faça sentido para o aluno, que coloque os personagens e eventos em perspectiva e dela iniciar uma análise, e ao se iniciar do presente voltando para o passado, a narrativa se perdia e já começava com a análise, sem o devido espaço necessário para sua real compreensão, pois estaria imersa no presente. Ainda, ele diz que os assuntos da vida política moderna e contemporânea eram muito complexos até para os alunos mais velhos e aplicados, e para entender o presente eles teriam que já saber do passado.

The very distance at which we stand from the earlier portions of history makes it possible to place the leading figures and episodes in a clearer perspective than is possible for those of more modern times.¹¹³

Por fim Headlam diz que só a partir do passado mais remoto os alunos teriam uma instrução moral e política, atribuindo ao estudo histórico do passado mais remoto uma função exemplar que ele acreditava não ser possível com o estudo do passado mais recente. Isso é congruente com as ideias que ele expressa em outros documentos analisados neste capítulo – e também no anterior – de que as origens das principais instituições da sociedade moderna e da própria cultura ocidental estava nas sociedades antigas, e por isso os exemplos retirados delas tinham uma estima superior aos exemplos retirados de um tempo mais recente e que muitas vezes ainda estavam repercutindo em mudanças na atualidade, não sendo possível compreendê-los como um ciclo fechado com início, meio e fim. Aqui a história parece ter, para o autor, funções diferentes, então, de acordo com o recorte temporal trabalhado.

It may also be added that the moral and political instruction which are an essential part of the study of history become almost impossible when dealing with the most recent period.¹¹⁴

E nesse ponto há uma convergência no seu pensamento de 1908 e de 1914, quando neste último ele conclui que “There is no surer source of courage than the study of past achievements and no better school of wisdom than the recognition of past mistakes.”¹¹⁵, atribuindo função exemplar à história, colocando-a como peça fundamental para conhecer tanto as maiores conquistas quanto os erros já cometidos e não os cometer novamente. Todo esse desenvolvimento de conhecimento e sabedoria estava ligado ao propósito

¹¹³ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools: History...** pp. 17-18.

¹¹⁴ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools: History...** pp. 18.

¹¹⁵ HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools: Modern European History...** pp. 04.

básico que percorre todas as 4 páginas do documento: servir a nação, buscando fortalecê-la a partir do passado.

O documento em que Headlam mais desenvolve, porém, suas ideias sobre a função da história é o capítulo de introdução de um *report* publicado em 1910 sobre uma visita feita à Alemanha em 1906 como parte de um projeto da coroa britânica. No período, Headlam fez parte da comissão que construiu o *Special Reports on Educational Subjects, Vol. 20 – The Teaching of Classics in Scondary Schools in Germany* e ficou responsável por escrever a introdução, apresentando um histórico da educação na Alemanha, com foco no ensino clássico – especificamente história, literatura e línguas antigas, latim e grego¹¹⁶ –, até o momento de visita da comissão ao país – especificamente a Frankfurt –, que tinha passado por uma reforma no ensino conhecida como “Frankfurt Reform Scheme”. O documento final produzido por essa comissão foi publicado em formato de livro, com cerca de 200 páginas, e foi encomendado pelo *Board of Education* a fim de compreender como as mudanças feitas no ensino dos clássicos em Frankfurt tinham alterado a qualidade da educação dos alunos ou modificado para melhor a experiência educacional daqueles que iam para escolas que tinham sido alteradas com tal reforma.¹¹⁷

Na sua parte do *report*, Headlam detalha muitos elementos, dividindo o texto em várias partes e dedicando muito à comparação entre ensino clássico e ensino de história, bem como ao ensino na Alemanha e na Inglaterra. Além disso, neste *report*, diferentemente de outros em que o conteúdo apresentado era mais técnico e centrado em dar indicações e até soluções, Headlam demonstra mais liberdade, manifestando a sua opinião sobre diversos pontos.

Dentre esses pontos, Headlam fala que o principal objetivo de se estudar história é formar cidadãos e aprimorar o senso crítico dos alunos no que se refere, principalmente, às questões políticas, para que eles aprendam a pensar sozinhos e analisar as situações, formando sua própria opinião.

The ultimate object of historical learning is to make the boys good citizens. They must be trained to form sound and independent judgments on men and things.¹¹⁸

¹¹⁶ As vezes o autor se refere ao estudo clássico do latim e grego como o estudo respectivamente das línguas. Neste trabalho não nos ativemos a esses momentos.

¹¹⁷ HEADLAM, J. W. The Origin and History of the Reform in Classical Teaching in Germany. In: Board of Education. **Special Reports on Educational Subjects, Vol. 20.** The Teaching of Classics in Scondary Schools in Germany. Londres, 1910, pp. IV.

¹¹⁸ HEADLAM, J. W. The Origin and History of the Reform ... pp. 37.

E seguindo nessa linha, o ensino de história tem, aqui, um caráter explicitamente político: ele serve para formar pessoas que consigam guiar a nação, definir o destino do próprio país, tomar decisões importantes nas relações políticas das quais, segundo o autor, a população depende. Ainda, Headlam pontua que não se deve ensinar o patriotismo, mas esperar que ele seja uma consequência do estudo da história, desenvolvido e enaltecido.¹¹⁹ É interessante lembrar que Headlam estudou com Treitschke na Alemanha no fim do século XIX e o considerava porta voz do nacionalismo alemão, valorizando o fato de ser um historiador influente em seu país que não apenas ensinava história, mas instruía nos assuntos políticos mais importantes também.¹²⁰

Headlam, ao escrever seu artigo sobre Treitschke na *English Historical Review* em 1897, em homenagem post-mortem, valorizara o fato do autor alemão ser um político antes de um historiador, para quem o passado só interessava enquanto relacionado ao presente, auxiliando a compreendê-lo.

Other German scholars – Niebuhr, Dahlmann, Sybel, Droysen, Duncker – have brought to political practice minds trained in the study of history; Treitschke brought to history a mind exacerbated by political controversy.¹²¹

Apesar de o texto não ser totalmente enaltecido ao historiador alemão, as vezes inclusive lançando a ele algumas críticas, é possível perceber que Headlam se impressiona com o nacionalismo de Treitschke e com a força de suas convicções. Podemos, então, deduzir que sua experiência enquanto aluno de Treitschke influenciou a visão que ele formou dos objetivos políticos e da função prática e política da história.

A historiografia inglesa era influenciada especialmente pela historiografia alemã, que já havia ganhado reconhecimento internacional no último século e dentre os historiadores alemães que influenciaram Headlam estava Treitschke, cujas ideias nacionalistas eram bastante fortes. O objeto principal de análise dos historiadores alemães desse período tinha relação direta com a valorização do povo alemão, a construção de um nacionalismo em um território que não tinha ainda fronteiras definidas. A tendência era escrever sobre história moderna e recente.¹²² O governo inglês enviou vários pesquisadores, de várias áreas, à Alemanha a fim de compreender esse processo de mudança que a nação passava e que era pauta também de sua produção intelectual interna

¹¹⁹ HEADLAM, J. W. *The Origin and History of the Reform ...* pp. 37-38.

¹²⁰ SILVA, L. DE J. **Historiografia Inglesa em Revista**: a *English Historical Review* e a história pensada no século XIX. Goiânia: UFG, 2013.

¹²¹ HEADLAM, J. W. *Heinrich von Treitschke...* pp. 729.

¹²² BENTIVOGLIO, J. *A Historische Zeitschrift e a Historiografia Alemã do Século XIX. História da historiografia*, Ouro Preto, n. 06, 2011, pp. 83,

e voltar à Inglaterra com elementos que auxiliassem na reconstrução do poderio desse Estado. Voltar-se à Alemanha foi justificado pelo fato de como “uma nação criada tão recentemente poderia avançar economicamente tão rapidamente e, assim, ameaçar o império britânico.”¹²³ O *report* que Headlam ajudou a construir em 1910 fazia parte desse procedimento.

As conclusões que voltaram citaram a educação como um fator especialmente significativo: para continuar a competir no mercado global, os ingleses, como os alemães, deveriam fundir as finalidades das políticas econômicas e educacionais.¹²⁴

Muitos políticos ingleses influentes questionavam, entre os anos finais do século XIX e iniciais do XX, que a posição econômica da Inglaterra estava ameaçada pelo crescimento de diversas outras nações, principalmente a Alemanha, e que era necessária uma mudança no modelo vigente que levasse às pessoas os valores ingleses que faziam desta nação grande e poderosa, nomeadamente, seu poder imperial. E isso deveria ser feito através da educação e principalmente do ensino de história.

Headlam, ainda tendo a questão da formação política dos alunos como cerne no texto de 1910 fala também sobre a liberdade de pensamento que os alunos devem ter, principalmente quanto a passar a eles ideias dicotômicas a fim de influenciá-los a escolherem um lado entre liberais e conservadores, aqueles a favor do comércio livre e protecionistas, monarquistas e republicanos. Para Headlam estudar esses assuntos não significa dar a eles ideias já formadas para que eles vejam o que os autores do passado pensaram e pensem assim também, mas que aprendam as ideias e aprendam a pensar a sua maneira. Ele acreditava que se os alunos fossem ensinados a pensar o mesmo que as gerações anteriores pensavam, o conhecimento não se desenvolveria e haveria uma estagnação intelectual. “We must teach boys to think, but we can never teach them what they must think”¹²⁵ E, ainda, que ao estudarem e pensarem por si só, os alunos desenvolvessem pensamento crítico a fim de defender com bons argumentos seus ideais, para que suas opiniões sejam formadas de forma responsável, de acordo com princípios morais.

the opinions which they hold as responsible members of a free community they shall hold nobly and defend worthily. They must

¹²³ YEANDLE, P. **Citizenship, Nation, Empire**: The Politics of History Teaching in England, 1870-1930. Manchester: Manchester University Press, 2015, pp. 20. A citação destoa das outras citações de trabalhos em língua estrangeira e está traduzida devido à impossibilidade de consultar o livro original em última revisão.

¹²⁴ YEANDLE, P. **Citizenship, Nation, Empire**... pp. 20.

¹²⁵ HEADLAM, J. W. *The Origin and History of the Reform* ... pp. 37.

obtain insight into the fundamental principles of moral and political life which underlie all.¹²⁶

A questão da liberdade da sociedade aparece mais de uma vez nessa parte do texto, valorizando a educação como formadora de cidadãos em uma sociedade livre. O mesmo aparece em um texto que Headlam escreveu em 1927, quando ele visitou as escolas de Jerusalém a pedido do Bispo Anglicano local a fim de auxiliar e analisar a situação educacional em vista da fundação de uma Universidade na Palestina. Desta visita foi gerado o documento intitulado “Report on the Anglican Schools in Palestine”. Um dos anexos deste documento é intitulado “The Jerusalem Men’s College and Higher Education” e nele Headlam faz alguns apontamentos sobre a importância da educação e sua relação direta com a formação política da população palestina.

Ele fala que sob as regras do mandato britânico na Palestina, é papel deles educar a população para se auto-governar, e não é suficiente apenas uma boa administração e dar a eles cargos públicos, mas também educação superior que os iguale às nações europeias, e faz sentido fazer isso em uma instituição de ensino superior local que tenha métodos de ensino e de pensar mais parecidos com os dos britânicos.¹²⁷ Headlam defende que a Palestina tem que entrar no mundo moderno, que após o domínio do Ocidente sob o Oriente próximo e, principalmente, com o mandato britânico, a cultura ocidental influenciaria cada vez mais essa população através de ideias e formas de pensar que ele chama de ocidentalização (*Westernization*).

whether we like it or not, the inhabitants will come more and more under the influence of Western thought and Western life; the young men and women of the country will rightly insist on becoming participants in the scientific knowledge and the political thought which has enable the West politically and economically to dominate the East.¹²⁸

Essa ocidentalização pode ser criticada por muitos mas ele acha que é inevitável e é melhor que seja com professores e pessoas que saibam bem daquilo do que através de um conhecimento fracionado e fraco transmitido por jornais, por exemplo.¹²⁹ Fica claro que a educação tem um caráter político muito forte para Headlam, e a formação da população perpassa a construção do patriotismo e valorização nacional, algo que já vimos também em outros dos seus textos, mas todo esse nacionalismo é indiscutivelmente

¹²⁶ HEADLAM, J. W. *The Origin and History of the Reform ...* pp. 37.

¹²⁷ HEADLAM, J. W. **Report on the Anglican Schools in Palestine.** [s.l.: s.n.], 1927, pp. 34.

¹²⁸ HEADLAM, J. W. **Report on the Anglican Schools in Palestine...** pp. 3.

¹²⁹ HEADLAM, J. W. **Report on the Anglican Schools in Palestine...** pp. 35.

voltado à sociedade ocidental, e não de valorização das instituições tradicionais orientais¹³⁰.

Para que os alunos obtivessem o conhecimento moral e político necessário para lidar com as questões do presente, Headlam defende o estudo da Antiguidade como fundamental, fornecendo base para os alunos entenderem melhor a sociedade atual após compreenderem, por exemplo, como uma sociedade foi de seu período tribal ao desenvolvimento democrático completo, ou compreenderem os problemas e dificuldades de um império através do estudo e compreensão dos períodos de governo de Péricles e de Augusto. Um apontamento que Headlam faz em outro texto, intitulado “The Unity of Western Education”, publicado como capítulo no livro *The Unity of Western Civilization* em 1915, segue essa linha e nos ajuda a compreender a importância do estudo dos clássicos:

The study of the classics means the study of the whole life of the two great nations of antiquity as preserved in the extant literature. (...) it opens to the student a field of extraordinary wealth and variety, and from this each will take that which he is able to appropriate.¹³¹

O estudo da história e a apreensão de conhecimentos clássicos dariam aos alunos, segundo o autor, instrumentos apropriados para fazer julgamentos justos e para analisar melhor o presente.

“Is not there in the history of the ancient world abundance of political wisdom to occupy a boy for his last two years at school? Will not this enable him to form a juster judgment in after years on the problems of the present than a study of the immediate past? In history as in human conduct everything changes except the essential, and the study of the past may help us to see the essential in the present.”¹³²

Ademais, esses estudos tem uma função que para Headlam é grandiosa – o desenvolvimento do intelecto “arising from the willing and pleased absorption in the noblest works of letters and the greatest of intellectual problems.”¹³³ Esse desenvolvimento tem duas características importantes, o tempo que um aluno ou estudioso pode dedicar a ele, que se for muito pouco não vai ser suficiente, e o fato de ser

¹³⁰ Headlam diz que, ao derrotar o império Turco-Otomano, os britânicos libertaram os palestinos das amarras da tradição, que não possibilitava que eles se desenvolvessem e não provia a população de educação, que era algo que a população ansiava. “At that time the country was entirely without any educational institutions and nothing seemed to be more required than the sound training of the young.” HEADLAM, J. W. **Report on the Anglican Schools in Palestine...** pp. 2. “The country will no longer be as it formerly was, primitive, secluded and under de sole influence of inherited tradition” HEADLAM, J. W. **Report on the Anglican Schools in Palestine...** pp. 3.

¹³¹ HEADLAM, J. W. The Unity of Western Education. In: MARVIN, F. S. (org) **The Unity of Western Civilization**. Londres: Oxford University Press, 1915, pp. 189.

¹³² HEADLAM, J. W. The Origin and History of the Reform ... pp. 38.

¹³³ HEADLAM, J. W. The Origin and History of the Reform ... pp. 43.

estudo clássico e não outro. Um estudo moderno – que, assim como o clássico, uniria história, língua e literatura – não atingiria o nível de compreensão e de intelectualidade que só o estudo clássico poderia proporcionar. O estudo de história moderna não é tão completo e sólido, ele dá a sensação de que algo está sempre faltando e incompleto, sendo composto por “the learning of half-truths and inaccurate summaries”¹³⁴, enquanto o estudo de sociedades antigas é considerado por ele fechado, ou seja, uma história que já se sabe o início, o meio e, principalmente, o fim, podendo ser analisada como um todo.¹³⁵

Nessa comparação, ele ainda relaciona o estudo clássico aos objetivos nacionais, colocando a formação de cidadãos e a valorização da nação como propósitos da educação que só poderiam ser alcançados em sua completude se partissem do estudo clássico e não ficassem fechados ao estudo da história moderna. A história deve servir para ajudar a pensar e desenvolver a nação, pois ensina a pensar os problemas do presente como parte de um todo histórico, que não estão desligados do que ocorreu no passado. Para Headlam, o ensino de história e a escola como um todo devem fornecer ao aluno meios de enfrentar, analisar e passar pelas situações que se apresentam a ele.

Let the boys drink in as they will, the feelings, hopes, ideals, prejudices of their nation, their class, their family, their home. (...) What the school can do is to brace and strengthen the mind so that by degrees the real issues at stake may become apparent.¹³⁶

Essa perspectiva sobre a função primária da escola como sendo ensinar a pensar, na qual o ensino dos clássicos e da história é imperativo, aparece novamente no *report* sobre educação na Palestina de 1927, onde o autor diz, por exemplo, que para se ter uma instituição de ensino superior é necessário criar exames de admissão, mas que isso é um problema pois a educação não pode se resumir a passar em exames e isso prejudica o conhecimento. A educação escolar não pode ser apenas a aquisição de conhecimentos mínimos para passar num exame.¹³⁷ Ele lembra que tem várias escolas na Palestina e região que tem programas para que os alunos continuem seus estudos em um nível superior por exemplo em Direito, Ciências Naturais, Física, História Eclesiástica e Arqueologia, por exemplo.¹³⁸ E nesse sentido, uma nova instituição de ensino superior deveria focar nas temáticas que a região tem mais, por um lado, necessidade de conhecimento – seria o caso de se estudar História local e Ciência Política, Economia,

¹³⁴ HEADLAM, J. W. *The Origin and History of the Reform ...* pp. 37.

¹³⁵ HEADLAM, J. W. *The Origin and History of the Reform ...* pp. 38.

¹³⁶ HEADLAM, J. W. *The Origin and History of the Reform ...* pp. 39.

¹³⁷ HEADLAM, J. W. **Report on the Anglican Schools in Palestine...** pp. 29.

¹³⁸ HEADLAM, J. W. **Report on the Anglican Schools in Palestine...** pp. 32-33.

aprendendo a analisar criticamente as ideias sobre auto-governança, nacionalismo, conceitos e desenvolvimento políticos –, e por outro, capacidade de florescer – por exemplo o estudo de História das Religiões, com atenção especial ao Islã, e uni-la com os estudos arqueológicos; a ideia era, para ele, que essa instituição se torne um centro referencial nesses estudos e isso atraia estudantes de outros países para complementar sua formação nesse local, nessas especializações.¹³⁹

Em algumas passagens o autor se mostra um pouco negativo quanto ao ensino de história antiga, seja porque alguns alunos podem não estar preparados para compreender esse período, seja porque a forma de ensinar não seja boa o suficiente pois foca no presente e não na imersão total na antiguidade propriamente dita.

Classics are then to be studied not for themselves but because of their historical importance in the growth of European civilization. This conception of the historical value of the classics will be found in nearly all modern German works. (...) I venture to suggest that it is fallacious, and is destructive of all right appreciation of the real value of the classics as a school subject. It is maintained that we read the classics because of the importance that they have had in building up our civilization; we study them not for themselves but for their relation to ourselves.¹⁴⁰

Para ele, o ensino de latim funciona até bem assim, pois tem uma relação mais próxima com a nossa civilização, mas o estudo da Grécia nem tanto, sendo bem mais difícil para os alunos. Apesar disso, ele mantém que o estudo de ambas as civilizações e seus autores auxilia na compreensão das origens da humanidade e de questões éticas, políticas, militares: “and where can we better train our boys to understand the endless struggle between liberty and empire than in Carthage and Rome?”¹⁴¹

O tema origens é central no texto de 1915 sobre unidade na educação ocidental. Nele o autor explica que há uma diferença entre uniformidade e unidade, e que para se encontrar uma unidade é necessário voltar-se às origens, e a história que possibilitaria isso. Para ele, a unidade nas instituições educacionais europeias modernas não se referia aos modelos curriculares utilizados no momento, ou ao formato das salas de aulas e dos prédios, mas em questões mais fundamentais, espirituais e intelectuais.

Segundo o autor, as origens da escola estavam em tirar as crianças das comunidades primitivas e selvagens e elevá-las à cristandade, sob a égide de Roma e com o ensino do latim e em latim como centro, e isso acontecera em qualquer lugar: nas ilhas

¹³⁹ HEADLAM, J. W. **Report on the Anglican Schools in Palestine...** pp. 35-37.

¹⁴⁰ HEADLAM, J. W. *The Origin and History of the Reform ...* pp. 40.

¹⁴¹ HEADLAM, J. W. *The Origin and History of the Reform ...* pp. 43.

britânicas, na Gália e na Península Ibérica. Para Headlam, esses elementos são comuns a todas as nações europeias ocidentais modernas, perduram no tempo e dão real unidade à educação.

On this common basis – the Bible, the Church, and the Latin language – was then established the education of Western Europe, and the form it then assumed it retained for over a thousand years, almost without a change. By this a common cast was given to the intellect, and the nations were disciplined by common spiritual teaching.¹⁴²

Seguindo sua análise, Headlam reconhece várias mudanças no sistema educacional europeu que passou de unificado na religião, na dominação romana e no uso do latim para variado e no qual cada nação tinha suas particularidades. Ainda, ele fala do progresso da ciência e conseqüente valorização dos estudos científicos nas escolas e universidades, base sob a qual ele vê uma tentativa de unificação intelectual das nações. O autor se coloca totalmente contra essa tendência e volta a colocar na antiguidade as origens desse espírito – analítico e pesquisador – que animava o desenvolvimento científico.¹⁴³

It is that [the spirit of Greece] to which we owe not only the investigation and subjection of nature, but equally with it all progress in every department of thought, the analysis of society, whether political or economic, the investigations of the working of human reason, the probing of human passions, and their record in art and literature.¹⁴⁴

Nesse texto Headlam também fala da questão da escola na formação da nacionalidade, e apesar de não falar especificamente da história, ele nos alerta no início do capítulo que é ela que dá a base para sabermos tudo o que será apresentado a seguir. Além disso, ele coloca na antiguidade as origens das civilizações europeias no que concerne suas instituições escolares, mas também culturais, morais e intelectuais. Por fim, a escola é, para ele, espaço de transmissão e manifestação de valores, sendo que esses valores mudaram daqueles comuns a todos os europeus para aqueles singulares de cada nação. Assim, a função da educação passou a ser transmitir não mais valores de unidade cultural e histórica, mas inculcar nos alunos as especificidades nacionais.

Every nation rightly struggling to be free has seen in the school the instrument for securing the allegiance of the young, and the school has become the centre of political struggle.¹⁴⁵

If the work of the school was not to be merely the dead instruction in useless knowledge, if the work was to be directed towards informing

¹⁴² HEADLAM, J. W. *The Unity of Western Education...* pp. 182-183.

¹⁴³ HEADLAM, J. W. *The Unity of Western Education...* pp. 193.

¹⁴⁴ HEADLAM, J. W. *The Unity of Western Education...* pp. 195.

¹⁴⁵ HEADLAM, J. W. *The Unity of Western Education...* pp. 191.

the minds of the pupils with ideals and beliefs, it was only in the idealization of the national thought that this could be attained.¹⁴⁶

Mas mesmo o espírito nacional está ligado ao estudo dos clássicos, segundo ele, pelo menos na Inglaterra, onde os principais autores tiveram formação clássica e a partir dela aprenderam um senso crítico aguçado, oratória¹⁴⁷ e habilidades e qualidades de estadistas.¹⁴⁸

Pudemos perceber a partir da análise dos textos de Headlam especificamente voltados às temáticas educacionais que, quando o autor se volta às funções da história, seu foco é na história como disciplina escolar, ou seja, na função daquilo que os alunos aprendem nas escolas e não da história em geral. Além disso, mistura-se muito com a função da história como um tópico dentro das humanidades ou dos estudos clássicos que não está separado do estudo da língua clássica – grego ou latim – nem da sua literatura – a partir da leitura de seus autores ao invés de ler terceiros que escreveram sobre eles. Assim, por vezes, Headlam indica que se organize o estudo da história como o estudo do latim e vice-versa, pois os objetivos a serem atingidos com esses ensinamentos são muito parecidos: cidadãos mais críticos e preparados para atuar na sociedade, conhecedores de sua sociedade (a partir do entendimento sobre civilizações antigas que a formaram) e preparados para apreender e compreender novos conhecimentos que se apresentem a eles (pelo desenvolvimento da intelectualidade que a história e o estudo clássico proporcionaram).

Nesta mesma linha, a história aparece com uma função voltada para o seu uso político no presente, como ferramenta de desenvolvimento nacional a partir do conhecimento sobre o passado. Essa função aparece nas principais temáticas trabalhadas pelos historiadores ingleses – inclusive e especialmente os estudos clássicos –, que, como discute Breisach, no início do século XIX eram sempre imbuídas da prerrogativa de formar *gentlemen* em assuntos políticos e para a vida pública.¹⁴⁹ Essa função política que Headlam atribui à história, relacionando-a à exaltação da nação e à formação do cidadão patriota é paralela àquela que ele próprio valoriza nos escritos de Treitschke e também está intimamente ligada à construção do pensamento crítico e do ensinar os alunos a

¹⁴⁶ HEADLAM, J. W. *The Unity of Western Education...* pp. 192.

¹⁴⁷ Headlam fala oratória, mas fala também do estilo de escrita, forma de se expressar, que ele considera nobres e dignas.

¹⁴⁸ HEADLAM, J. W. *The Unity of Western Education...* pp. 189-190.

¹⁴⁹ BREISACH, E. *Historiography...* pp. 249.

pensar, que é típica da cultura historiográfica inglesa desse período.¹⁵⁰ Breisach apresenta o papel da história na historiografia inglesa do século XVIII e início do XIX como uma aversão à coleção de documentos e uma valorização da disciplina que deveria ensinar “the progressive enlightenment of mankind”¹⁵¹ e, ainda segundo o autor, essa perspectiva didática não foi abandonada até os estudos de Grote e Stubbs e a tradição germanizada da historiografia inglesa.¹⁵²

A história aparece no *corpus* documental analisado neste capítulo novamente com uma função exemplar, principalmente quando se estuda as sociedades mais antigas. Nesse sentido, apesar da estrutura e dos objetivos de seus escritos sobre educação serem diferentes daqueles dos textos analisados no capítulo anterior, a história mantém uma função principal de servir como exemplo para a sociedade atual. É interessante perceber o paralelo que Headlam faz entre o ensino de história antiga e de história moderna, colocando a primeira em um patamar mais elevado de conhecimento por motivos diversos, dentre eles a crença de que pensamento e a cultura em que ele vivia eram baseados e herdados dela, eram sociedades sobre as quais dava-se para saber início, meio e fim e, assim, aprender com elas e que construíram modelos de vida política, cultural, administrativa e econômica que até então ecoavam no corpo social moderno.

¹⁵⁰ YEANDLE, P. **Citizenship, Nation, Empire...**; BENTLEY, M. **Modernizing England's Past...**

¹⁵¹ BREISACH, E. **Historiography...** pp. 209.

¹⁵² BREISACH, E. **Historiography...** pp. 250.

CAPÍTULO 3. A HISTÓRIA POLÍTICA MODERNA: ANTES, DURANTE E DEPOIS DA 1ª GUERRA MUNDIAL

Neste capítulo buscamos compreender a função que Headlam atribui à história ao enfocar a história política moderna e contemporânea em seus textos. Atos patrióticos, figuras e acontecimentos ligados ao desenvolvimento político e diplomático das nações modernas se tornaram os principais objetos de análise de Headlam a partir de 1914, mesmo a história política já fazendo parte de seus estudos quando escrevia sobre antiguidade, e seus escritos educacionais nunca tendo estado desconectados da vida prática política do autor. Em 1899 Headlam escreveu o seu primeiro livro sobre o assunto, *Bismarck and the Foundation of the German Empire*, que é estruturado como uma biografia do Chanceler alemão, mas que se centra nas atitudes políticas e diplomáticas deste político em relação à constituição do Império Germânico.

Depois deste livro, durante a primeira década do século XX, Headlam se dedicou principalmente ao seu papel como inspetor das escolas inglesas e funcionário do *Board of Education*, com escritos voltados principalmente à educação inglesa, porém em duas ocasiões foi professor em cursos de extensão sobre a história recente da Inglaterra e do século XIX. A partir de 1914, com o início da primeira guerra, Headlam passou a integrar o *Foreign Office* (FO) britânico como um dos historiadores beneficiário das ações do Gabinete de Propaganda de Guerra britânico, mais conhecido como *Wellington House*, que era supervisionado pelo *Foreign Office*, no qual o foco era recrutamento militar em um primeiro momento, mas também cooperação com partidos políticos, editoras, imprensa, e até mesmo produção de filmes relacionados à guerra.¹⁵³ A maior parte dos escritos sobre política (inter)nacional e contemporânea de Headlam são desse período e faziam panoramas históricos sobre o início do conflito e as relações entre a Alemanha, a Inglaterra e outras nações publicados como panfletos de guerra, artigos de jornais e livros com o apoio da *Wellington House*. Dentre suas publicações está *The Issue*, uma coletânea de artigos que tratam especificamente de tratados de paz e foram publicados primeiramente em diferentes jornais e revistas, e depois reunidos, em 1917, neste livro. Segundo Sharp¹⁵⁴, muitos dos autores dessas organizações eram acadêmicos e intelectuais – que, em maioria, até então, dedicavam sua vida a pesquisas na área de estudos clássicos

¹⁵³ MONGER, D. *Propaganda at Home: Great Britain and Ireland*. Berlin: Freie Universität Berlin, 2016. (Nota técnica), pp. 03-06.

¹⁵⁴ SHARP, A. James Headlam-Morley...

– que passaram a focar, pela força do contexto, em política contemporânea e internacional.

Com a criação do *Political Intelligence Department* (P.I.D.), seccional do *Foreign Office* britânico formado por intelectuais, sendo um grande número deles historiadores e classicistas, Headlam foi transferido e passou a ser braço direito do diretor Sir William Tyrell (1866-1947), auxiliando nas questões burocráticas e no comando cotidiano do departamento.¹⁵⁵ O PID foi idealizado para ser uma agência de propaganda e inteligência durante a guerra. A ideia da criação deste departamento era analisar e coordenar informações e perceber tendências externas ao Reino Unido, utilizando métodos específicos para coleta e síntese dessas informações.¹⁵⁶ Dentre as especificidades desse departamento estava a sua composição, que era majoritariamente de pesquisadores advindos do *Department of Information's Intelligence Bureau* (DIIB) e que possuíam grande experiência na avaliação da situação de outros países. Dentro do PID, cada pesquisador tinha uma especialidade, sendo Headlam o chefe da sessão que cuidava dos assuntos relacionados à Alemanha, trabalhando com outros dois especialistas nesse país, Edwyn Bevan (1870-1943) e George Saunders.¹⁵⁷

Após o fim da 1ª Grande Guerra, Headlam participou ativamente da Conferência de Paris, representando a Inglaterra em alguns comitês. Segundo Dockrill e Steiner, a delegação do FO na Conferência não era tão expressiva, principalmente por questões políticas internas que as relegava a um papel secundário.¹⁵⁸ Lloyd George¹⁵⁹ escolheu a chefia do Gabinete de Guerra para conduzir os tratados e o posicionamento inglês ao invés da chefia do *Foreign Office* e criou uma situação desconfortável para os componentes deste último, que não eram tão levados a sério. Além disso, a própria organização da Conferência foi considerada desorganizada e havia muita confusão nos comitês e mesmo dentro da delegação britânica. Os autores descrevem situações em que as decisões em um comitê não eram comunicadas ao resto da delegação, e uma fala de

¹⁵⁵ GOLDSTEIN, E. The Foreign Office and Political Intelligence 1918–1920. **Review of International Studies**, vol. 14, n. 04, 1988, pp. 277.

¹⁵⁶ Segundo Sharp, “The P.I.D. was thus not intended to be an extra or substitute source of policy advice. Its role was rather the sifting of information using its considerable expertise to evaluate the material it received.”. SHARP, A. Some Relevant Historians – the Political Intelligence Department of the Foreign Office, 1918-1920. **Australian Journal of Politics and History**, Vol. 34, n. 3, 1988, pp. 361.

¹⁵⁷ GOLDSTEIN, E. The Foreign Office and Political Intelligence...; SHARP, A. Some Relevant Historians... Não foi possível encontrar dados biográficos sobre George Saunders.

¹⁵⁸ DOCKRILL, M. L.; STEINER, Z. The Foreign Office at the Paris Peace Conference in 1919. **The International History Review**, vol 2, n. 1, 1980.

¹⁵⁹ Primeiro Ministro inglês do Partido Liberal ente dezembro de 1916 e outubro de 1922. Foi representante inglês na Conferência de Paris de 1919.

Headlam é expressiva sobre essa situação, ao dizer que ficava sabendo do andamento das resoluções a partir de conversas em corredores de hotel.

It is not surprising that, despite an injunction by Hardinge to all members of the British delegation against 'indiscreet talk' at the Hotel Majestic, Headlam-Morley claimed that he picked up most of his information about the progress of the conference from gossip there.¹⁶⁰

Erik Goldstein, diferentemente dos autores anteriores, escreve que o PID teve um papel central na conferência, principalmente por causa de sua atuação durante a guerra, desenvolvendo senso crítico e analítico, produzindo breves *reports* sobre as condições políticas de cada país/região e as vezes sobre eventos específicos. Assim, quando o fim da guerra já podia ser visualizado, esse departamento foi responsável por produzir vários memorandos concisos sobre diversos temas que provavelmente apareceriam na conferência, o que auxiliou na tomada de decisão e escolha de linha a seguir pela delegação britânica, sendo sua principal função, ainda, encontrar soluções viáveis para os problemas que apareciam na conferência.¹⁶¹ Dockrill e Steiner, porém, afirmam que na prática pouco desses documentos produzidos pelo PID eram realmente lidos e a atuação real dos membros do departamento foram nas comissões territoriais, que tratavam da situação das fronteiras europeias do pós-guerra.¹⁶²

Após a guerra o PID foi extinto, principalmente devido a cortes de gastos e reestruturação administrativa. Muitos de seus membros perderam seus empregos, mas Headlam foi transferido para outra função ainda dentro do FO, trabalhando como *Historical Adviser* – cargo criado especificamente para ele e no qual se dedicava, principalmente, às políticas do FO referente aos arquivos para com os historiadores e a produzir breves textos sobre assuntos diversos que estivessem em pauta no momento, dedicados a um público pequeno mas

he tried to supply his audience with a sense of the utility but not the tyranny of history. It might provide a useful guide to past successes and errors but it could not provide a blueprint for action.¹⁶³

Os seus textos seguintes, após 1919, mantiveram as temáticas políticas abordadas durante a guerra, analisando e apresentando relações entre Alemanha e Inglaterra, mas também incorporaram memórias da conferência e análises do período da guerra sob um

¹⁶⁰ Headlam apud DOCKRILL, M. L.; STEINER, Z. *The Foreign Office at the Paris Peace Conference...* pp. 64.

¹⁶¹ GOLDSTEIN, E. *The Foreign Office and Political Intelligence...* p. 280-283; SHARP, A. *Some Relevant Historians...* pp. 363.

¹⁶² Headlam apud DOCKRILL, M. L.; STEINER, Z. *The Foreign Office at the Paris Peace Conference...* pp. 62-63.

¹⁶³ SHARP, A. *James Headlam-Morley...* pp. 276.

ponto de vista menos momentâneo – apesar de ainda muito recente.¹⁶⁴ Também a partir dessa data encontramos novamente a publicação de alguns livros, inclusive coletâneas de documentos sobre a guerra, como *German Diplomatic Documents – 1871-1914*, na qual Headlam escreveu a introdução ao volume I em 1928.

Ainda, é importante pontuar que durante a conferência de 1919 em Paris foi criado o *Royal Institute of International Affairs*, a partir da união de pesquisadores, em sua maioria historiadores, das delegações britânica e americana. A ideia desses intelectuais era criar um instrumento de discussão e análise dos assuntos eminentes em relações internacionais, principalmente de conferências como aquela, e passar informações para o público.¹⁶⁵ Headlam, como tantos outros, participou da fundação do instituto, sendo um dos membros da comissão que fez o esboço de sua configuração inicial. Ficou decidido, dentre outras coisas, que teria duas sedes, uma na Inglaterra e outra nos Estados Unidos. Apesar das críticas que recebeu, seus fundadores sempre negaram qualquer inclinação a influenciar a opinião pública contra o governo e sempre se propuseram como uma organização paralela a fim de auxiliar as instituições governamentais com suas análises e pesquisas. “Indeed no member would be allowed to write to the press on Institute notepaper, or use its address. It would be a place for study, research and exchange of information.”¹⁶⁶

Porém, a criação desse instituto e a participação de Headlam nela estão dentro de um contexto de valorização cada vez maior, dentro e fora da academia, da história diplomática e das relações internacionais, que buscavam compreender as situações políticas dos diversos Estados e suas relações contemporâneas e cujo interesse aumentou após a primeira guerra. Para tal, era necessário o acesso aos arquivos relacionados à guerra, documentos produzidos no período e, principalmente, métodos de análise específicos que, como vimos, para Headlam, apenas os historiadores tinham. Studdert-Kennedy pontua que aqueles que fundaram a *Chatham House*¹⁶⁷ tinham diferenças ideológicas entre si mas, em sua maioria, tinham uma visão liberal que buscavam fundamentar, desenvolver e divulgar. Para ele, Headlam estava entre os mais

¹⁶⁴ É importante ressaltar aqui que muitos documentos, especialmente britânicos, sobre a guerra só se tornaram públicos depois que muitos desses textos já tinham sido escritos, e a opinião do autor era baseada naquilo que via, vivia e lia, do conhecimento que ele tinha acesso. Então, suas opiniões se tornaram desatualizadas muito rapidamente. Assim, muitas críticas feitas à Headlam e seus textos não levaram em consideração essa situação, e não serão consideradas aqui sempre que possível.

¹⁶⁵ DOCKRILL, M. L. The Foreign Office and the ‘Proposed Institute of International Affairs 1919’ (Historical Note). **International Affairs**, vol. 56, n. 4, 1980, pp. 665.

¹⁶⁶ DOCKRILL, M. L. The Foreign Office... pp. 671.

¹⁶⁷ Nome dado à seccional do *Royal Institute of International Affairs* em Londres.

conservadores, mas todos buscavam uma mudança na situação europeia em que a paz entre os Estados fosse central.¹⁶⁸

Apesar dos escritos de Headlam terem algumas fases específicas, como salientado acima, algumas temáticas são abordadas pelo autor em mais de uma delas, como a questão da manutenção e crescimentos das liberdades individuais e do liberalismo, as relações da Inglaterra com outras nações, principalmente Alemanha, e o poder dos costumes e tradições na prática política inglesa. Outras temáticas acabam sendo salientadas em momentos específicos, como as relacionadas especificamente à 1ª Guerra Mundial, que obviamente só aparece a partir de 1914, mas ganha força a partir de 1917 e no pós-guerra, quando novos documentos do período são publicados.

Nesse amplo contexto de produção intelectual de Headlam, buscamos perceber semelhanças e diferenças nas abordagens que o autor faz e no papel que atribui à história nessas diferentes análises. Procuramos compreender se esta função varia quando o autor escreve sobre aquilo que está acontecendo no calor do momento, quando está em posição de poder representando o governo inglês, e quando escreve alguns anos depois, quando já se tem novas fontes de informação sobre o acontecido e a análise possibilita maior imparcialidade. Ainda procuramos perceber se a função da história que verificamos nos capítulos anteriores se mantém no recorte de textos aqui abordado.

O primeiro livro de Headlam sobre política moderna e contemporânea data de bem antes da Primeira Guerra Mundial: é uma biografia política do Chanceler alemão Otto von Bismarck com ênfase no processo de constituição do Império Alemão. Neste livro, *Bismarck and the Foundation of the German Empire*, de 1899, Headlam apresenta também um panorama histórico do período em que Bismarck viveu e a história é muito valorizada enquanto conhecimento acadêmico que Bismarck adquiriu na sua juventude e que engrandecia o poder de percepção e análise que o próprio Bismarck fazia das situações à sua volta. Segundo Headlam, a formação em história que o chanceler alemão teve o preparou ainda melhor para a vida prática, pois em debates e pronunciamentos ele sabia utilizar eventos do passado como exemplos e justificativa para suas ações.¹⁶⁹ Para Headlam, o conhecimento histórico de Bismarck possibilitava que ele fizesse boas análises das situações, comparando-as e tomando decisões mais acertadas para atingir

¹⁶⁸ STUDDERT-KENNEDY, G. Christianity, Statecraft and Chatham House: Lionel Curtis and world order. *Diplomacy & Statecraft*, vol. 6, n. 2, 1995.

¹⁶⁹ HEADLAM, J. W. *Bismarck and the Foundation of the German Empire*. Heroes of the Nations collection. New York: G. P. Putnam's sons, 1899, pp. 17-18.

seus objetivos. Um exemplo era o uso do passado para justificar o Império Alemão e suas próprias ações, afirmando que as lutas que ele travava advinham de tempos muito mais remotos, até mesmo da idade média, assim legitimando suas ações como defesa contra inimigos internos e externos.¹⁷⁰

Na “Historical Introduction” que Headlam escreveu em 1928 para o primeiro volume do livro *German Diplomatic Documents (1871-1914)* de Edgar T. S. Dugdale, o autor reafirma que a Alemanha teve muita sorte de ter um governante como Bismarck, que tinha bom conhecimento em história e relações exteriores, sendo este seu diferencial, que o faz um estadista superior em comparação aos de outras nações.

For twenty years before he had been closely concerned with foreign affairs, and he had accumulated an intimate knowledge of the recent history of Europe, the personalities of the different courts, the qualities and ambitions of the nations, which alone was sufficient to put him in a different category from any statesman in another nation.¹⁷¹

No texto “German Influence in British History”, de 1922, em que compara a Alemanha com a Inglaterra, Headlam também aborda a história como um conhecimento essencial para o desenvolvimento de uma compreensão de mundo mais completa. O conhecimento histórico auxilia, segundo o autor, na compreensão dos intercâmbios culturais entre a Inglaterra e Alemanha que influenciavam a vida prática inglesa. Headlam enaltece o desenvolvimento parecido dos dois países em várias áreas e diz que a Alemanha influenciou muito a cultura inglesa principalmente nas áreas erudita e acadêmica. Para ele, há três modelos principais em que essas influências germânicas podem ser classificadas: a romântica, relacionada ao estilo literário e a uma valorização do nacionalismo e patriotismo; a influência acadêmica e a influência prática, que são as que mais nos interessam aqui.

Segundo o autor, a influência acadêmica se dá pela extrema qualidade da organização educacional alemã e a relevância que a educação tinha na vida daquele país, com devoção ao conhecimento e uma forte tendência filosófica e intelectual. Foi nesta nação que se desenvolveu o método crítico que, de acordo o inglês, influenciou diretamente a Inglaterra e acabou tornando-se a base do ensino inglês, com o trabalho com fontes e uma narrativa diferenciada.¹⁷² Steven Siak discute em seu texto “The Blood

¹⁷⁰ HEADLAM, J. W. *Bismarck and the Foundation of the German Empire...* p. 401.

¹⁷¹ HEADLAM, J. W. Historical Introduction. In: DUGDALE, E. T. S. (org) *German Diplomatic Documents*. Vol I. Londres: Harper & brothers, 1928, pp. XXVI.

¹⁷² HEADLAM, J. W. *German Influence in British History*. Notes on Lecture. King’s College: [s.n.], 1922, pp. 41a-41d.

"That Is in Our Veins Comes from German Ancestors" o antigermanismo que surgiu na historiografia britânica após o início da Primeira Guerra e compara com os estudos anteriores que tinham forte influência germânica fosse porque uma grande parte dos acadêmicos ingleses mais proeminentes tinham alguma experiência passada com a Alemanha, tendo estudado lá durante infância ou faculdade, ou porque disseminou-se um vertente racista de análise histórica, advinda da busca por origens da sociedade inglesa, sob a crença de que ambos países tinham ancestrais comuns. Além dessas características que já impregnavam e pesavam na historiografia britânica, na Alemanha se desenvolveu um método que dava estatuto de ciência à história e buscava novas formas que adquirir conhecimento a partir da compreensão racional. Esse método se estendeu à educação e uma nova forma de organiza-la sob o preceito de "busca por conhecimento", e isso fez com que as instituições educacionais britânicas adotassem um modelo germanizado de atuação.¹⁷³ Pudemos ver, no capítulo anterior, que realmente a organização da educação fora do reino era uma preocupação do governo inglês, e especificamente no que concerne a uma reforma educacional, o exemplo da Alemanha foi bastante explorado por Headlam e pela comissão que visitou este país em 1910.

Headlam aborda, ainda no texto de 1922, um pouco desse método de análise crítica caracterizado por Siak e valoriza suas principais características. Porém, para ele, a escola crítica era mais do que um método de estudo: era uma forma que o espírito histórico tomava e que podia ser vista em todas as esferas da vida. Apesar disso, ele diz que ela não era a única forma desse espírito, mas que ele fazia parte de um desenvolvimento natural da intelectualidade humana.

In truth the critical method was only one application of the historical spirit, the spirit which sees in language, in religion, in society, in all human institutions, not as our forefathers would have thought, the conscious creation of an individual mind, but a natural growth¹⁷⁴

Dessa forma, a história tem papel extremamente relevante na compreensão do mundo e ia além dos meios acadêmicos, possuindo, na opinião do autor, um método autêntico e que era aplicado em diferentes áreas de estudo e também de vivência. A terceira influência sobre a qual fala, chamada prática, se relaciona precisamente com isso. Ela advém do costume de se analisar as ações e métodos de um outro Estado através de sua história – em várias esferas, fossem militares, educacionais ou de governo –, para

¹⁷³ SIAK, S. W. "The Blood That Is in Our Veins Comes from German Ancestors": British Historians and the Coming of the First World War. *Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies*, Vol. 30, No. 2, 1998, pp. 222.

¹⁷⁴ HEADLAM, J. W. *German Influence in British History...* pp. 41g-41h.

então tirar deles aquilo que fosse melhor e adapta-lo ao seu próprio contexto. Assim, aplicam experiências positivas e conhecimentos críticos à vida prática.

Além da história possibilitar essa compreensão de mundo através de novas visões e de análises críticas, ela também auxilia a compreender o desenvolvimento da sociedade até o ponto em que ela está na atualidade e seus processos de rupturas e continuidades. Sob a perspectiva dessa função, alguns pontos principais são levantados por Headlam, como o liberalismo na cultura inglesa, a força das tradições britânicas nas práticas políticas nacionais e muitas análises que faz de várias situações da Primeira Guerra Mundial podem ser analisadas

Nos cursos *The England of Today*, de 1904, e no intitulado *Syllabus of a course of Ten Lectures on Characteristics and episodes in the history of the nineteenth century*¹⁷⁵, ministrado 3 anos antes, em 1901, Headlam aborda especificamente o liberalismo inglês e a constituição dos partidos ingleses *Tory* e *Whig* a partir da constituição histórica da *House of Commons* e da *House of Lords*, além da influência da Revolução Francesa e das ideias de mudança que ela simbolizava. Headlam analisa a Revolução Francesa como um dos principais acontecimentos da história europeia e que acabou com o antigo sistema europeu. A partir disso, duas temáticas se entrecruzam: a da consolidação de um novo sistema europeu pós-revolução e, principalmente, com Napoleão e sua empreitada expansionista territorial, e a da liberdade política e das liberdades individuais.

Em 1901 Headlam fez um breve histórico do desenvolvimento europeu a partir da Revolução Francesa, que abriu portas para uma nova organização das liberdades individuais e ideais democráticos e de igualdade na Europa, sendo que a opinião pública foi em sua maior parte contra esses ideais que ele chama de racionalistas por causa da forma como a Revolução foi feita e os excessos dos jacobinos, e em oposição se fortaleceram grupos religiosos e que defendiam as tradições.¹⁷⁶ Porém, mesmo com várias ações feitas por diferentes países para combater focos revolucionários e o desenvolvimento desses ideais, inclusive na Inglaterra, o autor diz que o liberalismo acabou sendo vitorioso e as Constituições construídas na maioria dos países passaram a

¹⁷⁵ HEADLAM, J. W. *Syllabus of a Course of Ten Lectures on Characteristics and Episodes in the History of the Nineteenth Century*. Part I. Londres: Hampton & Co, 1901.

¹⁷⁶ HEADLAM, J. W. *Syllabus of a Course...* pp. 5-6.

ser liberais, com uma parte de direitos fundamentais dos cidadãos, e outras de direitos e deveres.¹⁷⁷

No curso ministrado em 1904, o autor diz que o liberalismo é uma das principais características do governo inglês, que mesmo tendo sido contra os ideais da Revolução Francesa, teve suas próprias revoluções e foi altamente transformado pelas características novas difundidas pela Revolução Industrial, por exemplo, que aconteceu primeiro naquele país e depois se espalhou para outros. Ele afirma que o passado está mais vivo na sociedade inglesa do que em qualquer outro lugar pois mantém tradições e suas mudanças são graduais e não rupturas bruscas. Assim, várias leis e reformas recentes tem base nas mudanças sociais que aconteceram no decorrer do tempo desde a Revolução Industrial e a elas os ingleses foram adaptando, aos poucos, os ideais de liberdade da Revolução Francesa – à sua maneira.

Por esse histórico, para o autor, é necessário compreender as instituições e o governo britânico a partir do processo histórico que os constituíram até o ponto que estão. Mesmo com as mudanças apresentadas nos parágrafos anteriores, alguns laços de tradição nunca foram quebrados na Inglaterra, e a tradição é parte fundamental da organização política inglesa.¹⁷⁸ Ela ajuda, por exemplo, no jogo político inglês, ao preservar seu sistema dividido nas *House of Commons* e *House of Lords*, que mesmo que tenham sofrido modificações com o tempo permanecem como dois polos da política inglesa na busca por equilíbrio. O autor diz que a existência da oposição política, e consequentemente desse equilíbrio, é um dos elementos concretizantes das liberdades na nação.¹⁷⁹

Outro exemplo da força política das tradições está nas relações entre o Rei e o Parlamento, que datam de muito tempo mas alguns costumes não mudaram. Certas cerimônias como a de saudação e validação pelo Rei de uma lei aprovada no parlamento, feita há mais de 500 anos, desde a época do Rei Richard III, se mantém mesmo que as condições administrativas e constitucionais já não as exijam na prática.¹⁸⁰ Para o autor, essas tradições são parte importante do processo político inglês e não meros adornos ou lembranças, como em alguns países algumas tradições se tornaram. E aliada à tradição está uma característica típica inglesa que é a lentidão do espírito de mudança inglês, que

¹⁷⁷ HEADLAM, J. W. *Syllabus of a Course...* pp. 10-11.

¹⁷⁸ HEADLAM, J. W. *The England of Today*. Cambridge Extension Summer Meeting, Exeter, 1904, Lecture 1, pp. 4.

¹⁷⁹ HEADLAM, J. W. *The England of Today...* Lecture 2.

¹⁸⁰ HEADLAM, J. W. *The England of Today...* Lecture 1, pp. 5-6.

para que as transformações se concretizem precisam ser discutidas, cultivadas e a sociedade vai, então, se adaptando.¹⁸¹ A história auxilia, então, a compreender o caminho que a sociedade inglesa percorreu até formar as características que possuía na atualidade, mantendo ou modificando aspectos certos aspectos culturais que eram essenciais para se dizer que se conhece a realidade inglesa.

A utilização da história para explicar as situações atuais em que os países se encontram, possibilitando uma compreensão mais ampla e profunda da realidade através da história não ocorre nos textos de Headlam apenas referentes à própria Inglaterra mas também nos textos sobre a Primeira Guerra Mundial. No período pós-1914 seus textos são majoritariamente sobre a guerra e, nessa temática, ele dá maior relevância para alguns pontos, como as características diplomáticas que levaram ao início da guerra e o papel da Inglaterra nisso. Neles a história recebe destaque como aquela que dá um aporte para compreensão do mundo e da situação em que se encontram estas nações.

Em uma carta escrita em 1915 intitulada *The Truth about England exposed in a Letter to a Neutral*, Headlam toca novamente no ponto da força da liberdade na cultura inglesa. Buscando explicar o posicionamento da opinião pública inglesa sobre os assuntos de guerra, que pela mídia estrangeira parecia ser extremamente negativa, o autor afirma que isso acontecia pois os ingleses discutem muito buscando a perfeição nas suas ações, e isso se dá não só nas casas parlamentares, mas também nos jornais e nas ruas. Para o autor, a Inglaterra é um país onde o povo coopera com o governo, de forma livre, clara, com toda a informação disponível.

We have in truth no government, no administration. It is the nature of English liberty that it offers to the State and nation not willing submission but energetic co-operation.

This cooperation is voluntary and free; it is not ordered but arranged; it is given only when there's full knowledge and understanding, and this cannot be secured except by the fullest discussion in Parliament and press.¹⁸²

Headlam diz que é preciso olhar para o passado para compreender porque há tanta discussão na Inglaterra sobre certos assuntos, como a participação na guerra e a defesa da soberania de uma nação, quando outros países como a França já tem seus exércitos preparados e suas ações previamente pensadas e apenas esperando para serem colocadas em prática em caso de ameaça. E para se tomar decisões sobre a guerra em um país com

¹⁸¹ HEADLAM, J. W. *The England of Today...* Lecture 6.

¹⁸² HEADLAM, J. W. *The Truth about England exposed in a Letter to a Neutral*. [s.l.: s.n.], 1915, pp. 3-4.

com uma tradição que ele considera não militarista como a Inglaterra e que não vê valor na guerra foi preciso muita discussão para que ela passasse de uma nação sem interesse nessa situação, para uma “nation in arms”.

This change could not be produced in a day, least of all among a nation so stubborn and so opinionated as we are. The ideas and traditions of three centuries could not expire without a struggle. But all the time there has been working and maturing throughout the country a new growth which has with irresistible force spread until it has enveloped the whole nation.¹⁸³

Para Headlam, o modelo político inglês de liberdade individual e cooperação interna entre o povo e a classe política, que ele julga ser bastante positivo, é explicado pela tradição e pela história de formação e consolidação dessa tradição com traços bastante liberais. É ainda dentro da perspectiva da história como ferramenta de compreensão de como as sociedades chegaram ao ponto em que estão que podemos analisar a valorização que Headlam dá à liberdade de cada nação e dos povos Europeus e com ele analisa algumas circunstâncias da Primeira Guerra Mundial.

No texto intitulado “England, Germany and Europe”, publicado em 1914, Headlam diz que é importante manter as liberdades que as nações europeias já conseguiram atingir e para isso é necessário que não se deixe nenhum poder único se sobressair no continente, mantendo uma política de “equilíbrio de poder”. A Europa, para ele, é formada essencialmente por nações que possuem passado comum, com detalhes que as diferenciam mas que possibilitam uma unidade entre si, sempre respeitando as variedades internas que cada nação guarda. Para evitar isso, duas coisas são necessárias: a diplomacia e a compreensão histórica da situação dos países para conseguir antever possíveis ameaças à essas liberdades.¹⁸⁴ Gordon Martel argumenta que Headlam

believed that German militarism and Prussian autocracy were the root causes of the war and that, if Europe were ever to establish a peaceful and stable international order, these features of German life had to be eradicated.¹⁸⁵

Segundo Headlam, a Inglaterra estava sempre do lado daqueles que lutavam contra os poderes tiranos que tentavam dominar a Europa e a favor da liberdade e individualidade.¹⁸⁶ E essa ideia de buscar, defender e manter a liberdade das nações

¹⁸³ HEADLAM, J. W. **The Truth about England...** pp. 8.

¹⁸⁴ HEADLAM, J. W. **England, Germany and Europe**. Londres: Macmillan and Co, 1914, pp. 17.

¹⁸⁵ MARTEL, G. The Prehistory of Appeasement: Headlam-Morley, the Peace Settlement and Revisionism. **Diplomacy & Statecraft**, vol. 9, n. 3, p. 242-265, 1998, pp. 243.

¹⁸⁶ HEADLAM, J. W. **England, Germany and Europe**, pp. 16; HEADLAM, J. W. **The Issue**. Londres: Constable and Company, 1917, pp. 16-17.

européias e ir contra qualquer poder único que tente subjugar outras nações aparece também no livro *The Issue*, no qual o autor analisa que a guerra era necessária para se manter a ordem anterior da Europa, já que os objetivos da Alemanha eram acabar com o “equilíbrio de poder” existente e se sobressair frente aos outros países no continente. Essa “ordem anterior”, segundo ele, era basicamente a que existia na Europa antes do início da guerra, que buscava cooperação, paz e liberdade, com respeito mútuo às características particulares de cada um.

This old Europe was founded on a conception of justice and reciprocity, and it is for this reason that Germany repudiates it, for she understands neither. Justice and reciprocity (...) they are the union of the weak against the strong, which is the only security against the tyrant state.¹⁸⁷

Seguindo esta linha, Headlam diz que o crescimento da Alemanha como um poder hegemônico na Europa não era bem analisado por todos, que muitas vezes não conseguiam perceber a gravidade da situação por acreditarem que os princípios de liberdade sob os quais eram governados há tanto tempo não poderiam ser destruídos ou mudados. Segundo o autor,

The difficulty of visualising the results of such a growth of German power is that we are likely to assume that men will continue to be governed by the beliefs and principles in which we ourselves have grown up. Among these the greatest is the pride in the freedom of one's country.¹⁸⁸

A questão da liberdade e das ameaças que grandes Estados faziam ao equilíbrio de poder na Europa também aparece como um problema no texto “The Dead Lands of Europe”, publicado como parte de uma coleção de panfletos da guerra em 1917, em que Headlam diz que uma das causas dos problemas que levaram às disputas de então era as dificuldades pelas quais passavam as sociedades do leste europeu, principalmente aquelas que haviam sido anexadas pela Austria-Hungria, como os Croatas ou que era subjugadas ao poder prussiano, como os Poloneses e os Tchecos – que um dia tinham sido grandes reinos. Essas comunidades não tinham sua soberania respeitada, e assim não comungavam das liberdades que a Europa tinha e estavam sempre assoladas por disputas externas.¹⁸⁹

Em junho de 1915, um ano após o início da Primeira Guerra Mundial, Headlam escreveu o livro *The history of twelve days, July 24th to August 4th, 1914*, onde dá um panorama dos acontecimentos imediatamente anteriores à guerra e que, segundo ele,

¹⁸⁷ HEADLAM, J. W. *The Issue*... pp. 17.

¹⁸⁸ HEADLAM, J. W. *The Issue*... pp. 14-15.

¹⁸⁹ HEADLAM, J. W. *The Dead Lands of Europe*. [s.l.: s.n.], 1917, pp. 17-20.

influenciaram diretamente em seu início. Seu foco é, nomeadamente, as relações diplomáticas entre as nações neste período, que é a melhor maneira de compreender como se sucederam os fatos. Para ele, quando se trata de assuntos entre nações, das relações internacionais, a análise histórica não se descola da análise diplomática pois as correspondências entre esses poderes não eram meros despachos e telegramas, mas ações sendo tomadas em contextos de grande pressão. Headlam pressupõe essa abordagem das fontes que analisa em 1915, mas podemos vê-la teorizada na década de 1970 a partir dos trabalhos dos historiadores da Escola de Cambridge¹⁹⁰, principalmente de Quentin Skinner. Esse grupo se concentrava na interpretação contextualista linguística dos textos, com ênfase na história do pensamento político. Para os contextualistas, o próprio texto é um discurso, um ato em si que produz e expressa efeitos, suscita e recebe respostas e é compreendido dentro do seu contexto de construção e utilização.¹⁹¹ E podemos perceber que meia década antes é nesse sentido que Headlam compreende também os documentos diplomáticos que está analisando.

The telegrams and despatches with which we have to deal are not abstract statements of political principles composed at leisure; each of them is an action ; it represents a decision which was taken under urgent pressure, and was part of a continued course of action; its full significance can only be understood if we ourselves in imagination follow the course of events¹⁹²

Ainda, ele acredita que esse período imediatamente anterior e a forma como ele ocorreu influenciou fortemente a forma como o próprio conflito seguiu. Isso porque ele acredita que foram as ações diplomáticas da Alemanha que guiaram o conflito para o ponto em que estava e que elas sempre buscavam favorecer a própria Alemanha e não o todo das nações europeias.¹⁹³ Para Headlam, a Alemanha colocava sempre sua ambição e vontade acima do resto, o que podia ser visto inclusive em acordos diplomáticos prévios e pelo fato de que as suas correspondências diplomáticas foram as únicas não publicadas, sendo as fontes que ela publicou apenas alguns discursos que ele acredita serem altamente calculados e manipulados para distorcer os fatos, enquanto a análise das ações dos outros

¹⁹⁰ Aliando sua pesquisa a de outros historiadores como J. G. A. Pocock, Peter Laslett e John Dunn, depois também conhecida como Escola Collingwoodiana, em referência a R. G. Collingwood e sua visão sobre Tória da História.

¹⁹¹ JASMIM, M. G. História dos Conceitos e Teoria Política e Social: Referências Preliminares. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 57, 2005; SKINNER, Q. **Visions of Politics: Regarding Method**. New York: Cambridge University Press, 2002. v. 1.

¹⁹² HEADLAM, J. W. **The History of Twelve Days, July 24th to August 4th, 1914: Being an Account of the Negotiations preceding the Outbreak of the War based on the Official Publications**. London: T. Fisher Unwin, 1915, pp. VII.

¹⁹³ HEADLAM, J. W. **The History of Twelve Days...** pp. XVII-XVIII.

países perpassou a análise de seus livros coloridos¹⁹⁴: *White Papers* da Inglaterra, *Yellow Paper* da França, *Orange Book* da Rússia, *Grey Book* da Bélgica, *Blue Book* da Sérvia, *Red Book* da Áustria.¹⁹⁵

Em um escrito para uma série de panfletos sobre a guerra e suplemento ao texto anterior, publicado em 1917 e intitulado “The german chancellor and the outbreak of the war”, Headlam diz que dentre as ideias que eram propagadas pela Alemanha sobre o início da guerra está que a Inglaterra alimentou sentimentos e atitudes de animosidade contra a Alemanha, o que fez com que algumas nações como a Rússia agissem contra ela, e que a própria Alemanha só havia agido para se prevenir e defender.

These statements have been propounded with the object of convincing those who read them that the war is the result of a plan, deliberately formed, under the leadership of Great Britain, with the object first of attacking the German Empire with the forces of a superior coalition and then of annihilating it.¹⁹⁶

Headlam refuta esses argumentos dizendo que as ações russas advinham de problemas históricos entre Rússia e Áustria, e do interesse dessas duas grandes potências e da própria Alemanha nos Bálcãs; questões essas que se estendem há mais de 100 anos na Europa. “It is indeed impossible for men who have given no previous study to these great problems of power to embark without adequate preparation on an analysis of the events which brought about the war.”¹⁹⁷ Segundo Headlam, a justificativa que culpabiliza a Inglaterra não se sustenta e o próprio Chanceler alemão tinha conhecimento suficiente para discernir a realidade, mas espalhavam essas ideias e as utilizavam para justificar todas as ações tomadas durante o conflito. “In Germany, however, it is widely held, and it is no doubt to a great extent responsible for the support given by the German nation to methods of warfare”¹⁹⁸

Wolfgang Döpcke discute em seu texto a questão da culpa pelo início da Primeira Guerra. Segundo o autor, apesar de existir no direito internacional do período uma validação da guerra como forma de manter-se a soberania de um Estado, havia um crescimento do valor da paz na sociedade europeia e a guerra de agressão não era bem vista. Buscar uma justificativa para a guerra não poderia passar, então, pelo direito à guerra e focavam na defesa da nação contra agressão praticada por seus inimigos.

¹⁹⁴ Os livros coloridos era os livros das correspondências diplomáticas das nações europeias.

¹⁹⁵ HEADLAM, J. W. **The History of Twelve Days...** pp. VIII-XIII; pp. XIX.

¹⁹⁶ HEADLAM, J. W. **The German Chancellor and the Outbreak of the War.** Londres: T. Fisher Unwin, 1917, pp. 12.

¹⁹⁷ HEADLAM, J. W. **The German Chancellor and the Outbreak of the War...** pp. 23.

¹⁹⁸ HEADLAM, J. W. **The German Chancellor and the Outbreak of the War...** pp. 12.

Segundo Döpcke, a publicação dos livros coloridos acima mencionados com a documentação diplomática dos países em guerra tinha como central o ponto da culpa da guerra e de sua luta contra uma ação agressiva do inimigo, em busca de defender sua nação.¹⁹⁹ A análise de Headlam da postura alemã frente a sua própria responsabilidade na guerra é congruente com as análises típicas do período apresentadas por Döpcke, em que a Inglaterra justificou-se a partir da defesa da Bélgica e sua neutralidade desrespeitada pela Alemanha, a Rússia pela defesa da Sérvia contra as agressões da Áustria, e cita o Imperador Guilherme II da Alemanha que se justifica dizendo que a Alemanha estava rodeada de invejosos que a obrigavam a se defender.²⁰⁰

O que Headlam considera como distorção da história feita pela Alemanha para justificar suas ações é condenada pelo autor pela irrealdade que ele atribui ao conteúdo propagado pelo inimigo a partir da análise que ele próprio faz dos motivos para o início da guerra. Como demonstra Döpcke, nas décadas de 1920 e 1930 a perspectiva da busca por uma culpa ou responsabilidade pelo início do conflito partiam, normalmente, da defesa nacional e buscavam comprovar a inocência a partir da apresentação da postura agressiva do inimigo contra quem era necessário se defender. Ainda, nesse período, os historiadores passaram a ter uma proeminência ainda maior na sociedade europeia, com uma função social bem definida e cujo conhecimento tinha uma aplicação imediata e advinda da realidade prática de cada nação, porém por vezes esse conhecimento era utilizado de forma manipulada e politicamente enviesada e, ainda, com “fins políticos pré-determinados, desenvolvida pelo Estado alemão, no seu esforço de negar categoricamente qualquer culpa pela eclosão da guerra”²⁰¹. Assim, a análise negativa de Headlam do posicionamento dos chefes de Estado alemães parece fazer sentido dadas as circunstâncias de produção do conhecimento histórico sobre o tema. E também o uso da história para justificar as ações da nação não é estranho a Headlam e nem à prática historiográfica de justificativas para a guerra. No texto panfletário “The Starvation of Germany”, de 1917, Headlam fala das situação de fome e desespero social dentro da Alemanha, e diz que a culpada pela situação de miséria em que a população alemã estava era apenas a própria Alemanha. Segundo ele, o governo alemão fazia críticas às atitudes

¹⁹⁹ DÖPCKE, W. “... Mas livra-nos da Culpa”: 100 Anos de Controvérsia sobre as Causas da Primeira Guerra Mundial. In: ARAÚJO, A. de M.; ASSIS, A. A.; DA MATA, S. (org) **Entre filosofia, história e relações internacionais**: escritos em homenagem a Estevão de Rezende Martins. São Paulo: LiberArs/SBTHH, 2017, pp. 166.

²⁰⁰ DÖPCKE, W. “... Mas livra-nos da Culpa”... pp. 167-168.

²⁰¹ DÖPCKE, W. “... Mas livra-nos da Culpa”... pp. 160.

do governo inglês referentes ao abastecimento da população comum, porém não percebia que as condições em seu país estavam iguais ou até piores, e que isso não se devia ao bloqueio feito pelos países da Tríplice Entente e sim pelas decisões de produção e distribuição de materiais e alimentos feitas pelo próprio governo alemão. Nesse sentido, Headlam defende as ações da Inglaterra e dos países associados a ela de utilizarem da tática de bloqueio contra o inimigo.

Em outro panfleto de guerra, também de 1917, intitulado “The peace terms of the Allies”, Headlam faz um histórico em que mostra que as guerras sempre têm um fundo de conquista territorial e disputas entre poderes nacionais por dominação um sobre o outro. Nesse sentido, o autor defende que só se conseguiria a paz numa realidade onde um não busca subjugar o outro e respeita a soberania Estatal e territorial do outro.

What has been the cause of wars in the past? Has it not been the constant struggle for territory between ambitious monarchs and the constant struggle for self-government by subjected nationalities?²⁰²

E, nessa perspectiva, que se construam acordos de paz, defesa e manutenção da soberania e das nações mais fracas. Que com as guerras do passado as pessoas deveriam ter aprendido a não deixar pontas soltas que pudessem levar a novos conflitos.

The experiences of a century of history show that it will be impossible except on the basis of the division of the soil of Europe between equal and free nationalities, and, arising from this, the final abolition of all those cases in which an autocratic State rules over subjects who see in the authority to which they are subjected a fatal barrier between themselves and the attainment of those hopes which have been acquired by happier nations.²⁰³

Já vimos no início do capítulo que a história, para Headlam, pode e deve auxiliar na tomada de decisões, pois ela desenvolve a habilidade de análise crítica das situações presentes, mas também, como é possível ver quando se trata dos acontecimentos da Primeira Guerra, as decisões a serem tomadas encontram no processo histórico uma base de conhecimento e desenvolvimento. Assim como quando ele indica que se aprenda com guerras anteriores para não ficarem assuntos pendentes que possam levar a novos conflitos, quando se trata de acordos de paz e garantia da soberania e do território das nações, a história também tem papel fundamental de dar base para a construção dos termos desses acordos e para auxiliar na análise do que pode ou não dar certo dadas as conjunturas. Dois textos de Headlam discutem esses tratados, “Belgium and Greece”, de

06. ²⁰² HEADLAM, J. W. **The Peace Terms of the Allies**. London: Richard Clay and Sons, 1917, pp.

²⁰³ HEADLAM, J. W. **The Peace Terms of the Allies**... pp. 04.

1917, e “Treaties of Guarantee”, de 1927. O primeiro, um panfleto de guerra escrito ainda durante a guerra, analisa uma situação específica e tenta validar as ações da Tríplice Entente frente a neutralidade da Grécia comparada às ações da Alemanha frente a neutralidade da Bélgica. Novamente o autor utiliza a história como aporte e justificativa para defender as ações de sua nação. O segundo é um artigo de revista, mais teórico, e o autor faz um histórico da utilização e significado político do termo ‘garantia’, principalmente na realidade dos tratados internacionais, demonstrando mudanças e confusões nessas conceituações e utilizações.

Headlam afirma que durante cerca de três séculos a Europa chamou de garantia aquelas situações em que um país mais forte entra numa disputa do lado da nação mais fraca para que um tratado previamente feito com uma nação mais forte não seja descumprido por ela de forma arbitrária, apenas porque ela tem um novo interesse que fere os termos do acordo e ela é mais forte e tem condições de arcar com o conflito. Essa garantia em forma de auxílio era bem específica, definida e limitada, diferentemente das formas mais comuns em séculos anteriores, de auxílio mútuo que na realidade não garantiam realmente nada, sendo mais tratados de aliança do que realmente de garantias.²⁰⁴

A partir do século XVI que as garantias passaram a ter um significado mais específico, uma espécie de mediador que auxiliava na manutenção e cumprimento dos termos acordados. Mas foi no Tratado de Vienna, em 1738, que a ideia de garantia se aliou à neutralidade e inaugurou uma nova forma de pensá-la a partir da perspectiva territorial.²⁰⁵ E nesse sentido a discussão que Headlam faz no “Belgium and Greece” é interessante, pois afirma categoricamente que existem regras diplomáticas que devem ser seguidas e que as relações internacionais são regidas por regras e tratados e que, precisamente por isso, a neutralidade alegada pela Bélgica e a neutralidade da Grécia são diferentes.

A principal justificativa era que a Bélgica foi considerada neutra na convenção de Haia, sob os termos da não utilização de seus recursos ou seu território para benefício de nenhuma outra nação em qualquer guerra. Já a Grécia adotou postura neutra para não se envolver do lado da Sérvia, sua antiga aliada em conflitos anteriores, o que fez com que a Sérvia não obtivesse ajuda nem dessa aliada nem de outros países que só podiam chegar

²⁰⁴ HEADLAM, J. W. *Treaties of Guarantee*. Cambridge Historical Journal, vol. 2, 1927. pp. 152-153.

²⁰⁵ HEADLAM, J. W. *Treaties of Guarantee*... pp. 159-160.

em seu território a partir do mediterrâneo e atravessando parte do território grego. Assim, ao negar ajuda e se dizer neutra, a Grécia feria os princípios europeus de ajuda mútua e sua neutralidade não era legítima, não sendo considerada contravenção invadi-la de qualquer forma, para ajudar a Sérvia.

Essa defesa que Headlam faz das ações de seu país e seus aliados contra outro dentro da perspectiva diplomática e das relações internacionais é claramente uma defesa intencionada, dentro de um contexto de guerra em que ele era um funcionário escrevendo análises em nome de seu governo. Porém elas foram justificadas por ele próprio em *The Issue*, no qual ele apresenta os princípios da política europeia e diz que a diplomacia possui regras básicas feitas para manter esses princípios e a ordem no continente. Um primeiro princípio é que a Europa é dividida em Estados Nacionais independentes e que deve continuar assim (como vimos mais acima, o autor acredita na união dos países contra qualquer poder autoritário que ameace as liberdades e nações independentes) e nessa mesma linha, um segundo princípio é que cada país deve ser responsável por seus assuntos internos, quando não interferem nos assuntos dos outros²⁰⁶ Essas regras e princípios foram construídos a partir da prática e da experiência dos países no decorrer do tempo e a Alemanha parece ainda não ter compreendido que para conseguir o que diz querer – segurança, paz, e certas garantias – ela precisa aceitar e se adaptar também a essas características comuns a todos.

These laws of European life have been learnt in the course of centuries by all nations and accepted, and they have always been learnt in the same way, in the bitter school of experience and war.²⁰⁷

Podemos perceber que para Headlam a história fornecia um panorama para a realidade que todo mundo vivenciava; era um exemplo para o presente não a ser imitado, necessariamente, mas a ser compreendido como um conjunto de lições desenvolvidas a partir da experiência passada e que deveriam ser levadas em consideração na tomada de decisões mais acertadas no presente, sendo um conhecimento fundamental para se analisar o futuro e delinear que mundo se queria após um acontecimento marcante e crucial como fora a Primeira Guerra Mundial na história europeia. E nesse sentido, Headlam defende o papel dos historiadores como essencial na compreensão do mundo como era, como estava e como poderia vir a ser, a partir de fontes – documentos

²⁰⁶ HEADLAM, J. W. *The Issue*... pp. 27.

²⁰⁷ HEADLAM, J. W. *The Issue*... pp. 39.

diplomáticos – que eram difíceis de analisar, recentes e que poderiam, a qualquer momento, ser ampliadas com a publicação de novos documentos.

Como já mencionado, Headlam critica muito a Alemanha por não publicizar sua documentação diplomática e não deixar claras suas motivações e justificativas para a guerra a não ser a partir da demagogia dos discursos do Chanceler, e por isso ele defende que é necessária a análise de um historiador para que se conseguisse ter uma versão mais completa do que aconteceu.²⁰⁸ Para ele, o historiador deve trabalhar a fim de buscar apreender o conteúdo das fontes com imparcialidade, não indo atrás de grandes revelações ou de legitimar rumores ou interesses particulares²⁰⁹ não deve procurar no passado elementos que alimentem as contendas do tempo presente:

I have never been among those who have believed that it was the function of historians to research in the past for kindle and firewood which they might throw on the flame of contemporary controversy²¹⁰

Ainda no que concerne o papel e função do historiador e de seu trabalho, é interessante observar a coletânea intitulada *British Documents on the Origins of the War. 1898-1914*, publicada em 1926. Isso porque, apesar de Headlam não nos dar nenhuma pista da função da história ou do papel do historiador ao escrever sua “Introduction” ao volume I deste livro, ele está inserido em uma importante discussão sobre o método e a prática historiográfica na Inglaterra. Segundo Keith Hamilton, uma forte cobrança dos historiadores ingleses desde antes da guerra era a abertura dos arquivos aos acadêmicos e ao público geral, e a Primeira Guerra Mundial foi fundamental na pressão feita para que isso ocorresse. Ainda assim, por muito tempo apenas parte dos arquivos até meados do século XIX estava disponível para o público geral, estando os documentos mais recentes acessados apenas depois de um requerimento minuciosamente analisado pelos funcionários do Estado.²¹¹ Headlam era um historiador que defendia tal abertura, e ao mesmo tempo enquanto trabalhando no FO como *Historical Adviser* ele era um dos responsáveis por avaliar se um requerente estava apto para obter acesso aos arquivos ou não. Outro ponto importante que reforçou a pressão pública pela abertura foi o fato de que ela já acontecia em outros países, como na própria Prússia, e a publicação da coletânea aqui citada é fruto dessas tensões.

²⁰⁸ HEADLAM, J. W. **The German Chancellor and the Outbreak of the War...** pp. 28.

²⁰⁹ HEADLAM, J. W. *Historical Introduction...* pp. XI.

²¹⁰ HEADLAM, J. W. **German Influence in British History...** pp. 2

²¹¹ HAMILTON, K. A. The pursuit of ‘Enlightened Patriotism’: the British Foreign Office and Historical Researchers during the Great War and its Aftermath. **Historical Research**, v. 61, n. 146, 1988.

Podemos observar que em grande parte do material aqui analisado, tendo sido escrito antes, durante ou depois da guerra, a perspectiva histórica é essencial para Headlam, com o objetivo de compreender a realidade política inglesa e europeia moderna e contemporânea, a guerra, suas consequências e características principais. A história é vista como um processo de continuidades e mudanças, que ajudam a explicar e compreender o presente, e não tem mais características de modelo para a sociedade em que o autor vive como vimos em capítulos anteriores.

Porém a função exemplar da história se mantém com outras facetas: o passado não é mais algo a ser imitado, mas pode ser uma fonte de inspiração para o presente, ou uma fonte de justificativa para uma decisão que já foi tomada, ou uma fonte de exemplos para embasar uma decisão que ainda vai ser tomada, fazendo parte do panorama analítico de justificativas anterior à tomada de decisão. Isso é facilmente visto na ampla utilização de historiadores pelo governo britânico em seu *Foreign Office*, e ecoa nas obras de Headlam.

A história serve como conhecimento prático, que influencia na realidade material seja através, como dito, da tomada de decisões, seja através da manutenção dos costumes e tradições, da compreensão dos movimentos de continuidade e ruptura dos processos históricos que levam, inevitavelmente, para o autor aqui analisado, ao desenvolvimento natural das relações políticas e sociais, no sentido do progresso e da melhora da sociedade.

CONCLUSÃO

Headlam foi um prolífico intelectual e escritor. Produziu muitas obras dentro das temáticas da história, sempre relacionadas aos contextos que vivia. Neste trabalho, nosso recorte temático nos possibilitou compreender um pouco de seu pensamento no que concerne à função da história nos diferenciados temas que o autor abordou em seus trabalhos, fosse sobre antiguidade, educação ou política contemporânea.

Não coube, principalmente devido ao tempo de estudo e produção desta pesquisa, fazer uma biografia intelectual do autor e discutir todas as suas ideias de forma mais aprofundada dentro de contextos mais amplos de discussão, por exemplo, entre pares. Para tal, sabemos, existem muitas fontes ainda pouco exploradas espalhadas por arquivos no Reino Unido e este é um desenvolvimento possível para a continuidade dessa pesquisa. Resumimo-nos a tentar compreender as diferentes análises que o autor faz do conteúdo histórico a partir da função que atribui à história em cada produção, e pudemos perceber que há diferenças e semelhanças no decorrer de seu pensamento e amadurecimento intelectual, bem como a adaptação de suas opiniões e assertivas de acordo com o contexto de escrita. Headlam não foi um historiador teórico nem mesmo um acadêmico, foi um funcionário do Estado, um historiador que aplicava seu conhecimento na prática, dadas as circunstâncias – que foram, convenhamos, bastante peculiares e favorecedoras.

Pudemos perceber, num primeiro momento, a prevalência da função exemplar da história, com a qual se busca no passado ou inspiração para a resolução de problemas da sociedade atual, ou modelos a serem reproduzidos no presente. Tais modelos são considerados como superiores, originais e únicos. Em Headlam, é este o caso da democracia ateniense, amplamente defendida no texto *Election by Lot at Athens*, de 1891, e que ressoa em vários de seus outros textos sobre antiguidade clássica. A sociedade antiga aparece em seus escritos como o primeiro grande exemplo de civilização e como a origem comum das sociedades modernas europeias e suas instituições políticas, das tribos germânicas às comunidades latinas da Espanha. Isso porque, para ele, apesar da grande influência romana na língua, no direito, nos costumes e tradições de todas essas comunidades, os próprios romanos foram influenciados primeiramente pelos gregos, e muitos conhecimentos foram desenvolvidos antes pelos gregos que pelos romanos, que apenas os adaptaram.

Nos textos dos últimos 15 anos da vida de Headlam, a história exemplar retorna não mais como fonte de modelos a serem imitados, mas de inspirações a serem

apreendidas para que melhores decisões pudessem ser tomadas no presente e erros do passado não fossem novamente cometidos. A história é tomada como um ensinamento de vida, apresentando os caminhos a serem seguidos ou não, auxiliando a visualizar melhor suas consequências e possibilidades. Para ele, apenas o conhecimento histórico, fazendo paralelos entre passado e presente, pode dar um panorama mais amplo dos acontecimentos, ampliando a compreensão do todo. No caso, Headlam aplica muito esta perspectiva ao conhecimento histórico na Primeira Guerra Mundial, especialmente enquanto historiador do PID, fazendo análises das situações dos países em guerra e dos históricos de suas tensões. Assim aparece a história em “The Dead Lands of Europe”, de 1917, por exemplo, ao falar da situação antes e durante a guerra de países como Polônia e Tchecoslováquia, que ele considera que foram menosprezados por anos e destruídos com a guerra principalmente pela ambição da Alemanha. No que concerne os Tchechos, por exemplo, Headlam diz que pouco se sabe e se lembra deles na Europa Ocidental, mas que eles eram uma grande nação no período da Reforma e que foram perdendo sua força quando ofereceram a coroa de seu país à casa de Duke, que depois se tornaram os imperadores da Austria e não respeitaram a autonomia política e as instituições tchecas, subjugando-os a um modelo germanizado de governo cuja capital estava em Viena e não em Praga, como era desejado pelos tchecos e havia sido prometido a eles. Para Headlam, essa situação é importante para compreender a realidade da Tchecoslováquia na Primeira Guerra, que lutava ao lado do Império Austríaco não por apoio mútuo, mas por serem obrigados, pois na realidade eles não tinham voz própria para determinar suas próprias ações.²¹²

Uma outra faceta da função exemplar da história que pudemos perceber nos textos de Headlam é a justificativa das ações do presente a partir do passado. Exemplos do passado são utilizados para demonstrar que uma ação no presente era a melhor a ser tomada dadas as circunstâncias, ou que ela tinha bases históricas que a legitimavam. Essa ideia aparece quando Headlam fala do uso do conhecimento histórico nas ações de Bismarck, em *Bismarck and the Foundation of the German Empire*, de 1899, e também nas atitudes da Inglaterra e seus aliados durante a primeira guerra. Um exemplo é no caso que Headlam analisa em “Belgium and Greece”, 1917, utilizando o histórico de alianças, tratados e neutralidade para defender a ação da Tríplice Entente em território grego em contrapartida à condenação de ação semelhante da Alemanha em território Belga.

²¹² HEADLAM, J. W. *The Dead Lands of Europe*... pp. 15-16.

Mas a história não é apenas justificativa ou exemplo; é também um meio para explicar como as coisas do presente vieram a ser como são. Headlam defende que compreender o presente é, essencialmente, olhar para o passado e compreender o histórico de ações e reações que levaram as sociedades até aquele ponto. A história, assim, fornece razões para o presente; responde a questionamentos e dúvidas que, só depois de respondidas, possibilitam que novas decisões sejam tomadas ou novos caminhos sejam seguidos. Assim, uma disputa que naquele momento se exacerbou a tal modo que virou uma guerra continental não aconteceu do nada e era preciso ser compreendida dentro de um contexto de formação de Estados Nacionais, de definição de fronteiras e de jogos de influência entre Estados dentro da Europa. Nessa linha, a história permite reconhecer mudanças e continuidades, dando credibilidade às ações e às tradições, legitimando decisões de cunho político, social, econômico e até diplomático. Em textos como *The England of Today*, de 1904, e *Syllabus of a course of Ten Lectures on Characteristics and episodes in the history of the nineteenth century*, de 1901, Headlam utiliza muito a história para legitimar costumes políticos ingleses, desde a própria organização das *House of Commons* e *House of Lords* até o papel e função do Rei na aprovação de leis e as relações entre Rei e Parlamento.

Essa função, de compreender o caminho que a sociedade Europeia seguiu até o presente, aparece nas outras temáticas que o autor aborda. Em assuntos de antiguidade, pois, para ele, o pensamento europeu é formado por noções que foram construídas historicamente desde a antiguidade clássica, principalmente a Grécia. A própria noção de política vem, primeiro, dos gregos. E na educação pois, com esse histórico, Headlam defende, um estudo, mesmo que básico, de latim e grego nas escolas, que englobasse várias disciplinas, da linguística à história e geografia, para que os alunos aprendessem a ler e interpretar os autores em seu original, não perdendo sua essência. Além disso, esse passado comum europeu fazia com que nações diferentes tivessem relações entre si e exercessem influências umas sobre as outras. Headlam argumenta, então, em seu texto “German Influence in British History”, de 1922, que mesmo em lados opostos durante a guerra, a história mostrava que Inglaterra e Alemanha sempre tiveram muitas trocas culturais e tem muito em comum e assim, era importante não se deixar levar pelas questões do presente, mas examinar o passado lá no passado.

Esse mesmo texto é marcado por um princípio básico que o próprio título já diz, o da influência germânica na Inglaterra e vice-versa, visto que para ele essa situação é uma via de mão-dupla. Essa ideia não é particular desse texto e aparece em vários no

decorrer de sua trajetória como pesquisador. Seja uma influência no modo de pensar e pesquisar, com o desenvolvimento do método crítico que o próprio Headlam valoriza e defende, seja uma influência por terem uma trajetória político-cultural comum para se chegar na situação em que estão, advindos de um mesmo povo germânico, uma origem comum nos Volks – como apresentou a escola historiográfica de Stubbs e Freeman. Essa intrínseca ligação entre Alemanha e Inglaterra é um dos vários outros elementos importantes que chamaram atenção em nossa análise e que suscitam análises futuras.

Além da função exemplar, dividida em várias facetas de modelos e justificativas para o presente, Headlam, especialmente nos seus textos sobre educação, também apresenta uma outra função para a história: a de formar cidadãos ou tornar as pessoas melhores cidadãs, principalmente através do desenvolvimento da análise crítica dos fatos e acontecimentos. Para ele, a história é fundamental para a compreensão de sua própria nação, sua cultura, suas especificidades e, sobretudo, para defendê-la. O autor não argumenta a favor de uma defesa cega ou de um nacionalismo exagerado, mas de uma compreensão crítica e bem instruída das particularidades culturais e políticas de seu Estado e de sua legitimação a partir da história, principalmente quando se refere a ela como disciplina escolar. O autor defende que a história como disciplina escolar possibilitava o desenvolvimento desta habilidade nos alunos principalmente em conjunto com o desenvolvimento da leitura, do uso e interpretação correta de livros e textos de historiadores e intelectuais. Um exemplo aparece nas indicações de Headlam no texto “The Teaching of Classics in Scondary Schools in Germany”, de 1910, que os alunos deveriam ser ensinados a pensar, que o ensino clássico e histórico daria perspectivas críticas para compreensão de mundo deles. A educação seria um canal de promoção do conhecimento crítico, de uma visão analítica do mundo através do conhecimento histórico e também como uma ferramenta de desenvolvimento nacional a partir da formação do cidadão patriota, que valoriza os feitos de seu país e que defende as ações de seu Estado.

Nessa mesma linha o autor valoriza o passado educacional de autores sobre quem ele escreve, como Treitschke e, principalmente, Bismarck, que tiveram formação em história e que utilizam esse conhecimento na vida prática, principalmente na vida pública e política. Bismarck, em especial, aplicava esses conhecimentos nas suas tomadas de decisões e estratégias de defesa da nação enquanto Chanceler alemão. E ainda, essa visão crítica é extremamente valorizada nas funções já faladas anteriormente, seja no uso do passado para justificar ações do presente, na busca por explicações para as situações que se apresentam na atualidade e ou na compreensão do percurso de uma nação ou cultura

para estar com as características que apresenta naquele momento. Isso porque Headlam valoriza muito a trajetória político-cultural dos países e principalmente da Inglaterra, e diz que só é possível compreendê-la a partir da análise de como se constituíram certos princípios e formalidades típicas da organização política Inglesa, inclusive analisando criticamente a realidade de seu país em comparação com outras nações modernas – seja quando se trata de instituições democráticas, sejam características liberais pós-revoluções.

A utilização da história como ferramenta de legitimação de Estados-nações está relacionada diretamente à sua visão de liberalismo que defende a autodeterminação e autogovernança dos povos, o respeito às fronteiras territoriais mas também sociais e identitárias da Europa e a soberania dos povos que habitam cada territórios. Isso é perceptível principalmente nos pequenos artigos escritos no período da guerra em que analisava situações específicas de certos locais, mas também nas suas considerações sobre a função da história escolar. Alguns autores relacionam Headlam com Woodrow Wilson, dada a inclinação liberal dos 14 pontos propostos pelo presidente americano, principalmente por suas visões com relação às fronteiras europeias e respeito à soberania destas nações, face os posicionamentos dos outros representantes das nações vencedoras. Tanto Sharp quanto Martel discutem em seus textos o posicionamento de Headlam no decorrer da Conferência de Paris de 1919 e pontuam em vários momentos a admiração que muitas vezes Headlam demonstrou por Wilson e o apoio que dava a seus argumentos. Sharp escreve que Headlam era “a Wilsonian perhaps even before Wilson himself”.²¹³ Já Martel diz que Headlam era a favor dos ideais por trás dos pontos, mas os consideravam mal escritos, sem clareza e cuidado histórico ou diplomático.

In spite of his continued belief in the ideals and the principles that the fourteen points represented, Headlam had no doubt that they had been quite unsuitable as the foundation upon which to construct the conditions of the peace settlement: 'because the language in which they were embodied was so defective in clearness and precision'. Neither was it simply a matter of the fourteen points lacking clarity and precision: Wilson himself betrayed at Paris both intellectual and moral weaknesses. And here was 'the secret of the failure of all the negotiations. This is to be found in all the qualities, both good and bad, of the President'²¹⁴

A comparação acima feita advinha da tendência fortemente liberal de Headlam, que permeia todos seus textos desde sua defesa da democracia em 1891 até seus textos

²¹³ SHARP, A. James Headlam-Morley... pp. 280.

²¹⁴ MARTEL, G. The Prehistory of Appeasement... pp. 254.

após a Primeira Guerra Mundial e a fundação do *Royal Institute of International Affairs* em 1919. Não pudemos ligar Headlam a nenhum partido político e nem mesmo a uma corrente intelectual liberal britânica mais específica. Como Michael Bentley discute em seu livro *The Liberal Mind*²¹⁵, os membros do partido liberal e que atuavam no governo inglês, na iminência da guerra, estavam divididos em duas forças, aqueles que eram contra a intervenção inglesa no conflito – dentre eles Lloyd George e mais de um terço dos membros do gabinete – e outros a favor – dentre eles nomes mais proeminentes e fortes, como Herbert H. Asquith, Edward Grey e Winston Churchill. Essa disputa não era apenas política mas também ideológica, e o período da guerra foi determinante na construção e fortalecimento de suas ideias, principalmente ao desafiá-los a encontrar respostas para novos dilemas. Mesmo com essa característica interna dos liberais, nossas fontes biográficas sobre Headlam nos dão a entender que ele transitava muito bem entre as vertentes do pensamento liberal na sua prática laboral, o que lhe rendeu sua manutenção em diferentes cargos públicos por sucessivos anos mesmo com as mudanças de governo entre liberais e conservadores.

Em todas as funções que o autor aqui trabalhado atribui à história e em todas as temáticas que ele aborda é possível ver a predominância da história política e outras vertentes próximas a ela, tais como história constitucional, história diplomática e das relações internacionais. E esse interesse está diretamente associado a sua visão utilitarista e exemplar da história como auxiliar na vida prática.

He kept this interest in contemporary history, and an associated faith that history could provide important information for decision makers, in both his professional and private life after the war. He has thus some realistic claim to be numbered amongst the founders of the academic disciplines of contemporary history, international history and international relations in the twentieth century.²¹⁶

Suas metodologias e interesses se entrecruzam e tem dois pontos em comum: a análise crítica de fontes e a disseminação do conhecimento histórico para os leigos e a vida prática. Como analisa Martel, “Informing the public, creating a climate of opinion, encouraging responsible criticism were all things in which Headlam deeply believed.”²¹⁷ Vemos essa atitude em Headlam como *Historical Adviser* e também em sua defesa da difusão do conhecimento ocidental para os palestinos no texto “Report on the Anglican Schools in Palestine”, de 1927, a fim de que os jovens locais passassem a construir sua

²¹⁵ BENTLEY, M. *The Liberal Mind 1914-1929*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

²¹⁶ SHARP, A. James Headlam-Morley... pp. 268.

²¹⁷ MARTEL, G. The Prehistory of Appeasement... pp. 261.

própria cultura política e que a população deveria ser ensinada para se auto-governar e superar suas dificuldades, adentrando o mundo ocidental a partir do desenvolvimento do conhecimento – dentro de uma perspectiva de superioridade da cultura ocidental e de eventual assimilação desta cultura majoritária pelas minorias.²¹⁸

Headlam foi, claramente, um autor que valorizava a história aplicada à vida prática e às temáticas de organização e tomada de decisões política, especialmente nacionais, mas também internacionais, entre países. Em seus escritos ele atribui diferentes funções à história de acordo com diferentes contextos, fosse de escrita ou de aplicação desse conhecimento, fosse também referente à temática abordada. Apesar de uma produção abundante e de ser um autor com uma importante atuação na estrutura governamental inglesa, o conjunto da obra de Headlam e seu pensamento foram pouco explorados até hoje. Procuramos no decorrer do trabalho apresentar uma percepção de seu pensamento, demonstrando toda a complexidade tanto das possíveis funções que a história pode receber, e também da visão desse historiador e funcionário público inglês, fornecendo, assim, novas informações acerca do processo de análise e construção do conhecimento histórico e sobre a história.

²¹⁸ SHARP, A. James Headlam-Morley...p. 275

REFERÊNCIAS

FONTES:

Livros, artigos e outros estudos acadêmicos:

HEADLAM, J. W. **Election by Lot at Athens**. Cambridge: Cambridge University Press, 1891. [Livro completo]

HEADLAM, J. W. On the use of the Hiatus in the Politeia. **The Classical Review**, Vol. V, n. 6, 1891. p. 270-272. [estudo breve publicado em revista científica]

HEADLAM, J. W. Notes on Early Athenian History. **The Classical Review**, Vol. VI, n. 6, 1892. p. 249-253. [estudo breve publicado em revista científica]

HEADLAM, J. W. The Procedure of the Gortynian Inscription. **Journal of Hellenic Studies**, Vol. XIII, 1892-1893 p. 48-69. [artigo acadêmico]

HEADLAM, J. W. Fowler's City-State of the Greeks and Romans. **The Classical Review**. Vol. VII, n. 7, 1893. p. 325-326. [resenha de livro]

HEADLAM, J. W. Heinrich von Treitschke. **English Historical Review**, vol XII, 1897, p. 727-747. [artigo em homenagem póstuma a Heinrich von Treitschke]

HEADLAM, J. W. **Bismarck and the Foundation of the German Empire**. Heroes of the Nations collection. New York: G. P. Putnam's sons, 1899 [Livro completo]

HEADLAM, J. W. **Syllabus of a Course of Ten Lectures on Characteristics and Episodes in the History of the Nineteenth Century**. Part I. Londres: Hampton & Co, 1901. [resumo de curso de extensão ministrado pelo autor]

HEADLAM, J. W. **The Position of Latin in Modern Education**. Dublin: Friends' Guild of Teachers, 1906. [Palestra, original encontrado em arquivo, não publicado]

HEADLAM, J. W. The Origin and History of the Reform in Classical Teaching in Germany. In: Board of Education. **Special Reports on Educational Subjects, Vol. 20**. The Teaching of Classics in Scondary Schools in Germany. Londres, 1910. p. 1-105. [capítulo de livro]

HEADLAM, J. W. The Unity of Western Education. In: MARVIN, F. S. (org) **The Unity of Western Civilization**. Londres: Oxford University Press, 1915, p. 180-197. [capítulo de livro]

HEADLAM, J. W. **The History of Twelve Days, July 24th to August 4th, 1914:** Being an Account of the Negotiations preceding the Outbreak of the War based on the Official Publications. London: T. Fisher Unwin, 1915. [Livro completo]

HEADLAM, J. W. **The German Chancellor and the Outbreak of the War.** Londres: T. Fisher Unwin, 1917. [Livro composto por artigos diversos publicados anteriormente na revista *Westminster Gazette*]

HEADLAM, J. W. **The Issue.** Londres: Constable and Company, 1917. [Livro composto por artigos diversos publicados anteriormente nas revistas *Westminster Gazette* e *Nineteenth Century and After*]

HEADLAM, J. W. **German Influence in British History.** Notes on Lecture. King's College: [s.n.], 1922. [palestra, original encontrada em arquivo, não publicado]

HEADLAM, J. W. **Treaties of Guarantee.** Cambridge Historical Journal, vol. 2, 1927. p. 151-170. [artigo em revista acadêmica]

HEADLAM, J. W. Historical Introduction. In: DUGDALE, E. T. S. (org) **German Diplomatic Documents.** Vol I. Londres: Harper & brothers, 1928.

Panfletos, memorandos, artigos e outros documentos não-acadêmicos:

HEADLAM, J. W. **The England of Today.** Cambridge Extension Summer Meeting, Exeter, 1904. [curso ministrado pelo autor, dividido em 6 Lectures, original encontrado em arquivo, não publicado]

HEADLAM, J. W. **Report on the Instruction of Persons intending to become Teachers in Public Elementary Schools.** [s.l.: s.n.], 1906. [relatório, original encontrado em arquivo, não publicado]

HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools:** History, Board of Education, 1908. [Memorando para o Board of Education]

HEADLAM, J. W. **England, Germany and Europe.** Londres: Macmillan and Co, 1914. [artigo originalmente publicado na revista *Church Quaterly Review*, publicado posteriormente como panfleto de guerra]

HEADLAM, J. W. **Memoranda on Teaching and Organisation in Secondary Schools:** Modern European History. Board of Education, 1914. [Memorando para o Board of Education]

HEADLAM, J. W. **The Truth about England exposed in a Letter to a Neutral.** [s.l.: s.n.], 1915. [carta pessoal, original encontrada em arquivo, não publicada]

HEADLAM, J. W. **Committee on the Teaching of Modern Language in Great Britain**. [s.l.: s.n.], 1916. [Memorando para o Board of Education, cópia original encontrada em arquivo, não publicado]

HEADLAM, J. W. **Belgium and Greece**. New York: George H. Doran Company, 1917. [Panfleto de guerra]

HEADLAM, J. W. **The Dead Lands of Europe**. London: The Field & Queen LTD, 1917. [Panfleto de Guerra]

HEADLAM, J. W. **The Peace Terms of the Allies**. London: Richard Clay and Sons, 1917. [análise da situação de guerra, não acadêmico]

HEADLAM, J. W. **The Starvation of Germany**. New York: G. H. Doran Company, 1917. [Panfleto de Guerra]

HEADLAM, J. W. **Report on the Anglican Schools in Palestine**. [s.l.: s.n.], 1927. [relatório de viagem e visitas feitas na Palestina, original encontrado em arquivo, não publicado]

BIBLIOGRAFIAS:

ASSIS, A. A. Porque se escrevia História? Sobre a justificação da historiografia no mundo ocidental pré-moderno. In: SALOMON, Marlon. (org.). **Historia, verdade e tempo**. Chapecó: Argos, 2011.

ASSIS, A. A. **What is history for?** Johann Gustav Droysen and the Functions of Historiography. New York: Berghahn, 2014.

BENTIVOGLIO, J. A Historische Zeitschrift e a Historiografia Alemã do Século XIX. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 06, 2011, pp. 81-101.

BENTLEY, M. **Modernizing England's Past: English Historiography in the Age of Modernism, 1870–1970**. online ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2005.

BENTLEY, M. **The Liberal Mind 1914-1929**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BOBBIO, N. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000.

BREISACH, E. **Historiography: Ancient, Medieval & Modern**. 2nd edition. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CANNADINE, D.; KEATING, J; SHELDON, N. **The Right Kind of History: Teaching the past in Twentieth-Century England**. Basingstokes: Palgrave Macmillan, 2011.

CLARKE, J; OZGA, J. Governing by Inspection? Comparing School Inspection in Scotland and England. **Social Policy Association conference**, University of Lincoln, 2011.

DOCKRILL, M. L. The Foreign Office and the ‘Proposed Institute of International Affairs 1919’ (Historical Note). **International Affairs**, vol. 56, n. 4, 1980, pp. 665-672.

DOCKRILL, M. L.; STEINER, Z. The Foreign Office at the Paris Peace Conference in 1919. **The International History Review**, vol 2, n. 1, 1980, pp. 55-86.

DÖPCKE, W. “... Mas livra-nos da Culpa”: 100 Anos de Controvérsia sobre as Causas da Primeira Guerra Mundial. In: ARAÚJO, A. de M.; ASSIS, A. A.; DA MATA, S. (org) **Entre filosofia, história e relações internacionais**: escritos em homenagem a Estevão de Rezende Martins. São Paulo: LiberArs/SBTHH, 2017, pp.159-184.

EAGLESHAM, E. Implementing the Education Act of 1902. **British Journal of Educational Studies**, Vol. 10, No. 2, 1962, pp. 153-175.

EDMONDS, E. L. Inspection of Schools. **The Vocational Aspect of Education**, vol. 8, n. 16, 1956. pp. 65-72.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3. São Paulo: 1995.

GOLDSTEIN, E. Morley, Sir James Wycliffe Headlam- (1863–1929). **Oxford Dictionary of National Biography**, Oxford University Press, 2004. Disponível em: <<http://www.oxforddnb.com/view/article/33785>>

GOLDSTEIN, E. The Foreign Office and Political Intelligence 1918–1920. **Review of International Studies**, vol. 14, n. 04, 1988, pp. 275-288.

GOOCH, G. P. **History and Historians in the Nineteenth Century**. 3rd impression. Londres: Longmans, Green and Co., 1920.

GOOCH, G. P. Sir James Headlam-Morley. **Journal of the Royal Institute of International Affairs**, vol. 8, n. 5, 1929, pp. 410-412.

HAMILTON, K. A. The pursuit of ‘Enlightened Patriotism’: the British Foreign Office and Historical Researchers during the Great War and its Aftermath. **Historical Research**, v. 61, n. 146, 1988, pp.316-344.

JASMIM, M. G. História dos Conceitos e Teoria Política e Social: Referências Preliminares. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 57, 2005.

KEATING, J. Government Policy towards Secondary Schools and History Teaching 1900-1910. **History in Education Project**, 2009.

MACLEAN, M. History in a Two-Cultures World: The Case of the German Historians. **Journal of the History of Ideas**, Vol. 49, No. 3, 1988, pp. 473-494.

MARTEL, G. The Prehistory of Appeasement: Headlam-Morley, the Peace Settlement and Revisionism. **Diplomacy & Statecraft**, vol. 9, n. 3, 1998, p. 242-265.

MONGER, D. **Propaganda at Home**: Great Britain and Ireland. Berlin: Freie Universität Berlin, 2016. [Nota técnica].

PAYEN, P. A Constituição da História como Ciência no Século XIX e seus Modelos Antigos: Fim de uma Ilusão ou Futuro de uma Herança? **História da Historiografia**, n. 6, 2011, pp. 103-122.

PIMENTEL, A. O Método da Análise Documental: seu uso numa Pesquisa Historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, 2001, pp. 179-195.

ROBB, K. The Witness in Heraclitus and in Early Greek Law. **The Monist**, Vol. 74, No. 4, 1991, pp. 638-676.

ROBINSON, W. Historiographical Reflections on the 1902 Education Act. **Oxford Review of Education**, Vol. 28, No. 2/3, 2002, pp. 159-172.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa Documental: Pistas Teóricas e Metodológicas. **Revista brasileira de História & Ciências Sociais**, ano I, n. I, 2009, pp. 1-15.

SHARP, A. James Headlam-Morley: Creating International History. **Diplomacy & Statecraft**, vol. 9, n. 3, nov. 1998, pp. 266-283.

SHARP, A. Some Relevant Historians – the Political Intelligence Department of the Foreign Office, 1918-1920. **Australian Journal of Politics and History**, Vol. 34, n. 3, 1988, pp. 359-368.

SLIAK, S. W. "The Blood That Is in Our Veins Comes from German Ancestors": British Historians and the Coming of the First World War. **Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies**, Vol. 30, No. 2, 1998, pp. 221-252.

SILVA, L. DE J. **Historiografia Inglesa em Revista**: a English Historical Review e a história pensada no século XIX. Goiânia: UFG, 2013.

SKINNER, Q. **Visions of Politics**: Regarding Method. New York: Cambridge University Press, 2002. v. 1.

STUDDERT-KENNEDY, G. Christianity, Statecraft and Chatham House: Lionel Curtis and world order. **Diplomacy & Statecraft**, vol. 6, n. 2, 1995, pp. 470-489.

YEANDLE, P. **Citizenship, Nation, Empire**: The Politics of History Teaching in England, 1870-1930. Manchester: Manchester University Press, 2015.